

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

LÍVIA DE MELLO TRINDADE

**PLANTANDO IDEIAS E COLHENDO CONHECIMENTOS: UMA ANÁLISE DOS
DISCURSOS DO COLETIVO SOBRE A PERMACULTURA NA ECOVILA ARCA
VERDE EM SÃO FRANCISCO DE PAULA**

Porto Alegre

2023

LÍVIA DE MELLO TRINDADE

**PLANTANDO IDEIAS E COLHENDO CONHECIMENTOS: UMA ANÁLISE DOS
DISCURSOS DO COLETIVO SOBRE A PERMACULTURA NA ECOVILA ARCA
VERDE EM SÃO FRANCISCO DE PAULA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Bracagioli Neto

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Trindade, Livia de Mello

Plantando ideias e colhendo conhecimentos: uma análise dos discursos do coletivo sobre a permacultura na Ecovila Arca Verde em São Francisco de Paula /

Livia de Mello Trindade. -- 2023.

121 f.

Orientador: Alberto Bracagioli Neto.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Permacultura. 2. Sociedade. 3. Ecovila. 4. Discurso. I. Bracagioli Neto, Alberto, orient. II. Título.

LÍVIA DE MELLO TRINDADE

**PLANTANDO IDEIAS E COLHENDO CONHECIMENTOS: UMA ANÁLISE DOS
DISCURSOS DO COLETIVO SOBRE A PERMACULTURA NA ECOVILA ARCA
VERDE EM SÃO FRANCISCO DE PAULA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: 05 de dezembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alberto Bracagioli Neto – Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – PGDR)

Profa. Dra. Aline Reis Calvo Hernandez
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – PGDR)

Profa. Dra. Cláudia Herte de Moraes Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM)

Profa. Dra. Ângela Camana
Universidade Federal do Paraná (IRD/EHESS)

Dedico o meu trabalho a todos os que, apesar dos obstáculos, esperam um futuro melhor para o ambiente e para a sociedade. Aqueles que mantêm o otimismo e encontram prazer nas pequenas coisas da vida por serem esses pequenos prazeres que nos permitem realmente viver.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que estiveram ao meu lado durante essa jornada de pesquisa da dissertação, compartilhando comigo momentos de ansiedade, angústia, incertezas e felicidade.

Agradeço imensamente a meus pais, Jesuina e Manoel, pelo apoio constante em cada passo da minha vida, por seus sábios conselhos e o amor incondicional que sempre me deram.

Às minhas irmãs, Lidiane, Liana e Liara, agradeço de coração pelo afeto, companhia e suporte que me ofereceram durante esses dois anos de jornada. A crença de vocês em mim foi fundamental para seguir adiante.

Aos meus queridos amigos, com quem compartilhei os desafios desta temporada de pesquisa, agradeço de coração pelo apoio emocional que me proporcionaram. A amizade de vocês foi um pilar de força para mim nesse caminho.

À minha psicóloga Luiza, sou grata por todo o apoio fornecido ao longo da jornada, acompanhando-me com a psicanálise e ajudando-me a compreender melhor a mim mesma.

Ao meu orientador Alberto, agradeço de coração todo o auxílio durante a pesquisa, sua compreensão em relação à minha saúde e a orientação valiosa que recebi. Sem dúvida, sempre lembrarei do senhor como o professor inspirador que compartilhava com paixão os autores da literatura brasileira.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Programa de Desenvolvimento Rural, minha profunda gratidão por tudo o que foi oferecido. Sou grata pela oportunidade de aprendizado e pelo contato com pessoas incríveis ao longo desse percurso.

E, por último, agradeço com imenso carinho e lágrimas nos olhos a Lívia criança, que nunca desistiu de seus sonhos e se esforçou para viver em um mundo melhor. Hoje, vejo que ela realizou sonhos que pareciam inalcançáveis e isso me enche de orgulho.

Todos vocês têm um lugar especial em meu coração e contribuíram de maneira inestimável para esta conquista. Muito obrigado (a) por tudo!

A minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (Ailton Krenak).

Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei (Manoel de Barros).

RESUMO

A dissertação propõe um estudo de caso da comunidade do Instituto Arca Verde, uma Ecovila situada em São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul. Os objetivos delineados são: (1) Avaliar a consolidação dos princípios da permacultura na comunidade. (2) Investigar as práticas adotadas na Ecovila Arca Verde. (3) Analisar as percepções divergentes dos moradores e ex-moradores em relação à vivência coletiva. O estudo adota uma abordagem qualitativa e utiliza diversas estratégias, incluindo entrevistas com atuais e ex-residentes do Instituto Arca Verde. Além disso, a dissertação incorpora a Análise Crítica da Linguagem (ACD), fundamentada nas teorias de Michel Foucault, para explorar como a linguagem contribui para perpetuar ou desafiar as dinâmicas de poder na comunidade. O autor ressalta a importância de conceder voz às experiências comuns, adotando uma abordagem de "jornalismo etnográfico" que valoriza a subjetividade do jornalismo na apresentação de narrativas autênticas. Destaca-se a relevância de enfrentar desafios pessoais, como a pandemia de COVID-19 e questões de saúde, demonstrando resiliência e perseverança no decorrer da pesquisa. Como resultado, a autora enfatiza a contribuição para o avanço de uma sociedade mais equitativa e sustentável, particularmente em meio ao contexto político atual do Brasil. A dissertação conclama à investigação de soluções inovadoras e eficazes para as preocupações sociais, destacando a pesquisa comunitária como instrumento fundamental para compreender e abordar questões pessoais e sociais em busca de um futuro urgentemente sustentável.

Palavras-chave: Permacultura. Sociedade. Ecovila. Discurso.

ABSTRACT

The dissertation proposes a case study of the community of the Instituto Arca Verde, an ecovillage located in São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul. The objectives outlined are: (1) To evaluate the consolidation of permaculture principles in the community. (2) Investigate the practices adopted in the Green Ark Ecovillage. (3) Analyze the divergent perceptions of residents and former residents in relation to collective experience. The study adopts a qualitative approach and uses several strategies, including interviews with current and former residents of the Arca Verde Institute. In addition, the dissertation incorporates Critical Language Analysis (ACD), grounded in the theories of Michel Foucault, to explore how language contributes to perpetuating or challenging power dynamics in the community. The author emphasizes the importance of giving voice to common experiences, adopting an approach of "ethnographic journalism" that values the subjectivity of journalism in the presentation of authentic narratives. It highlights the relevance of facing personal challenges, such as the COVID-19 pandemic and health issues, demonstrating resilience and perseverance in the course of the research. As a result, the author emphasizes the contribution to the advancement of a more equitable and sustainable society, particularly in the current political context of Brazil. The dissertation calls for the investigation of innovative and effective solutions to social concerns, highlighting community research as a fundamental instrument to understand and address personal and social issues in search of an urgently sustainable future.

Key-words: Permaculture. Society. Ecovillage. Discourse.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - As três éticas da permacultura (cuidar da terra, cuidar das pessoas e cuidar do futuro) guiam os doze princípios de planejamento permacultura **Erro! Indicador não definido.**
- Figura 2 - Primeiros moradores em São José dos Ausentes59
- Figura 3 - Fluxograma econômico do Instituto Arca Verde62

LISTA DE SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	METODOLOGIA	18
3	DESCONSTRUINDO A HOMOGENEIDADE: A LIMINARIDADE COMO CAMINHO PARA A CONTRACULTURA, PERMACULTURA E ECOVILAS	22
3.1	ALÉM DA LIMINARIDADE: EXPLORANDO AS NUANCES DE UM CONCEITO ABRANGENTE.....	22
3.2	DESCOBRINDO A LIMINARIDADE NAS PRÁTICAS CULTURAIS COTIDIANAS.....	26
3.3	DESAFIANDO A LIMINARIDADE: CRÍTICAS E REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS.....	28
4	CONTRACULTURA E SOCIEDADE	31
4.1	CONTRA O QUE? POR QUE? COMO? O SURGIMENTO DA CONTRACULTURA E SUAS IMPLICAÇÕES.....	31
4.2	AS MÚLTIPLAS FACES DA CONTRACULTURA E SUAS INFLUÊNCIAS	33
4.3	O CONFRONTO ENTRE O NOVO E O VELHO: A BATALHA ENTRE O MOVIMENTO CONTRACULTURAL E A CULTURA TRADICIONAL.....	35
4.4	O FUTURO É CONTRA CULTURAL: COMO OS VALORES DA CONTRACULTURA ESTÃO MOLDANDO A SOCIEDADE	37
5	PERMACULTURA	40
5.1	OS FUNDAMENTOS ÉTICOS DA PERMACULTURA E SUA APLICAÇÃO PRÁTICA.....	40
5.2	A PERMACULTURA NA PRÁTICA.....	44
5.3	PERMACULTURA E SABERES TRADICIONAIS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO ENTRE DIFERENTES CONHECIMENTOS E PRÁTICAS.....	44
6	ECOVILAS	50
6.1	ECOVILAS E SUSTENTABILIDADE: OS PRINCÍPIOS E VALORES QUE IMPULSIONARAM O MOVIMENTO.....	50
6.2	ECOVILAS COMO LABORATÓRIOS DE INOVAÇÃO SOCIAL: EXPERIMENTANDO NOVAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E GOVERNANÇA	52

6.3	BENEFÍCIOS E DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO MAIS SUSTENTÁVEL.....	54
7	A JORNADA DE DESCOBERTAS NA ECOVILA ARCA VERDE	59
7.1	ESPAÇO E ESTRUTURA	59
8	A FALA DOS MORADORES	64
8.1	CARLOS.....	64
8.2	MATHEUS.....	67
8.3	MAURÍCIO.....	70
8.4	HELENA.....	72
9	COM A FALA OS EX-MORADORES	76
9.1	JOANA	76
9.2	TEODORO	77
9.3	FABIANA	79
9.4	ALICE	80
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS.....	84
	APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS AOS MORADORES DA ECOVILA	88
	APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS AOS EX-MORADORES DA ECOVILA	89
	APÊNDICE C – ENTREVISTA TRANSCRITAS	90
	APÊNDICE D – DISCURSO DOS EX-MORADORES	106

1 INTRODUÇÃO

A escrita da minha dissertação se conectou com as fibras do meu corpo no silêncio dessas páginas. Jornalista recém-formada de 23 anos, imersa em um mar de descobertas, me inscrevi na pós-graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS. Cada palavra escrita aqui foi como semente, plantada em uma cidade desconhecida onde apenas minha irmã era conhecida.

Mas havia uma pedra no caminho, um obstáculo incalculável. Sou portadora de fibromialgia e muitas vezes a dor transformou meus estudos, uma grande paixão, em agonia. Minha determinação nunca foi maior. A sede de conhecimento, alimentada pelo amor de construir uma história, superou as barreiras impostas. Minha pesquisa descobriu solo fértil para prosperar na Arca Verde, localizada no município de São Francisco de Paula. Cada momento passado neste cenário revelou-se como um poema em movimento. As cenas diante dos meus olhos apresentavam desafios e lutas para a reestruturação coletiva. Conflitos internos, como notas dissonantes, insistiam em desafinar a sinfonia da comunidade. Clarice Lispector, em sua sabedoria, afirmou que "viver junto é difícil, mas é o único caminho".

As paredes da Arca Verde guardam histórias de resistência, tecidas com fios de esperança e dedicação à sustentabilidade. Cada pessoa presente era um verso único com sua própria melodia, lutando para criar um futuro harmonioso. Mas também vi as contradições que surgiram. Assim como Manoel de Barros, que captou a essência do inusitado com sua poesia, vi conflitos internos ecoando nas entrelinhas. Era como se a sombra do ego lançasse uma penumbra sobre alguns moradores, ameaçando a harmonia do todo. Viver em uma Ecovila revelou-se uma arte intrincada, um poema que exigia paciência e compreensão para decifrar.

Nessa montanha-russa, expandi meu papel para além do de ser pesquisadora. Minha condição física e mental me tornara mais sensível às dificuldades que os habitantes da Arca Verde enfrentaram. Eles me ensinaram que, por trás das dificuldades, os corações batem em uníssono, ansiosos para superar as adversidades. Cada entrevista, conversa e momento passado com os moradores de Arca Verde foi um tesouro poético. Por meio desses encontros, percebi que minha pesquisa ultrapassou os limites acadêmicos e atingiu o meu coração subconscientemente. O desenvolvimento rural se traduz em uma sinfonia de relações

humanas, uma busca pela coletividade e uma conexão com a natureza, não apenas números e teorias.

Ao terminar esse capítulo da minha dissertação, as palavras dançam em minha cabeça como versos de um poema. A jornada foi difícil, mas cada obstáculo superado, cada lágrima derramada e noites mal dormidas assombradas de dor e ansiedade se tornaram a tinta que deu vida às páginas. A fibromialgia não conseguiu acabar com a minha sede de conhecimento, e os desafios da Arca Verde não conseguiram ofuscar a luz da esperança e dos sonhos.

Que esta dissertação seja mais do que uma simples escrita, seja para pensar em um futuro mais sustentável, para além da relação com a natureza, mas para a sustentabilidade das relações humanas, é um convite à união e à superação dos conflitos internos. Que a Arca Verde, como metáfora para todas as Ecovilas e comunidades, encontre sua bússola possível para a harmonia, resiliência e (re) florescimento coletivo.

As verdadeiras transformações acontecem por meio de histórias e diálogos compartilhados, aqui, que sejam exemplos para tomar medidas radicais para o resto dos anos a qual a humanidade ainda vive no planeta, o qual não cuida como lar e agora responde com eventos extremos e ebulição por falta de cuidado e negligência.

Esta viagem de estudos surge de um panorama em que muitas formas de viver se cruzam de formas distintas e diversas. Diante dos problemas cotidianos e dos paradigmas de crescimento, os grupos se moldam e resistem. Enquanto as forças produtivas perseguem a acumulação e o lucro a todo custo, explorando as pessoas, oprimindo as pessoas e destruindo a natureza, colocando em risco a vida do planeta, existem técnicas ligadas ao desenvolvimento e à sociedade que tentam conservar os ecossistemas sem criar destruição. Uma estratégia colaborativa que beneficia tanto o meio ambiente quanto as pessoas é o caminho a seguir. Nesse contexto, nossa pesquisa sugere métodos para estabelecer um futuro mais equitativo e sustentável que honre a diversidade de modos de vida e a interdependência dos seres humanos e do meio ambiente.

O estudo irá propor entender quais relações entre natureza e comunidade têm se constituído em torno das práticas e princípios permaculturais em uma Ecovila no município de São Francisco de Paula, no estado do Rio Grande do Sul, o Instituto Arca Verde. A comunidade nasceu no município de São José dos Ausentes/RS, e depois de 4 anos de atividades que geraram muitas transformações, ocorreu a

mudança para São Francisco de Paula, onde a localidade era mais expandida para receber mais pessoas, assim, concretizou-se a Ecovila Arca Verde.

A permacultura é uma verdadeira integração de ciências na ciência que visa despertar uma nova consciência da relação humana com a natureza. É mais do que apenas agricultura; é um modo de vida que busca a harmonia entre o ser humano e o meio ambiente, criando ciclos sustentáveis e fazendo uso responsável dos recursos naturais. O paradigma de crescimento atual é inquestionavelmente insustentável, caracterizado pela exploração excessiva dos recursos naturais e desprezo pelas regras fundamentais da natureza. A permacultura, por outro lado, surge como a cura para as questões de hoje, direcionando-nos para um futuro mais bem-sucedido e duradouro mediante uma abordagem sistêmica que cultiva o florescimento de todas as formas de vida.

Para preservar nosso lar, a Terra, é preciso adotar uma mentalidade de cuidados paliativos, em que cada indivíduo assume sua responsabilidade na construção de um futuro mais justo e sustentável. Esta pesquisa se propõe a apresentar a permacultura como uma alternativa viável e efetiva para alcançar esse objetivo.

O relatório Brundtland (1987) caracterizou o desenvolvimento sustentável como um divisor de águas nas estratégias de desenvolvimento global. O relatório, também conhecido como “Nosso Futuro Comum”, foca na preservação ambiental e justiça social. Este conceito pioneiro de desenvolvimento sustentável enfatizou a necessidade de satisfazer as demandas do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades, e tem sido amplamente adotado em todo o mundo. Desde então, a influência do relatório tem sido visível em muitas políticas e esforços mundiais destinados a criar uma sociedade mais sustentável (Machado e Santos, 2010).

A escolha de ingressar em um programa de pós-graduação multidisciplinar foi fundamental para o aprofundamento desses questionamentos e para a construção de uma visão crítica e reflexiva acerca da nossa cultura, fortemente baseada em uma sociedade vítima do colonialismo. Ao lado de colegas e professores, aprendi a pensar de maneira mais ampla e a questionar os modelos hegemônicos que nos são impostos.

A utilização do eu-corporal e da subjetividade nesta pesquisa foi uma viagem por oceanos infinitos de sabedoria e informações obtidas mediante livros de

renomados jornalistas e muitos artigos fascinantes. Esta abordagem estratégica permitiu-me incorporar a minha consciência no estudo, tornando-o mais autêntico e enriquecedor. O processo de desenvolvimento deste estudo colaborativo foi uma viagem emocionante cheia de dificuldades e lições que abriram novos caminhos para o pensamento crítico e meditação sobre nossa relação fundamental com o meio ambiente e a sociedade em que vivemos.

Ao longo da elaboração desta dissertação, uma certeza permanece presente: minha formação como jornalista não é uma característica menor, mas um componente vital da riqueza e autenticidade deste estudo. Encarei a viagem como uma grande reportagem científica, com a busca por uma diversidade de saberes servindo de combustível que complementa o referencial teórico e a análise dos dados. As buscas bibliográficas foram consideradas investigações reais, necessitando por vezes de aprofundamento e questionamentos ousados. Conduzir as entrevistas com as fontes com a mesma competência com que o áudio é captado na investigação jornalística e, ao escrever sobre os temas abordados, utilizei os sentidos subjetivos de um jornalista-pesquisador para produzir uma escrita crítica, engajada e profundamente motivadora.

Essa abordagem híbrida, que combina abordagens do jornalismo e da investigação científica, permitiu um exame mais completo, profundo e autêntico do assunto em consideração.

Ao longo do caminho, encontrei uma série de obstáculos que testaram minha perseverança, adaptabilidade e coragem. Tive que lidar com o ambiente global da pandemia da Covid-19, que mudou como aprendemos e trabalhávamos ao nos restringir a telas de computador e dificultar a interação física. Além disso, como aluno de pós-graduação, fui acometido pela incapacidade de realizar trabalhos científicos que exigiam laboratórios e trabalhos de campo. Também, como portadora de fibromialgia passei por crises durante o período de pesquisa, essa batalha foi consideravelmente mais dura para mim. Ao invés de desistir, optei por focar na minha saúde mental e física, aprendendo a respeitar meus próprios limites e valorizando cada pequeno passo à frente. Esse evento me mostrou que a busca pelo conhecimento exige não apenas esforço intelectual, mas também cuidado e autoconhecimento.

Como objetivo geral, temos neste estudo analisar as práticas e discursos dos moradores e ex-moradores do Instituto Arca Verde com relação à permacultura. Já os objetivos específicos são três, (1) identificar o grau de consolidação dos princípios da

permacultura; (2) observar as diferentes práticas aplicadas na Ecovila Arca Verde; (3) analisar a percepção contrastiva dos moradores e ex-moradores diante da vivência do coletivo

A escolha da metodologia para a presente pesquisa representou um desafio significativo, uma vez que exigiu uma abordagem intuitiva e reflexiva acerca das diversas opções metodológicas disponíveis. Nesse contexto, foi identificada a pesquisa narrativa, em específico a etnografia, como peça-chave para a realização do estudo. De acordo com Rocha e Eckert (2008), a pesquisa etnográfica visa produzir conhecimento acadêmico por meio da interação entre o (a) pesquisador (a) e o (s) sujeito (s) pesquisado (s). Estes interagem no contexto, recorrendo principalmente a técnicas de pesquisa como a observação direta, conversas informais e formais, além de entrevistas não-diretivas. Essa escolha metodológica permitiu uma maior imersão na realidade estudada, proporcionando uma compreensão mais ampla e aprofundada dos fenômenos e processos em questão.

Também foi feito um questionário semiestruturado contendo perguntas as quais foram respondidas via gravação de áudio, tanto para os moradores da ecovila, quanto para os ex-moradores, que realizei as entrevistas via Google Meet.

Durante minha graduação em jornalismo, tive a oportunidade de desenvolver uma metodologia de trabalho que se baseia na necessidade de fornecer detalhes adicionais em uma reportagem, em comparação com uma simples notícia. Nesse contexto, percebi que a objetividade do contato com a fonte é crucial para cobrir a pauta eficientemente, resultando em um material aprofundado capaz de gerar impacto na sociedade.

No jornalismo, a subjetividade é uma característica intrínseca, uma vez que cada jornalista traz consigo suas próprias crenças, valores e visões de mundo para o processo de produção de notícias. Essa subjetividade pode se manifestar de diferentes maneiras, seja na escolha dos temas, na seleção de fontes ou na forma de apresentar a informação ao público. No entanto, é fundamental que a subjetividade não comprometa a veracidade e a imparcialidade dos fatos relatados, princípios fundamentais do jornalismo ético e responsável.

Segundo a jornalista e socióloga Fabiana de Moraes (2015), a subjetividade vinculada à prática jornalística tem a qualidade de aproximar outras áreas de conhecimento, como a antropologia, história, filosofia e ciência política. A autora ainda afirma que pensar o jornalismo de maneira filosófica é entendê-lo como potencial:

Para absorver essas questões e, mais ainda, colocá-las em prática no exercício diário da profissão, o jornalista – aqui estamos falando de ética, filosofia e subjetividade – deve estar atento a si mesmo, confrontando continuamente seu cabedal ético e moral, ou seja, sua visão particular de mundo, com aquilo que está posto no cotidiano, os fenômenos que nem sempre podem ser explicados de acordo com princípios morais específicos. (Moraes, 2015, p.199).

Resumindo, como pesquisadora-jornalista, adoto nuances da abordagem do "jornalismo etnográfico", cunhada pelo teórico francês Érik Neveu em suas obras sobre a sociologia do jornalismo. Essa metodologia envolve um maior investimento de tempo e pesquisa, e tem como principal característica a valorização das histórias e experiências das "pessoas comuns" ou "pessoas de baixo" na hierarquia social ou estilo de vida.

Também, ao ter contato com José de Souza Martins (1998), percebi em seu artigo, o interesse pela sociologia na vida cotidiana decorre de um declínio nos sonhos por um novo mundo caracterizado pela justiça, liberdade e igualdade. O autor afirma que essa tentativa de entender a vida comum indica uma descrença na capacidade do ser humano de determinar seu próprio destino, que ele atribui às ilusões da sociedade capitalista. Ele afirma que a vida comum se tornou um paraíso para os indivíduos que estão insatisfeitos com um futuro incerto, para viver no presente apaixonadamente, que ele liga com a sociologia pós-moderna.

Martins (1998) também explora as discontinuidades no cotidiano, que podem levar a momentos de criação e revolta. Ele discute como a reprodução social envolve não apenas a reprodução das relações sociais, mas também a produção de contradições sociais. Ele enfatiza que a vida cotidiana é um lugar onde as contradições sociais podem surgir e onde a transformação do impossível em possível pode ocorrer.

Assim, creio que cada indivíduo tem uma história única e valiosa para contar, e é meu papel como jornalista dar voz e visibilidade a essas histórias. É através desse jornalismo empático e humanizado que podemos realmente conectar com as pessoas e promover mudanças positivas na sociedade.

2 METODOLOGIA

Esta dissertação é um estudo de caso etnográfico baseado em uma metodologia qualitativa. Durante o processo, nos esforçamos para dar voz aos habitantes e ex-residentes do Instituto Arca Verde, a fim de desafiar concepções cristalizadas e construir um compromisso para compreender as relações entre o eu e o outro, o sujeito e o objeto (Bochner, 2016; Allen-Collinson, 2016)

Várias atividades foram realizadas para adquirir e verificar dados, como determinar o número de habitantes atuais e contatar antigos moradores para entrevistas remotas. Durante a imersão no Instituto, foram realizadas entrevistas por meio de um formulário elaborado para melhor conhecer o perfil da comunidade, que incluía questões de múltipla escolha. As decisões, preferências, opiniões e restrições dos residentes também foram exploradas por meio de questões dissertativas. O mesmo questionário foi utilizado para entrevistar ex-moradores, com exceção de uma questão para entender melhor suas motivações para deixar a Ecovila.

Além disso, este estudo aplica a Análise Crítica do Discurso (ACD), que se baseia fortemente nas contribuições teóricas de Michel Foucault, particularmente sua concepção de poder e a ligação entre discurso e poder. A ACD é fundada na noção de que o discurso não é neutro, mas sim um local de luta de poder em que vários agrupamentos sociais contestam a hegemonia e se esforçam para impor suas visões de mundo e valores. A ACD está interessada em explorar como o discurso é usado para sustentar e perpetuar as relações de poder na sociedade, bem como pode ser usado para resistir a essas relações de poder.

Fairclough (2013) define a ACD como "investigar como o discurso é usado em vários contextos sociais e históricos para produzir efeitos de dominação, discriminação e exclusão". Uma das preocupações fundamentais da ACD é a análise do discurso nos seus contextos sociais e históricos, tendo em conta as dinâmicas de poder existentes nessas situações. Wodak e Meyer (2009) definem a Análise Crítica do Discurso como "um fenômeno social e histórico, que é produzido e utilizado em contextos específicos e está vinculado a relações sociais e políticas mais amplas".

A ACD também está interessada em examinar como a fala pode ser utilizada para desafiar os arranjos de poder existentes na sociedade. Fairclough (2013) define ACD como "a identificação de formas alternativas de discurso que podem desafiar e subverter as relações de poder dominantes". Assim, a Análise Crítica do Discurso é

um método teórico que visa explicar como o discurso é usado para sustentar e reproduzir as relações de poder na sociedade, considerando fatores sociais e históricos. A ACD também está interessada em identificar tipos alternativos de discurso capazes de desafiar e subverter as atuais relações de poder.

Além disso, o filósofo Michel Foucault se interessava pela relação entre discurso e poder, mas sua metodologia difere da Análise Crítica do Discurso. Em vez de se concentrar nas relações de poder replicadas pelo discurso, Foucault se concentra nas relações de poder existentes nas práticas discursivas, ou seja, em como o discurso é gerado, distribuído e recebido em várias situações sociais e históricas.

Foucault cunhou o termo "dispositivo de poder-conhecimento" para descrever como as práticas discursivas são um aspecto intrínseco das relações sociais de poder. Um dispositivo de poder-conhecimento é uma coleção de práticas, instituições, discursos e estratégias que trabalham juntas para gerar conhecimento e poder em um ambiente social particular.

Assim, enquanto o ACD enfoca a fala como um local de luta pelo poder, Foucault enfatiza as práticas discursivas como um aspecto intrínseco das relações de poder da sociedade. Ambas as abordagens concordam que o discurso não é neutro e que deve ser analisado em seus contextos sociais e históricos para compreender suas ramificações políticas e sociais.

Segundo Foucault (2012), a estrutura social desempenha um papel significativo na transmissão de valores e ideais por meio do discurso. A sociedade converte a fala em uma expressão oficialmente aceita e socialmente reconhecida por meio de rituais e procedimentos de validação. Esses procedimentos de validação garantem que os valores e conceitos dominantes na sociedade sejam mantidos.

A importância dos argumentos oferecidos para a compreensão do impacto dos discursos no Instituto Arca Verde é clara, ao terem uma influência considerável nas conexões interpessoais e na criação da identidade da comunidade. Nesse sentido, entender o papel do discurso na sociedade é fundamental para possibilitar uma análise mais crítica e reflexiva das práticas discursivas adotadas na comunidade. Elas têm o objetivo de promover um ambiente de diálogo saudável e produtivo, que contribua para o fortalecimento da coesão social e a construção de uma comunidade mais consciente e engajadas.

Nesse texto, foi optado por usar nomes fictícios nas entrevistas com os moradores e ex-moradores do Instituto Arca Verde. Pelas palavras de Despret (2011), ele nos incentiva a ver o anonimato como um componente crítico na formação do conhecimento, não sendo apenas para ocultar as identidades dos sujeitos, mas de reconhecer seu valor fundamental na pesquisa. O autor nos diz que a pesquisa é mais do que apenas coletar dados impessoais; é uma oportunidade para estudar como os sujeitos contribuem ativamente para o desenvolvimento do conhecimento.

Ao adotar essa abordagem, reconhecemos que os nomes são mais do que apenas ferramentas de identificação; eles também são aspectos performativos. Eles não são estáticos; no contexto das conversas, eles ganham vida e se tornam significativos.

Como resultado, nossa decisão de adotar nomes fictícios não é apenas um método para preservar a identidade, mas também uma maneira de sublinhar a participação ativa dos indivíduos na formação do conhecimento. Reconhecemos o potencial de proliferação da história através desses nomes e evitamos estereótipos, permitindo a criação de uma gama diversificada de vozes e opiniões do Instituto Arca Verde.

Em um mundo que exige soluções imediatas tanto no nível pessoal quanto no social, tentar compreender as complexidades das conexões humanas em uma Ecovila requer coragem e resiliência. E não diferiu da minha própria vida, cheia de questões pessoais que poderiam facilmente desviar minha atenção do meu objetivo. Porém, sinto ser justamente nesses momentos que devemos buscar forças para seguir em frente, fortalecendo nossos talentos e superando nossos limites.

Afinal, como diria o poeta Fernando Pessoa, "tudo vale a pena se a alma não é pequena". E é com essa convicção de pessoa admirada pela magia do desconhecido, que compartilho com vocês os achados desta pesquisa no intuito de contribuir para uma sociedade mais justa e sustentável, diante de um governo passado traumático em nossa nação, é fundamental que nos dediquemos a criar uma nova realidade em que cada indivíduo seja valorizado e reconhecido por sua dignidade e direitos básicos.

Neste momento de renascimento e reconstrução, devemos nos erguer com coragem e empenho em busca de um futuro mais justo e próspero para todos. Que nossas atividades sejam conduzidas pela criatividade e engenhosidade, enquanto buscamos respostas viáveis e efetivas para os desafios sociais que nos afetam. E é

somente com determinação e resistência que podemos construir uma nova história para o Brasil, no qual a qualidade de vida e o bem-estar sejam direitos inerentes a todo cidadão.

3 DESCONSTRUINDO A HOMOGENEIDADE: A LIMINARIDADE COMO CAMINHO PARA A CONTRACULTURA, PERMACULTURA E ECOVILAS

Neste capítulo será abordado sobre o conceito de liminaridade, e de como a teoria se aplica no cotidiano

3.1 ALÉM DA LIMINARIDADE: EXPLORANDO AS NUANCES DE UM CONCEITO ABRANGENTE

“No presente a mente, o corpo é diferente E o passado é uma roupa que não nos serve mais” (Belchior, 1976).

A definição antropológica de liminaridade retrata um estado de fluxo, um período de limbo entre dois estados sociais ou culturais, no qual as normas e convenções ordinárias são suspensas ou temporariamente modificadas. Turner (1974) defendeu a liminaridade como um império de ambiguidade, irresolução, desorganização e caos. Essa condição de transição é atribuída por rituais e cerimônias que refletem a passagem do indivíduo de uma posição social a outro compartilhados por várias civilizações e sociedades.

Essa pesquisa recebeu muita atenção na antropologia, mas também é relevante na psicologia, na sociologia e nos estudos culturais. A importância da liminaridade decorre do fato de permitir uma compreensão mais aprofundada dos processos de mudança social e cultural, bem como dos mecanismos de adaptação e resistência às novas mudanças.

Devido aos meus estudos sobre Ecovila e permacultura, os quais são campos que exploram novas formas de vida e estrutura social, considerando a sustentabilidade e a preservação ambiental. A liminaridade pode ser definida como um período de transição para um novo estilo de vida e organização social, sendo uma ferramenta útil para a compreensão dos processos de mudança e transformação que ocorrem nas comunidades e Ecovilas.

Segundo Turner (1974), a liminaridade é um estado de possibilidades. Este é um conceito crítico que minha dissertação investiga para entender como os tempos de transição podem ser usados para gerar transformação e mudança. Minha análise dos discursos produzidos por membros e ex-integrantes do Instituto Arca Verde

durante esses períodos de transição pode ajudar a compreender melhor os processos de transformação social e cultural, incluindo práticas sustentáveis e preservação ambiental. Podemos usar o potencial da liminaridade para gerar novas possibilidades e modificar a realidade ao nosso redor se compreendermos seu potencial.

Segundo Victor Turner, a liminaridade é uma fase transitória presente em ritos de passagem como casamentos, funerais e iniciações. Nesse período, o indivíduo é retirado de sua vida cotidiana e submetido a diversas provas e dificuldades a fim de colocá-lo em uma nova condição social. O antropólogo destaca a relevância da liminaridade na formação de uma nova identidade social, que se dá por meio de um processo de “comunhão liminar” nesse ambiente. Esse processo envolve conversas e compartilhamento de experiências entre pessoas em estado liminar. É fundamental sublinhar que a liminaridade deve ser vista não apenas como uma fonte de desconforto e insegurança, mas também como uma chance de gerar novas possibilidades e reformular a realidade social e cultural. Dessa forma, conhecer a liminaridade pode ser uma ferramenta útil para a compreensão dos processos de transformação social, como as Ecovilas e a permacultura.

A teoria está relacionada a outras teorias antropológicas, como a teoria da estruturação de Anthony Giddens. Segundo Giddens (1984), as pessoas são agentes ativos na criação e manutenção de normas sociais, e esses padrões são continuamente negociados e desafiados em uma variedade de interações sociais. Como num passe de mágica, a liminaridade é responsável por quebrar regras sociais e estabelecer um novo universo. É um momento em que as regras consuetudinárias são suspensas, permitindo a formação de novas identidades e ideias. Essa abertura é a chave para a transformação e mudança social, permitindo que as pessoas explorem novos caminhos e enfrentem crenças antigas.

Na antropologia, a liminaridade é mais do que apenas um meio de se rebelar contra as normas sociais; também desempenha um papel importante na formação de comunidades. A comunidade, segundo Turner (1969), é formada por um sentimento compartilhado de pertencimento, que se constrói por meio de experiências liminares. Essas experiências, que incluem a suspensão temporária dos padrões sociais tradicionais, fomentam laços de solidariedade entre indivíduos que passam pelo mesmo processo de transformação. Assim, a liminaridade é um componente, chave na formação e manutenção da comunidade, enfatizando a importância da solidariedade como uma faceta fundamental da existência social.

A liminaridade, como condição de transição caracterizada pela suspensão temporária das normas e hierarquias sociais existentes, serve como um momento de experimentação social, permitindo que os indivíduos testem a relativa liberdade e passem por transformações pessoais. Isso é visto nos ritos de passagem, nos quais as pessoas são instadas a suspender as convenções sociais para fazer uma jornada de crescimento interior.

A liminaridade promove um senso de comunidade entre aqueles que a vivenciam. As pessoas se reúnem em torno de um objetivo comum durante esta fase, o que pode ajudar a superar a sensação de incerteza e instabilidade que define este momento permanente (Turner, 1969). É um estado temporário que pode levar a uma situação posterior em que as regras sociais e a hierarquia são restauradas. A reintegração social acontece no final da liminaridade, em que os indivíduos são reintegrados na sociedade com uma nova identidade e status (Turner, 1969). Esse processo de transição seja uma chance de renascimento e desenvolvimento, permitindo que os indivíduos e a sociedade evoluam e se transformem indefinidamente.

A liminaridade pode ser vista nas cerimônias de iniciação de várias culturas, como na civilização Xhosa da África do Sul, onde os jovens passam por uma cerimônia de circuncisão e isolamento durante a qual são educados sobre a vida adulta e a importância da comunidade (Viljoen, 2017). Acredita-se que os jovens estejam "entre dois mundos" durante esse período de reclusão, em que as convenções sociais são temporariamente suspensas e eles são instados a pensar sobre seu lugar na sociedade junto a problemas físicos e mentais, além de ser ensinado sobre padrões sociais e comportamentais para a vida adulta.

Outra forma de liminaridade pode ser encontrada em festas populares, como o carnaval brasileiro, onde as hierarquias sociais são temporariamente invertidas e os padrões sociais são suspensos em nome do entretenimento. (DaMatta, 1987). As pessoas são incentivadas a se expressar de forma diferente do que é permitido na vida normal durante esse período, em um ambiente de igualdade social, visando se reintegrar à sociedade com um novo ponto de vista e compreensão das normas sociais e hierárquicas. Após as festividades, as pessoas regressam às suas rotinas normais, mas com uma nova perspectiva da vida social e com capacidade para desafiar as normas estabelecidas.

Experiências religiosas, como a viagem a Meca durante o Hajj, em que milhões de muçulmanos de todo o mundo descem à cidade sagrada, também podem ser consideradas exemplos de liminaridade. (Rosendahl, 2008). Os indivíduos estão em um estado de transição durante esse período, abandonando brevemente as convenções sociais para participar de um ritual que os coloca em contato próximo com o divino. Essa curta suspensão dos padrões sociais cria um lugar de transformação e rejuvenescimento, permitindo que as pessoas se conectem com sua espiritualidade e redescubram um sentido revitalizado de propósito e significado (Turner, 1969).

A liminaridade é um estado suspenso no ar onde as regras e hierarquias sociais são brevemente desconsideradas. Podemos ver como essa condição transitória pode ser observada em diversas situações culturais e sociais, e como ela cria uma chance para as pessoas vivenciarem e refletirem sobre seu papel na sociedade, mediante exemplos como o carnaval, a peregrinação a Meca e o Xhosa ritual da circuncisão. Cada incidência de liminaridade é única e fornece à antropologia e a outros campos de estudo uma visão útil sobre a complexidade do comportamento e da cultura humana.

Além disso, a liminaridade é vista como uma fonte de renovação social, ao permitir que as normas e hierarquias sociais sejam momentaneamente suspensas, permitindo o surgimento de novas ideias e práticas. Turner (1969) descreve a liminaridade como um período de "comunicação e interação intensiva entre indivíduos e grupos que normalmente estão separados".

Além disso, a liminaridade é vista como uma fonte de renovação social, ao permitir que normas e hierarquias sociais sejam temporariamente suspensas, permitindo o nascimento de novas ideias e práticas. Turner (1969) define a liminaridade como um momento de "comunicação intensiva e interação entre indivíduos e grupos que normalmente são separados."

As redes sociais, segundo esses autores, são fundamentais para entender os laços de poder e prestígio na sociedade, bem como essas relações podem ser modificadas por meio do contato e da comunicação entre diferentes grupos sociais. Coleman, por exemplo, afirma que o contato entre indivíduos e grupos de recursos e habilidades variados pode resultar na produção de capital social, que pode então ser usado para melhorar a vida dos indivíduos e da comunidade na totalidade. Por sua vez, Bourdieu destaca o papel do capital social na construção de novas identidades sociais e culturais que podem ser utilizadas para desafiar as desigualdades sociais

atuais e estimular a mobilidade social. Em suma, esses autores consideram a interação intensiva entre diversos grupos como condição necessária para a transformação social e a criação de uma sociedade mais equitativa e igualitária.

3.2 DESCOBRINDO A LIMINARIDADE NAS PRÁTICAS CULTURAIS COTIDIANAS

A importância da liminaridade pode ser encontrada em muitos campos de estudo, incluindo literatura, psicologia, sociologia e estudos culturais. No mundo literário, por exemplo, a liminaridade é considerada um período de profunda metamorfose para o personagem, durante o qual ele abandona sua identidade anterior e obtém uma nova. Na psicologia, a liminaridade é definida como um momento de transição durante o qual os indivíduos podem experimentar grandes mudanças em sua perspectiva de si e do mundo ao seu redor.

Enrique Pichon-Rivière fornece uma teoria psicossocial denominado "grupo operativo" no campo da psicologia social, que se baseia no conceito de que o indivíduo é um ser que está sempre em estado de mudança e dependência com o meio em que se encontra inserido. Segundo esse ponto de vista, a liminaridade é um estado transitório no qual a pessoa pode sofrer modificações em sua auto concepção e relação com o mundo que a cerca.

O grupo operacional, segundo Pichon-Rivière (1985), é um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento pessoal e social que se destaca pela execução de tarefas específicas e reflexão sobre o processo de trabalho em equipe. O autor destaca que a liminaridade é um estado transitório onde o indivíduo é forçado a enfrentar novas circunstâncias e reconsiderar seus valores e crenças. Segundo Pichon-Rivière (2009, p. 39), "a tarefa crucial do grupo operativo é auxiliar o sujeito a se reposicionar em relação a si e ao mundo". Segundo o autor, a fase liminar é um momento de imenso potencial para o desenvolvimento pessoal e a criação de novas possibilidades, uma vez que as convenções e hierarquias sociais são momentaneamente interrompidas, permitindo a abertura de novos olhares e experiências. Assim, o grupo operacional é um lugar privilegiado de desenvolvimento pessoal e social para Pichon-Rivière, a partir da compreensão do significado da liminaridade como momento de transição e transformação.

Segundo Pichon-Rivière (1985), a liminaridade significa uma fase de crise que pode ser vista sob vários pontos de vista, seja positiva ou negativamente. No entanto, para este autor, a crise pode ser vista como uma chance de mudança pessoal e social, desde que o indivíduo esteja disposto a enfrentar as emoções e os conflitos que surgem durante o processo. Assim, a liminaridade é considerada um momento de transição na perspectiva psicológica de Pichon-Rivière, em que os indivíduos podem sofrer grandes mudanças em sua visão de si e do mundo, configurando um momento de aprendizado e transformação, tanto pessoal quanto social.

Na literatura, a liminaridade é um dispositivo narrativo recorrente usado para retratar personagens em pontos de transição ou transformação em suas vidas. Segundo Campbell (2008), as histórias de jornadas épicas começam frequentemente com um personagem em estado de ordem rapidamente arrastado para uma condição de caos e incerteza, na qual deve enfrentar uma série de obstáculos que o levarão à transformação e ao crescimento pessoal. A liminaridade é, assim, um estado que permite o reexame das estruturas sociais e pessoais, capaz de desafiar e reconfigurar a ordem pré-estabelecida e permitir ao indivíduo atingir novos patamares de compreensão e aperfeiçoamento. A literatura capta a complexidade da experiência humana em momentos de crise e transformação através da representação da liminaridade, permitindo uma reflexão profunda sobre a natureza da mudança e do progresso pessoal.

Além disso, a literatura, segundo Turner (1974), é um modo de expressão que permite às pessoas investigar a liminaridade e suas ramificações. Ele afirma que "a arte é um dos caminhos privilegiados para explorar a experiência liminar" (Turner, 1974; p. 147) e que "a liminaridade é frequentemente usada como tema ou elemento nas obras dos artistas". A literatura e a arte podem ser usadas para investigar a liminaridade, sendo um estado de transição onde os limites se tornam indistintos. Este tema é frequentemente utilizado por artistas para investigar os limites da cultura, identidade e realidade, permitindo-nos mergulhar nas profundezas da nossa existência. Assim, a literatura é uma ferramenta poderosa para compreender a natureza humana e investigar as limitações de nossa existência.

O estudo da liminaridade na literatura é uma excelente ilustração da capacidade de um escritor de retratar tempos de metamorfose e transição em seus personagens. O romance de J.D. Salinger (2020), "O apanhador no campo de centeio", no qual o protagonista Holden Caulfield é retratado em uma condição de

liminaridade, sentindo-se perdido e sem direção após ser expulso da escola, é um exemplo ilustrativo desse estilo. Caulfield é desafiado por uma série de provas ao longo da história que o auxiliam a se desenvolver e amadurecer, culminando em um rejuvenescimento pessoal. Esta amostra literária mostra como a liminaridade pode ser usada como uma estrutura narrativa para enfatizar a importância da transformação e crescimento pessoal em tempos de transição.

A célebre obra “Memórias de Minhas Putas Tristes” do renomado escritor Gabriel Garcia Marquez é outro exemplo que mostra o uso da liminaridade como dispositivo narrativo. A peça apresenta o personagem principal, um jornalista idoso que se encontra em estado liminar após passar uma noite com uma jovem prostituta. O protagonista é confrontado com as suas próprias preocupações e limites nesta experiência, e é abruptamente obrigado a refletir sobre a efemeridade da vida humana.

3.3 DESAFIANDO A LIMINARIDADE: CRÍTICAS E REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS

Apesar de sua ampla aplicação em antropologia e estudos culturais, a teoria da liminaridade é frequentemente criticada por sua incapacidade de descrever a dinâmica complexa de comunidades e culturas. De fato, outros afirmam que a abordagem liminar pode ser insuficiente para representar a complexidade e a diversidade das experiências humanas, uma vez que se concentra em tempos de transição e transformação, ignorando os componentes comuns e permanentes da vida social. Tais preocupações, no entanto, não devem ofuscar a importância da liminaridade como uma poderosa ferramenta analítica para analisar processos de mudança e tensões na sociedade moderna.

A crítica mais comum dirigida à teoria da liminaridade é que ela pode levar a análises simplificadas das civilizações, ignorando sua complexidade e heterogeneidade. A teoria da liminaridade, segundo Geertz (1973), é uma supergeneralização que pode levar a um conhecimento limitado das culturas. Ao invés de categorizar comportamentos culturais, Geertz enfatiza a importância de se aprofundar nos vários níveis de significado que cada um contém. Além disso, o autor afirma que a teoria da liminaridade ignora a variação histórica e cultural nas atividades

liminares, que podem variar muito entre as culturas. Compreender esses atos, portanto, requer um exame cuidadoso de suas configurações específicas e históricas.

Para resumir, as atividades liminares não podem ser generalizadas em uma única teoria que possa ser aplicada uniformemente a todas as culturas.

Outra crítica é que a teoria da liminaridade pode levar a uma percepção utópica ou romantizada de algumas atividades culturais, ignorando suas complexidades intrincadas e às vezes contraditórias. Segundo Abu-Lughod (1991), é necessário analisar criticamente as práticas culturais em seus contextos históricos e políticos, a fim de evitar idealizações excessivas que distorçam as percepções das culturas. O autor afirma que as dinâmicas de poder e as instituições sociais específicas afetam as práticas culturais, e que investigar essas dinâmicas é essencial para uma compreensão significativa delas. Ela também argumenta que a teoria pode ignorar questões fundamentais de desigualdade e opressão que existem nas culturas se as práticas culturais forem idealizadas. Como resultado, é necessária uma consciência crítica das culturas, considerando suas complexidades e paradoxos.

Além disso, alguns críticos argumentam que a teoria da liminaridade é eurocêntrica, com uma compreensão limitada das civilizações ocidentais. Segundo Boon (1982), as atividades culturais devem ser consideradas em seu contexto específico, sem recorrer a uma abordagem eurocêntrica ou universalista. Cada cultura tem suas próprias tradições, valores e modos de vida que devem ser reconhecidos e aceitos em seus próprios termos e não por critérios externos ou preconcebidos. Ele diz que muitas análises iniciais de liminaridade foram centradas em exemplos da Europa e da América, o que pode levar a uma imagem limitada e imprecisa dos comportamentos culturais em outras regiões do mundo. Segundo Boon, é fundamental estudar as atividades culturais em seus contextos particulares, em vez de usar conceitos eurocêntricos. Além disso, ele afirma que, embora a teoria da liminaridade possa ser valiosa como ferramenta analítica, ela deve ser usada com cautela e sensibilidade cultural.

Independentemente das críticas, é fundamental observar que a teoria da liminaridade continua sendo uma ferramenta útil para analisar comportamentos culturais e sociais em diversos contextos. Como Turner (1987) aponta, a teoria da liminaridade deve ser compreendida em seu contexto histórico e cultural para evitar a simplificação excessiva e o euro centrismo.

Assim, a noção de liminaridade se oferece como um termo crucial para compreender a complicada dinâmica cultural e social. Um conhecimento mais aprofundado e profundo de como as culturas e comunidades se desenvolvem e se renovam pode ser estabelecido analisando os momentos de transição e liminaridade. No entanto, como demonstrado neste capítulo, a teoria tem limitações e falhas, particularmente em sua tendência a construir análises simplificadas e idealizadas das práticas culturais. Nesse sentido, é fundamental aprofundar a reflexão sobre as especificidades culturais e históricas dos comportamentos liminares, a fim de evitar categorizações eurocêntricas e estereotipadas. É vital obter uma consciência crítica e matizada das culturas e suas práticas.

Usando a teoria da liminaridade como lente analítica para analisar a fala dos moradores e ex-moradores da Ecovila, emergem limiares críticos que demarcam momentos-chave de transição, como a decisão de entrar ou sair da comunidade. Podemos compreender melhor os motivos e experiências individuais, bem como as dinâmicas coletivas que permeiam a Ecovila em questão, analisando meticulosamente esses períodos liminares. Essa abordagem analítica fornece uma compreensão mais profunda e completa das complexidades da Ecovila, permitindo-nos ver além dos limites da comunidade e imaginar ramificações maiores que transcendem seu próprio ambiente.

No entanto, é vital enfatizar que a análise do discurso não deve ser realizada de forma casual ou superficial, mas sim com o fervor e a precisão necessários para compreender a fina textura das atividades culturais e sociais. Como sugere Geertz (1973), é fundamental identificar e explorar as diversas camadas de significado existentes em cada atividade cultural, em vez de limitá-las a uma categoria única e simplificada. Da mesma forma, como argumenta Abu-Lughod (1991), as atividades culturais devem ser contextualizadas em seus contextos históricos e políticos, a fim de evitar a idealização excessiva ou a romantização ingênua.

Ao utilizar a teoria da liminaridade na análise do discurso, é importante estar ciente de suas limitações e objeções. Deste ponto de vista, é necessário realizar uma análise detalhada e contextualizada das práticas culturais atuais, permitindo uma compreensão mais aprofundada e intrincada das dinâmicas culturais e sociais presentes em uma Ecovila específica, além de contribuir para uma análise mais ampla das culturas e sociedades em geral.

4 CONTRACULTURA E SOCIEDADE

“É proibido proibir” (Caetano Veloso, 1968)

Neste capítulo será apresentado sobre os aspectos do movimento contracultural, sua importância, desafios e curiosidades.

4.1 CONTRA O QUE? POR QUE? COMO? O SURGIMENTO DA CONTRACULTURA E SUAS IMPLICAÇÕES

O termo "contracultura" refere-se a um movimento social e cultural que se originou nos Estados Unidos na década de 1960 e depois se expandiu para outras nações como uma forma de desafio contra as normas e ideais vigentes da sociedade. "Uma atitude consciente de desafiar as normas e valores culturais convencionais, uma busca pela espontaneidade e autenticidade pessoal e uma ênfase na experiência imediata e na vida coletiva", segundo Roszak (1969), são características da contracultura.

O significado da contracultura para a sociedade decorre de sua função como uma força de transformação social e cultural. A contracultura abriu caminho para a discussão e adoção de novas ideias e comportamentos ao se opor a normas e valores estabelecidos. Essas discussões e ações foram cruciais para a transição da sociedade para uma maior igualdade, liberdade e diversidade. A contracultura foi um movimento de libertação que abalou as estruturas da sociedade e permitiu o surgimento de novas formas de vida e novos valores", segundo Maffesoli (1997).

A conexão entre contracultura e liminaridade se deve ao fato de que ambas envolvem a quebra de limites e constrangimentos. Segundo Turner (1969), a liminaridade é um estado de transição no qual as pessoas existem entre duas posições sociais definidas, sendo marcadas por ambiguidade, incerteza e possibilidade. Da mesma forma, a contracultura foi definida por uma rejeição das restrições da sociedade dominante e um anseio por tipos alternativos de experimentação e independência.

A contracultura foi definida como um movimento de transição entre o velho e o novo, entre o convencional e o alternativo, entre o limitado e o ilimitado. A liminaridade é um estado transitório que ocorre em diversas circunstâncias sociais, como os ritos

de passagem, nos quais os indivíduos se encontram em um estado de mudança e transformação, onde as fronteiras e limites sociais são momentaneamente suspensos.

Como valores e convenções convencionais, foram questionados e subvertidos e novos caminhos para experimentação e liberdade foram buscados, as pessoas na contracultura também se encontraram em um estado de transição. Novas formas de estruturação social e novas formas de interação entre as pessoas puderam surgir neste período de transição, crucial para a transformação da sociedade.

A contracultura, como a liminaridade, avistou as fronteiras sociais temporariamente suspensas, permitindo a formação de novos pontos de vista, formas de pensar e se comportar. A contracultura também permite surgir vozes e perspectivas anteriormente marginalizadas e invisíveis na sociedade dominante. Assim, a relação da contracultura com os conceitos de liminaridade demonstra como esse movimento foi um processo de transição que permitiu o estabelecimento de novos tipos de estrutura social e novos tipos de contato entre os indivíduos, ambos críticos para a transformação da sociedade.

Em termos de pano de fundo histórico, a contracultura surgiu em um ambiente histórico específico caracterizado por transformações sociais, políticas e culturais do pós-guerra. Segundo Kroker e Cook (1986), a contracultura é uma reação às contradições da sociedade industrial, que, apesar do desenvolvimento tecnológico e da riqueza material, não conseguiu aliviar as preocupações sociais e ambientais da população.

A crítica da cultura dominante, o questionamento das normas e valores existentes, a busca de novas formas de expressão e estrutura social, a valorização da liberdade individual e da criatividade e o engajamento político e social em causas progressistas são as principais características. (Roszak, 1969; Maffesoli, 1984).

A contracultura tem uma relação ambivalente com a cultura dominante, uma vez que se opõe sendo influenciada por ela. Segundo Hebdige (1979), a contracultura é um processo de produção e apropriação cultural no qual organizações contra culturais mudam e reinterpretam componentes da cultura dominante, resultando em novas formas de cultura.

O movimento contracultura pode ser visto como uma reação às inconsistências da sociedade industrial, questionando as normas e valores existentes, buscando formas alternativas de expressão e estrutura social, enfatizando a liberdade individual

e a criatividade e engajando-se em causas progressistas. Sua ligação com a cultura dominante é ambígua, marcada pela produção e apropriação cultural.

Segundo Maffesoli (1984), a contracultura é um movimento que transcende as fronteiras geográficas e temporais, surgindo como forma de resistência e expressão cultural em diversos tempos e lugares. Como reação contra as normas e valores da cultura dominante, os fenômenos complexos evoluíram em vários momentos históricos e em várias partes do mundo. A contracultura evoluiu no pós-guerra como uma resposta às tensões da sociedade industrial, que se distinguiu pelo sucesso material, mas também pela marginalização social, poluição ambiental e guerra. A contracultura, segundo Kroker e Cook (1986), é um movimento que critica o sistema dominante e promove a liberdade individual, a criatividade e a exploração de novas formas de expressão e organização social.

A valorização da subjetividade e da singularidade, a busca por formas alternativas de expressão artística, o engajamento político e social em causas progressistas e a crítica à cultura convencional são alguns dos traços primordiais que constituem a contracultura. (Roszak, 1969; Maffesoli, 1984). A contracultura é um movimento que promove a interação entre diversos grupos e subculturas e busca formas alternativas de convivência e organização social.

O processo de produção e apropriação cultural caracteriza a interação entre a contracultura e a cultura dominante. A contracultura, segundo Hebdige (1979), é um processo de transformação e ressignificação de aspectos da cultura dominante, resultando em novas formas de cultura e subculturas. Num processo de interação e conflito, o movimento impacta sendo influenciado pela cultura dominante.

Em essência, a contracultura é definida como um fenômeno cultural e político que surge como uma forma de resistência às normas e ideais da cultura dominante. Distingue-se pela elevação da subjetividade e da individualidade, pela busca de novas formas de expressão criativa, pelo envolvimento político e social em causas progressistas e pela crítica à cultura convencional.

4.2 AS MÚLTIPLAS FACES DA CONTRACULTURA E SUAS INFLUÊNCIAS

Vários pesquisadores estudaram a contracultura durante as últimas décadas. Segundo Hebdige (1979), a contracultura é um movimento que tem em vista romper com as convenções estabelecidas e gerar novas formas de expressão em oposição à

cultura vigente. Essa oposição pode assumir muitas formas, incluindo a adoção de estilos de vida alternativos, a contestação de princípios sociais e políticos e o desenvolvimento de novas formas de arte e cultura.

O movimento hippie foi um exemplo da contracultura que ganhou popularidade nos Estados Unidos na década de 1960. Esse movimento se destacou por sua postura pacífica, roupas coloridas e cabelos longos, uso de drogas e paixão pela música, principalmente pelo rock psicodélico. O movimento hippie teve um impacto significativo na cultura popular, principalmente na música e no vestuário. Bandas como The Beatles, The Rolling Stones e Jimi Hendrix tornaram-se ícones do movimento. Além disso, o vestido hippie, com suas roupas de cores vivas, desenhos florais e acessórios como colares e pulseiras, tornou-se popular em todo o mundo. De acordo com Roszak (1970), os hippies eram uma "nova classe de forasteiros" que pretendia criar uma nova cultura livre dos ideais conservadores da sociedade americana.

O movimento Situacionista na Europa foi outra manifestação da Contracultura que surgiu na década de 1960. Guy Debord fundou este movimento, que apoiou o desenvolvimento de "situações" revolucionárias que levariam à reforma social. O situacionismo, segundo Sadler (1998), ofereceu uma "revolução na vida cotidiana" baseada na experimentação e na subversão das convenções sociais. O grupo era formado por pessoas insatisfeitas com a sociedade de consumo que buscavam formas de combatê-la. Eles acreditavam que combinar arte e política resultaria em uma revolução cultural que revolucionaria a vida cotidiana.

Na América Latina, o movimento Tropicália, liderado pelos músicos brasileiros Caetano Veloso e Gilberto Gil, foi um exemplo de contracultura que teve grande impacto na década de 1960. Esse movimento propunha fundir partes da cultura brasileira, como a música popular e as artes plásticas, com elementos da cultura estrangeira, como o rock e a cultura pop. A Tropicália, segundo Mello (2011), constituiu uma espécie de resistência artística e política durante a repressão da administração militar que controlou o Brasil de 1964 a 1985.

Ao longo da história e em várias partes do mundo, os fenômenos contra culturais se apresentaram de diversas formas. Possui qualidades distintas em cada região, como manifestações artísticas, culturais, ambientais, políticas e sociais, mas todas compartilham a busca por novos meios de expressão e a contestação de normas sociais estabelecidas.

Durante o movimento contra cultural, outro componente fundamental foi a preocupação ambiental. O livro "O Planeta Terra Sobrecarregado" é um exemplo importante de como o movimento contra cultural das décadas de 1960 e 1970 influenciou os debates ambientais e ecológicos. O autor do livro, Catton, é considerado um pioneiro no campo da ecologia humana, e seu trabalho examina a interação entre a população humana e o meio ambiente, enfatizando a necessidade de consciência ambiental e sustentabilidade.

“O que está em jogo não é simplesmente um futuro incerto”, diz Catton, “mas a própria natureza da vida humana em um planeta finito”. (Catton, 1973, p. 6). Ele afirma que a superpopulação e o consumo excessivo estão esgotando os recursos naturais do planeta e uma mudança drástica na conduta humana é necessária para evitar um desastre ambiental.

Catton (1982, p. 2) afirma que "a geração da década de 1960 trouxe consigo uma mudança na consciência social, uma consciência que se estendeu além das questões imediatas da política e dos direitos civis. Incluindo também preocupações com o meio ambiente e o futuro da humanidade" ao discutir a influência da contracultura movimento em sua abordagem às questões ambientais. Ele reconhece que os ativistas ambientais foram essenciais na criação de uma nova ética ecológica que enfatizava a importância de proteger a natureza e viver em harmonia com o meio ambiente na época.

4.3 O CONFRONTO ENTRE O NOVO E O VELHO: A BATALHA ENTRE O MOVIMENTO CONTRACULTURAL E A CULTURA TRADICIONAL

A contracultura, segundo o sociólogo Maffesoli, é uma “forma de resistência contra a padronização cultural e a opressão do sistema dominante”. (Maffesoli, 2006, p. 07). Desta forma, a Contracultura pode ser vista como uma tentativa de criar um novo espaço social e novas formas de identidade coletiva. A conexão entre a contracultura e a sociedade, por outro lado, é complexa e nem sempre harmoniosa. Por um lado, a contracultura pode ter um impacto na sociedade ao defender mudanças culturais e políticas. Por outro lado, a sociedade pode impactar a Contracultura, limitando suas opções e causando conflitos e obstáculos.

“Movimentos culturais desafiam a cultura hegemônica e abrem caminho para novas práticas culturais e novas formas de sociabilidade”, escreve o sociólogo Stuart

Hall. (Hall, 2015, p. 87). Nesse sentido, a contracultura pode ser definida como um movimento cultural que tenta questionar a cultura dominante e gerar novas formas de sociabilidade e identidade coletiva. Por exemplo, o movimento hippie dos anos 1960 influenciou a cultura popular e criou novas referências estéticas e simbólicas, assim como o movimento punk dos anos 1970, que criou um novo estilo musical e visual que influenciou muitos artistas subsequentes. O movimento hip hop da década de 1980 também deu origem a um novo estilo musical e uma nova cultura que inspirou a moda, a dança e outros campos.

No entanto, a contracultura encontra dificuldades e tensões em suas interações com a civilização. Uma das tarefas mais difíceis é manter a autonomia e a identidade coletiva enquanto resiste aos ideais e convenções dominantes. “A contracultura pode se tornar uma cultura de consumo, de ser absorvida pela sociedade de consumo e de perder sua capacidade de questionar a cultura hegemônica”, escreve o antropólogo Clifford Geertz. (Geertz, 1973, p. 24). Quando a contracultura é absorvida pela sociedade de consumo, ela pode perder seu potencial subversivo e se tornar apenas um ornamento de desafio.

Além disso, o movimento encontra oposição e repressão da sociedade e do Estado. Segundo o sociólogo Herbert Marcuse, o sistema dominante, com interesse em manter a ordem e a estabilidade social, vê a contracultura como uma ameaça”. (Marcuse, 1969, p. 12). Como resultado, os movimentos contra culturais foram frequentemente alvo de perseguição policial e repressão da mídia e do governo. A perseguição policial e a repressão de grupos contra culturais são predominantes no Brasil, como ilustrado pelos recentes protestos contra o governo e a violência policial durante o surto da COVID-19.

A afirmação de que a violência policial e a repressão às organizações contra culturais são comuns no Brasil é bem apoiada pelo artigo da Human Rights Watch. O texto examina como a brutalidade policial aumentou drasticamente durante a pandemia da COVID-19, resultando em um número notável de mortes relacionadas à polícia, particularmente em lugares muito vulneráveis socioeconomicamente, como as favelas do Rio de Janeiro. Este exemplo demonstra claramente como a repressão policial afeta desproporcionalmente os cidadãos mais marginalizados da nação, sustentando assim a injustiça e a desigualdade¹.

¹ Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2020/06/03/375324>. Acesso em 29/10/2023

A criminalização da dissidência e da contestação também é visível na perseguição a lideranças de movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o movimento LGBT, ambos alvos de agressões verbais e físicas de grupos conservadores. Com a apropriação de símbolos da contracultura pela indústria cultural, a assimilação pela lógica mercadológica é uma realidade no Brasil. Apesar das restrições impostas pelo sistema cultural hegemônico, a cultura de rua, a música independente, o grafite e a literatura marginal persistem e regeneram a cultura e a sociedade brasileira.

Esta é uma relação complexa e confusa caracterizada por disputas e problemas. Por um lado, a contracultura pode ter um impacto na sociedade através da promoção de reformas culturais e políticas. Por outro lado, a sociedade pode limitar a capacidade de ação da contracultura, provocando oposição e repressão. O movimento contra cultural possui grandes problemas em termos de autonomia e identidade coletiva.

4.4 O FUTURO É CONTRA CULTURAL: COMO OS VALORES DA CONTRACULTURA ESTÃO MOLDANDO A SOCIEDADE

Teóricos como Theodore Roszak identificaram os principais benefícios da contracultura em seu livro "A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil" (1969). A Contracultura, segundo Roszak, significou uma mudança dramática nas atitudes dos jovens da época, que se rebelaram contra a cultura do poder e acreditaram que poderiam estabelecer um novo modo de vida, mais humanitário e solidário. A contracultura incentivou a experimentação e a diversidade cultural como formas de oposição à cultura vigente, estimulando o uso da criatividade e da imaginação.

Segundo Herbert Marcuse (1955), a contracultura significava um anseio por liberação sexual e emancipação individual, encorajando um modo de vida mais livre e autêntico. Apesar do mainstreaming da contracultura, ainda existem grupos de resistência e produção cultural autônoma que desafiam normas e valores estabelecidos.

Os benefícios da contracultura, seu potencial de influenciar a cultura predominante, tem sido limitado. Daniel Bell, um sociólogo, foi um grande crítico da contracultura em seu livro "A Era das Incertezas" (1973). A contracultura, segundo

Bell, não conseguiu transformar efetivamente a cultura vigente porque se limitava a uma minoria de jovens de classe média que não conseguiam se conectar com as camadas populares da sociedade. Muitos dos agentes proeminentes da contracultura foram assediados, presos e torturados, dificultando sua atuação e difusão de ideias.

A censura também era uma barreira para a difusão de obras e manifestações culturais que questionam normas e valores estabelecidos.

Essa força transformou a civilização ao encorajar a inovação, a exploração e a busca pela emancipação individual. Pode, no entanto, ser limitado em seu potencial de impactar a cultura dominante, particularmente se não conseguir se conectar com os estratos populares da sociedade ou articular uma crítica mais ampla e sistemática da sociedade.

O movimento contra cultural teve um impacto significativo em movimentos como a permacultura e as Ecovilas. Segundo David Holmgren, um dos fundadores da permacultura, em seu livro "Permacultura: Princípios e Caminhos Além da Sustentabilidade" (2002), a contracultura foi uma grande influência na criação da permacultura, que busca uma abordagem holística e sustentável da vida humana e agricultura.

Como a contracultura, a permacultura incentiva a inovação, a experimentação e a busca de alternativas ao sistema existente. De acordo com Holmgren, a permacultura "continua a incorporar os valores da contracultura, promovendo uma cultura mais humana e solidária baseada em relacionamentos justos com a natureza e com outros seres humanos" (Holmgren, 2002).

Além da permacultura, a contracultura influenciou o movimento das Ecovilas, que visa estabelecer comunidades autossuficientes e sustentáveis. Segundo o livro de Diana Leafe Christian "Criando uma Vida Juntos: Ferramentas Práticas para Desenvolver Ecovilas e Comunidades Intencionais" (2003), uma das principais influências no surgimento das Ecovilas, que representam uma alternativa ao estilo de vida consumista e individualista da sociedade contemporânea, foi a contracultura.

A Contracultura, segundo Christian, "promoveu uma visão mais holística da vida, valorizando a comunidade, a criatividade e a conexão com a natureza". Esses princípios continuam a inspirar as Ecovilas, que lutam por um modo de vida mais sustentável e humano" (Christian, 2003).

Vale a pena notar que a contracultura teve um impacto significativo em movimentos como a permacultura e as Ecovilas, que lutam para estabelecer

alternativas ao sistema dominante. A contracultura, enfatizada pelos teóricos mencionados acima, apoia um modo de vida mais holístico e sustentável, enfatizando a criatividade, a comunidade e a conexão com a natureza.

5 PERMACULTURA

"Viver é afinar o instrumento de dentro prá fora, de fora prá dentro" (Paulo Leminski, 1987)

Neste capítulo será abordado sobre o que é a permacultura, quais são seus princípios e abordagens sustentáveis.

5.1 OS FUNDAMENTOS ÉTICOS DA PERMACULTURA E SUA APLICAÇÃO PRÁTICA

A permacultura é um sistema de design que tenta desenvolver sistemas sustentáveis, imitando as qualidades e processos da natureza. É mais do que apenas uma tecnologia agrícola; é um conjunto de técnicas que podem ser implementadas em todos os aspectos da vida, desde a produção de alimentos até a construção e planejamento comunitário. O objetivo da permacultura, segundo Mollison (1988), um de seus arquitetos, é construir sistemas humanos que possam funcionar como ecossistemas naturais. A permacultura busca a integração harmoniosa de plantas, animais, estruturas e pessoas em ecossistemas saudáveis e equilibrados.

Além disso, as atividades permaculturais são vitais para a sustentabilidade ambiental, ao defenderem práticas agrícolas que respeitam a natureza e tentam reabilitar áreas e solos degradados. Também incentiva o uso de práticas agrícolas menos dependentes de produtos químicos, bem como a diversidade de culturas, sementes e animais. A permacultura, conforme Shepard (2013), pode auxiliar no desenvolvimento de sistemas agrícolas mais saudáveis e produtivos, que promovam a biodiversidade e sejam mais adequados às mudanças climáticas.

A prática da permacultura também cimenta uma parceria para a sustentabilidade social, ao poder auxiliar na criação de comunidades mais resilientes e autossuficientes. A permacultura pode ajudar a desenvolver comunidades mais verdes e vibrantes, incentivando a produção local de alimentos e a adoção de técnicas agrícolas mais sustentáveis. Além disso, a permacultura incentiva o uso de materiais de origem local e a construção de estruturas mais ecológicas e energeticamente eficientes, que podem ajudar a diminuir a dependência de recursos externos e promover a independência econômica. Assim, a permacultura é um método de criação de sistemas sustentáveis e equilibrados que beneficiam tanto o meio ambiente quanto

as comunidades que vivem neles. Esta técnica tem o potencial de ser uma ferramenta útil para alcançar a sustentabilidade ambiental e social em nossas comunidades.

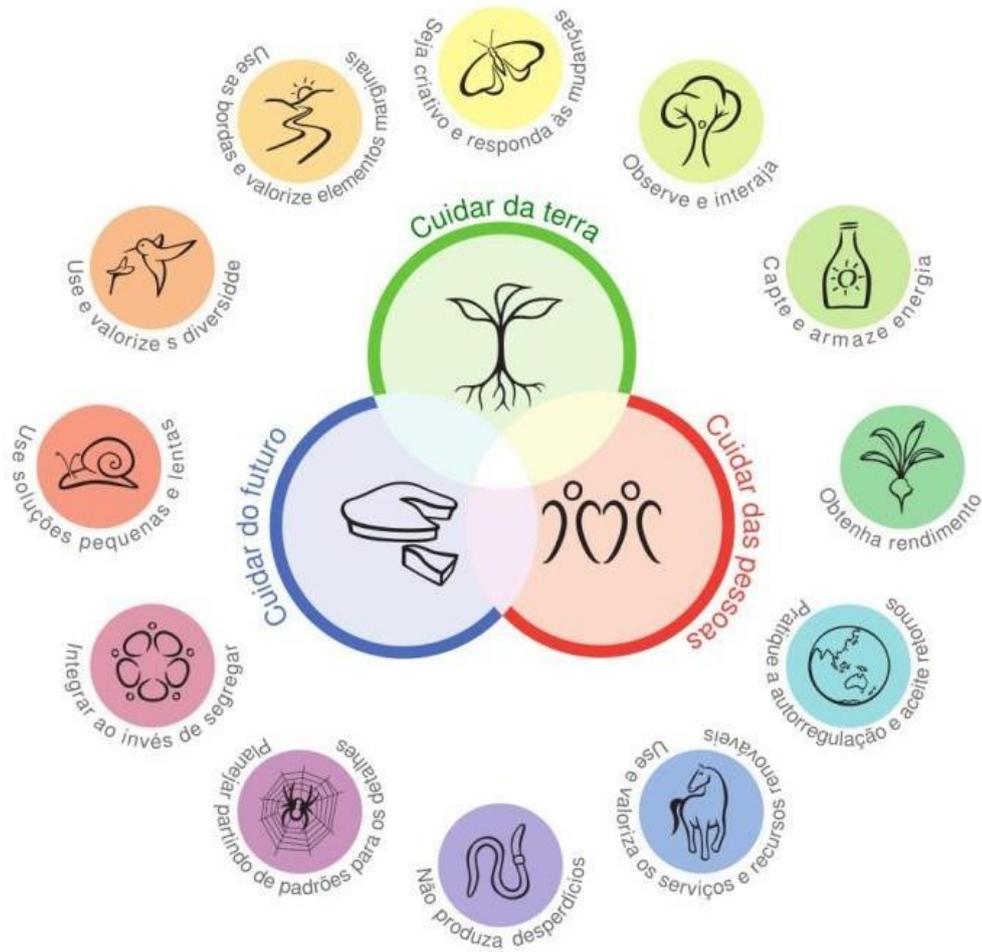
Sua abordagem abrangente e integrada para o desenvolvimento de sistemas humanos sustentáveis baseia a tomada de decisões em princípios ecológicos e naturais. A permacultura, de acordo com seus autores Bill Mollison e David Holmgren (2002), é construída sobre três éticas essenciais: cuidar da terra, cuidar das pessoas e compartilhar equitativamente os excedentes. A permacultura, segundo Mollison (2015), é a ideologia de trabalhar com a natureza e não contra ela; para satisfazer as suas necessidades sem comprometer a sua capacidade de sustentar a vida futura. Em contraste com a agricultura convencional, que se concentra em aumentar a produção e o lucro, a abordagem tenta desenvolver sistemas permanentes e regenerativos.

Como forma de planejamento, existem doze princípios criados ao longo do tempo por David Holmgren¹, e transcritos no livro “Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade”, publicado no Brasil em 2013 os quais Holmgren (2013, p.12) menciona que os seis primeiros princípios são de produção a respeito de uma perspectiva de “baixo para cima dos elementos, organismos e pessoas” São eles:

- a) observe e interaja;
- b) capte e armazene energia;
- c) obtenha rendimento;
- d) pratique a autorregulação e aceite conselhos;
- e) use e valorize os serviços e recursos renováveis;
- f) não produza desperdícios;
- g) design partindo de padrões para chegar aos detalhes;
- h) integrar ao invés de segregar;
- i) use soluções pequenas e lentas;
- j) use e valorize a diversidade;
- k) use os limites e valorize o marginal;
- l) responda criativamente às mudanças.

¹ Disponível em:
<https://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/permaculturaFundamentos.pdf>. Acesso em:
fevereiro de 2021.

Figura 1 - As três éticas da permacultura (cuidar da terra, cuidar das pessoas e cuidar do futuro) guiam os doze princípios de planejamento permacultura



Fonte: Núcleo de estudos em permacultura da UFSC (2023).

Para implementar a permacultura, é necessário entender e aplicar seus princípios básicos. Entre eles, estão o planejamento cuidadoso e a observação atenta do ambiente, a diversificação de culturas e espécies, a utilização de recursos renováveis, a criação de soluções integradas e multifuncionais, e a adoção de práticas de conservação do solo e da água. Um exemplo prático de sistema permacultural é a criação de hortas sintrópicas. Segundo Moletta (2020), essas hortas se baseiam na utilização de diferentes estratos vegetais e na simulação de um ambiente de floresta. Elas são projetadas para serem autossuficientes e produtivas, utilizando técnicas como a compostagem, o plantio consorciado e a rotação de culturas.

Além disso, a ética permacultural é aplicada em todos os aspectos da vida, desde a produção de alimentos até a construção de habitações e a organização de comunidades. Ela criará sistemas resilientes e sustentáveis que respeitem a natureza e as necessidades das pessoas. Para David Holmgren (2013), a permacultura é uma

ferramenta para a transformação pessoal e social. Ela possui o potencial de mudar como vivemos e interagimos com o mundo ao nosso redor. Ao aplicar os princípios e valores permaculturais, podemos criar sistemas que sejam mais saudáveis, equilibrados e justos para todos.

Sua abordagem para o design e manejo de sistemas sustentáveis visa criar ecossistemas produtivos e resilientes com base em princípios éticos e de ecologia. Segundo David Holmgren e Bill Mollison, a abordagem se baseia na "criação consciente de ecossistemas produtivos e sustentáveis que imitam os padrões da natureza, ao mesmo tempo, em que atendem às necessidades humanas básicas" (Mollison, 1988).

Uma das ferramentas mais importantes da permacultura é a análise do local, que envolve a observação detalhada do clima, solo, topografia, vegetação, água e outros elementos do ambiente. Essa análise é fundamental para o planejamento do uso eficiente de recursos naturais e a criação de soluções integradas e resilientes. Segundo Holmgren (2002), a análise do local permite que os projetistas e maneiristas de permacultura identifiquem os padrões naturais e as relações entre os elementos do ecossistema, a fim de criar sistemas sustentáveis que sejam adaptados ao ambiente local.

Além da análise do local, a permacultura também se concentra na aplicação dos princípios de ecologia ao design de sistemas sustentáveis. Isso envolve a criação de ecossistemas integrados, onde as plantas, os animais e as pessoas trabalham juntos para criar sistemas produtivos e sustentáveis. Segundo Holmgren (2002), as atividades permaculturais se baseiam na compreensão de que a diversidade é fundamental para a saúde do ecossistema, e que a interconexão entre os elementos é fundamental para a criação de soluções integradas e resilientes.

Também, a utilização de materiais ecológicos é outra técnica importante da permacultura. Isso envolve a escolha de materiais que minimizem o impacto ambiental e promovam a sustentabilidade. De acordo com Mollison (1988), os materiais ecológicos são aqueles que não prejudicam o ambiente natural, não poluem e são renováveis ou facilmente recicláveis. As técnicas e ferramentas da permacultura são utilizadas em vários setores, como agricultura, arquitetura, energia, transporte, entre outros. Essa abordagem visa criar sistemas sustentáveis que sejam economicamente viáveis, socialmente justos e ambientalmente responsáveis.

5.2 A PERMACULTURA NA PRÁTICA

As práticas permaculturais apresentam uma abordagem holística que visa criar sistemas sustentáveis e produtivos que sejam éticos, ecológicos e socialmente justos. Essa abordagem pode ser aplicada em diversos contextos, desde comunidades locais até fazendas ecológicas, escolas e outras instituições. Um exemplo de projeto permacultural bem-sucedido é a Ecovila Clareando, localizada em Piracaia, São Paulo. Essa comunidade criou um sistema integrado de produção de alimentos, utilizando técnicas agroflorestais e hortas em mandalas, onde os cultivos são combinados para otimizar o uso dos recursos naturais. Além disso, a Ecovila Clareando utiliza fontes renováveis de energia, como painéis solares e biodigestores, para reduzir sua pegada ecológica. Segundo Ingrid Lotfi (2019), fundadora da Ecovila Clareando, a permacultura é uma ferramenta poderosa para criar sistemas sustentáveis e resilientes que atendam às necessidades das comunidades locais.

Outro exemplo de sucesso é a fazenda Zaytuna, na Califórnia, Estados Unidos. Essa fazenda utiliza técnicas de permacultura para criar um sistema produtivo e diversificado que inclui cultivos orgânicos, animais de pastagem, pomares, entre outros. Além disso, a fazenda utiliza a biodiversidade e o manejo integrado de pragas para controlar as pragas e doenças, reduzindo o uso de agrotóxicos. Segundo Toby Hemenway (2009), autor do livro "Gaia's Garden: A Guide to Home-Scale Permaculture", a fazenda Zaytuna é um exemplo de como a permacultura pode ser aplicada em larga escala para criar sistemas sustentáveis e produtivos.

Esses são apenas alguns exemplos de como a permacultura pode ser aplicada em diferentes contextos para criar sistemas sustentáveis e produtivos. A permacultura é uma abordagem flexível e adaptável, que pode ser utilizada em qualquer lugar onde haja a necessidade de criar sistemas mais éticos, ecológicos e socialmente justos.

5.3 PERMACULTURA E SABERES TRADICIONAIS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO ENTRE DIFERENTES CONHECIMENTOS E PRÁTICAS

Em contraste, um dos principais obstáculos institucionais à adoção da permacultura é a falta de políticas públicas que incentivem a sua prática. Segundo David, um dos fundadores da permacultura, "a falta de políticas públicas favoráveis à

permacultura pode impedir sua adoção em grande escala" (Holmgren, 2002). Além disso, a burocracia e a falta de incentivos financeiros também podem desencorajar a implementação da permacultura, como observa o cineasta John D. Liu. O americano falou sobre a falta de incentivos financeiros e a burocracia como barreiras à adoção da permacultura em escala global em diversas ocasiões, incluindo em palestras, entrevistas e documentários. Uma das suas palestras mais conhecidas sobre o assunto é a "Green Gold", apresentada em 2012 no TED x Maastricht. Ele também aborda essas questões em seu documentário "Green Gold" (2012)², que apresenta exemplos de iniciativas de permacultura bem-sucedidas em diferentes partes do mundo e discute os desafios enfrentados na implementação desses projetos em grande escala.

Outro obstáculo importante é a resistência cultural à mudança. A permacultura requer uma mudança de paradigma em relação ao uso da terra e dos recursos naturais, o que pode ser difícil para muitas culturas. Como observa Hemenway, a permacultura requer uma mudança de paradigma que pode ser difícil para muitas culturas, especialmente aquelas que dependem de sistemas de produção convencionais (Hemenway, 2009). Adicionalmente, a adoção da permacultura pode ser encarada por alguns como uma atividade exclusiva de pessoas com estilo de vida alternativo ou com maior poder aquisitivo, o que pode dificultar a sua aceitação em grupos mais tradicionais. Apesar de estar se tornando cada vez mais popular em diversos lugares do mundo, a permacultura ainda encontra obstáculos e desafios consideráveis em sua implementação.

A limitação econômica é um obstáculo à adoção da permacultura. A implementação da permacultura pode exigir um investimento inicial significativo, o que pode ser difícil para pequenos agricultores ou comunidades de baixa renda. Além disso, como observa Bill Mollison (1988), co-fundador da permacultura, as atividades permaculturais podem não ser viáveis em contextos onde a terra é escassa ou onde os recursos naturais são limitados.

O autor John Bellamy Foster (2000) - em seu livro "A Ecologia de Marx", argumenta que a permacultura e outras formas de agricultura ecológica são baseadas em uma visão utópica e romantizada da natureza. Ele argumenta que essa visão idealizada da natureza pode obscurecer as contradições sociais e ecológicas que são

² Liu, J.D. (2012). Green Gold. Disponível em: <https://vimeo.com/16229211>.

inerentes ao sistema capitalista. Para Foster, a crise ecológica não pode ser resolvida apenas por meio de mudanças tecnológicas e de gestão dos recursos naturais, mas exige uma mudança fundamental nas relações sociais e econômicas do sistema capitalista. Ele argumenta que a permacultura e outras formas de agricultura ecológica tendem a subestimar o papel do capitalismo na degradação ambiental e a superestimar a capacidade de soluções técnicas e de gestão para resolver esses problemas.

Outra crítica comum é a de que a permacultura é muito voltada para a autossuficiência individual e não considera a necessidade de sistemas agrícolas mais amplos e interconectados. O antropólogo Arturo Escobar argumentou que a permacultura tende a se concentrar em soluções individuais para problemas sociais e ecológicos mais amplos. Escobar argumenta que é necessário mudar as políticas públicas e os movimentos sociais para transformar as estruturas de poder que perpetuam as desigualdades sociais e ecológicas. Isso inclui a criação de políticas ambientais que priorizem a justiça social e ambiental, a implementação de reformas agrárias que promovam a soberania alimentar, o apoio à agricultura camponesa e a promoção da diversidade cultural e do conhecimento tradicional. Ele critica a permacultura por enfatizar soluções locais e individuais em vez de promover mudanças profundas nas estruturas de poder que perpetuam as desigualdades.

Além disso, a permacultura também tem sido criticada por não considerar as realidades econômicas e culturais das comunidades locais. A permacultura muitas vezes requer investimentos significativos em terra, equipamentos e infraestrutura, podendo não ser acessível para muitas pessoas. Além disso, as práticas de permacultura podem não se adequar às tradições e culturas locais. Fikret Berkes (1999) é um antropólogo e ecologista cultural que argumentou que a permacultura não é universalmente aplicável, mas pode ser uma solução para algumas comunidades específicas. Em seu livro "Sacred Ecology", Berkes discute a importância de considerar a cultura, a história e as tradições locais ao desenvolver soluções de gestão ambiental. Ele argumenta que, ao ignorar esses aspectos locais, a permacultura pode ser ineficaz ou até mesmo prejudicial em algumas áreas. Berkes também enfatiza a importância da participação e envolvimento da comunidade no processo de tomada de decisão para o desenvolvimento de soluções ambientais eficazes. Ele argumenta que a permacultura deve ser adaptada às necessidades e desafios específicos

enfrentados pelas comunidades locais, em vez de ser imposta como uma solução universal.

Outro desafio enfrentado pela permacultura é a falta de apoio institucional e político. A permacultura é muitas vezes vista como uma prática marginal e alternativa, e as políticas públicas muitas vezes não reconhecem ou apoiam as práticas de permacultura. A pesquisadora e ativista agrícola Vandana Shiva (1988) argumenta que a permacultura não é apenas uma técnica agrícola, mas também uma filosofia que questiona as estruturas de poder existentes. Ela sugere que a permacultura só pode ser implementada com sucesso se houver uma mudança sistêmica na forma como a sociedade é organizada. Em resumo, embora a permacultura seja uma abordagem promissora para a agricultura ecológica e sustentável, ela também enfrenta críticas e desafios significativos em termos de sua aplicação em contextos mais amplos e complexos. É importante considerar as limitações e desafios da permacultura, bem como seus potenciais benefícios, ao implementar práticas agrícolas ecológicas e sustentáveis.

Há alguns autores que argumentam que a permacultura pode se tornar uma prática neocolonial em certos contextos. Alguns exemplos incluem:

- a) Raj Patel e Jason W. Moore, em seu livro *A History of the World in Seven Cheap Things*, argumentam que a permacultura pode ser usada como uma ferramenta para a "verdejização" do capitalismo global, que reforça as desigualdades sociais e ambientais existentes. Em resumo, Patel e Moore afirmam que a permacultura pode ser usada equivocadamente como uma técnica agrícola que ignora suas dimensões sociais e ecológicas mais amplas, reforçando as desigualdades sociais e ambientais existentes. Além disso, eles argumentam que a permacultura pode ser usada para legitimar o sistema capitalista global, enfatizando uma abordagem baseada no mercado e marginalizando grupos marginalizados. Portanto, eles enfatizam a necessidade de uma transformação mais ampla das estruturas de poder e da distribuição de recursos em todo o mundo, em vez de ver a permacultura como uma solução isolada (Patel, 2017);
- b) Nick Estes, em seu livro "Our History Is the Future: Standing Rock Versus the Dakota Access Pipeline, and the Long Tradition of Indigenous Resistance", argumenta que a permacultura pode ser vista como uma forma de colonização verde que tenta domesticar a natureza e controlar as

comunidades indígenas. Nick, estes argumentam que a permacultura pode ser vista como uma forma de colonização verde que tenta impor suas próprias técnicas agrícolas às comunidades indígenas, em vez de trabalhar em conjunto com elas para apoiar suas próprias práticas agrícolas tradicionais. Ele defende a importância de ouvir e aprender com as comunidades indígenas e trabalhar em conjunto para criar soluções que apoiem a justiça social e ecológica em todo o mundo. (Estes, 2019).

É importante lembrar que esses autores apresentam perspectivas críticas sobre a permacultura e que suas visões não são necessariamente compartilhadas por todos os estudiosos e praticantes da permacultura. Cada um desses autores apresenta uma análise particular sobre o tema, e é importante considerar suas argumentações à luz de outras perspectivas e fontes bibliográficas.

A permacultura pode ser vista em uma perspectiva neocolonial em alguns contextos, especialmente quando é aplicada de forma descontextualizada e imposta sobre comunidades locais sem considerar suas necessidades e perspectivas culturais e históricas. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando a permacultura é vista como uma solução universal para problemas ambientais e sociais, sem considerar as diferenças entre as culturas e os contextos específicos em que é aplicada. Além disso, a permacultura pode ser vista como uma prática que promove uma visão ocidental de sustentabilidade, que nem sempre se alinha com as concepções locais de bem-estar e qualidade de vida.

Em contextos neocoloniais, a permacultura pode ser usada como uma ferramenta para impor uma visão de mundo ocidental sobre as comunidades locais, o que pode levar a conflitos e resistências. Por isso, é importante que os praticantes de permacultura estejam cientes das implicações culturais e sociais de sua prática e trabalhem de forma colaborativa e respeitosa com as comunidades locais. No entanto, é importante notar que a permacultura em si não é uma prática neocolonial. Ela é uma abordagem de design sustentável que visa criar sistemas que sejam benéficos para o meio ambiente, para as pessoas e para a economia local. A perspectiva neocolonial da permacultura surge quando ela é aplicada de forma descontextualizada e imposta sobre comunidades locais sem considerar suas perspectivas e necessidades.

Após extensas pesquisas, pode-se concluir que a permacultura visa criar sistemas sustentáveis e resilientes para promover a harmonia entre seres humanos e natureza. Ela é importante para a sustentabilidade ambiental e social, reduzindo o

impacto ambiental da produção de alimentos e promovendo a resiliência das comunidades locais. As possibilidades futuras incluem integração de tecnologias sustentáveis, adaptação às mudanças climáticas e promoção da justiça social e equidade.

6 ECOVILAS

“As coisas da natureza têm um valor intrínseco que a gente não pode explicar com palavras” - Manoel de Barros

Neste capítulo será descritor o surgimento das ecovilas, também como se estruturam e sua forma simbólica de preservação da natureza

6.1 ECOVILAS E SUSTENTABILIDADE: OS PRINCÍPIOS E VALORES QUE IMPULSIONARAM O MOVIMENTO

As Ecovilas são comunidades intencionais que buscam viver de forma sustentável e em harmonia com a natureza. Elas surgiram na década de 1960 como uma resposta aos problemas ambientais e sociais causados pelo modelo de desenvolvimento dominante, que valoriza o lucro e o consumo desenfreado em detrimento do bem-estar das pessoas e do planeta. Essas comunidades são compostas por pessoas que compartilham valores como cooperação, solidariedade, simplicidade voluntária, responsabilidade ambiental e social, entre outros. Elas buscam promover a vida em comunidade, a autonomia, a resiliência e a criatividade, buscando soluções inovadoras para os desafios locais e globais.

A importância das Ecovilas está relacionada ao fato de que elas oferecem uma alternativa viável e sustentável para o modelo de desenvolvimento atual. Elas mostram ser possíveis viver de forma mais simples e harmoniosa com a natureza, sem abdicar do conforto e da qualidade de vida. Além disso, elas promovem a educação para a sustentabilidade, a cultura da paz e o respeito à diversidade cultural.

Escolhi o tema das Ecovilas para minha dissertação porque acredito que elas são uma alternativa importante e viável para os problemas ambientais e sociais que enfrentamos atualmente. As Ecovilas são comunidades intencionais que buscam viver de forma sustentável e em harmonia com a natureza, o que pode ser uma solução para a crise ambiental que vivemos. Por isso, neste capítulo, abordarei os princípios e valores que orientam as Ecovilas, como a cooperação, a simplicidade voluntária e a responsabilidade ambiental e social.

Também discutirei os benefícios e desafios de se viver em uma comunidade sustentável, incluindo questões relacionadas à governança participativa, autonomia e

resiliência. Acredito que a adoção de um estilo de vida mais sustentável é essencial para a construção de uma sociedade mais equilibrada e justa. As ecovilas podem ser uma importante fonte de inspiração para a implementação de práticas mais sustentáveis em nossas vidas cotidianas. Portanto, discutir sobre esses temas é fundamental para a compreensão da importância das Ecovilas e para a promoção de um futuro mais sustentável e consciente.

Conforme o livro "*Ecovilas: Um Guia Prático para Comunidades Sustentáveis*" de Jan Martin Bang, lançado pela New Society Publishers em 2005, a obra apresenta uma abordagem prática para o desenvolvimento de comunidades sustentáveis com base nos princípios das Ecovilas. O autor discute os problemas e oportunidades que surgem com o estabelecimento de uma comunidade que luta pela sustentabilidade ambiental, social e econômica. As Ecovilas, segundo Bang (2005), são projetadas para serem autossuficientes, com sistemas de produção de alimentos, energia e água, e para promover uma vida comunitária mais cooperativa e participativa. Ele destaca a importância de um planejamento adequado e de uma visão comum para a construção de uma Ecovila sustentável, bem como a importância de uma gestão democrática e participativa.

Dessa forma, as Ecovilas são definidas por sua intencionalidade em criar uma comunidade sustentável e regenerativa, que valoriza a interdependência entre os seres humanos e a natureza. Além disso, as Ecovilas buscam desenvolver autonomia ecológica, através da implementação de práticas como a produção de alimentos orgânicos, a gestão sustentável de recursos naturais e a redução do consumo de energia.

Bissolotti (2004) apresenta uma técnica para avaliar o desempenho da sustentabilidade em Ecovilas, considerando fatores econômicos, sociais e ambientais. Os autores destacam a necessidade de monitorar o desempenho da sustentabilidade em comunidades sustentáveis, a fim de encontrar áreas de melhoria e avaliar o impacto das Ecovilas na sociedade e no meio ambiente. "A avaliação do desempenho de sustentabilidade das Ecovilas é um instrumento importante para a promoção da sustentabilidade", escrevem os autores, ao permitir a identificação de desafios e potencialidades, a comunicação de resultados e a participação de todos os envolvidos na busca para soluções dos problemas identificados" (Bissolotti et al., 2004, p. 91).

A sustentabilidade é uma das principais características que definem uma Ecovila também. Isso significa que as práticas adotadas na Ecovila devem ser

ecologicamente corretas, socialmente justas e economicamente viáveis. Dessa forma, as Ecovilas buscam minimizar o impacto ambiental de suas atividades, promover a igualdade e a cooperação entre seus membros, e garantir a segurança financeira e a autonomia econômica da comunidade na totalidade.

Outras características que definem as Ecovilas incluem a ênfase na colaboração e na governança participativa, o uso de tecnologias apropriadas e a valorização da diversidade cultural. Tais características são fundamentais para a construção de comunidades sustentáveis e resilientes, que enfrentem os desafios ambientais e sociais que enfrentamos atualmente.

6.2 ECOVILAS COMO LABORATÓRIOS DE INOVAÇÃO SOCIAL: EXPERIMENTANDO NOVAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E GOVERNANÇA

A história das Ecovilas remonta às décadas de 1960 e 1970, quando movimentos como o hippie e o ambientalismo começaram a ganhar força em todo o mundo. Conforme a obra "Ecovilas: um guia prático para comunidades sustentáveis", de Peter M. Forster, o surgimento e a expansão das Ecovilas, afirmando que "em todo o mundo, as Ecovilas são uma resposta à crescente consciência de que o atual modelo de desenvolvimento é insustentável" Forster (2006, p.1).

O autor também menciona que a expansão das Ecovilas se deve em parte ao desejo de um estilo de vida mais sustentável e conectado à natureza, bem como ao descontentamento com os paradigmas de desenvolvimento vigentes. "As Ecovilas oferecem uma alternativa positiva, uma resposta construtiva e inspiradora à crise ambiental, social e econômica global", escreve Forster (2006, p.2).

Um dos exemplos mais emblemáticos dessas primeiras Ecovilas é Auroville, fundada em 1968 na Índia. Auroville é uma comunidade que se define como "uma cidade universal em construção, onde homens e mulheres de todas as nacionalidades vivem em paz e harmonia, acima de todas as crenças políticas, econômicas e religiosas" (Auroville, s/d). A comunidade é baseada em princípios de colaboração, desenvolvimento sustentável e busca da evolução espiritual, e pretende criar um modelo de sociedade mais justa e equilibrada.

Ao longo das décadas seguintes, outras Ecovilas foram surgindo em diferentes partes do mundo, cada uma com suas particularidades e desafios. Algumas delas foram inspiradas por ideias de permacultura, agricultura orgânica e bioconstrução,

enquanto outras buscavam criar modelos mais participativos e democráticos de governança. Esses espaços contemporâneos têm como característica comum a busca pela sustentabilidade em todas as dimensões da vida, incluindo a social, a econômica e a ambiental.

O crescimento das Ecovilas ao longo das últimas décadas tem sido impulsionado por diferentes fatores, incluindo a preocupação com as mudanças climáticas, a crise ambiental e a busca por estilos de vida mais saudáveis e significativos. Elas representam uma forma de resistência e transformação diante dos desafios que enfrentamos atualmente, e podem ser vistas como um exemplo de como é possível construir uma sociedade mais justa, equitativa e sustentável.

Com o passar dos anos, as Ecovilas foram evoluindo e se transformando, incorporando novas práticas e tecnologias sustentáveis e se organizando de formas mais colaborativas e participativas. Conforme aponta Jackson (2005), as Ecovilas contemporâneas são caracterizadas por uma "abordagem holística para a sustentabilidade, incluindo aspectos econômicos, sociais, culturais e ecológicos" (p. 43).

Damanhur é um exemplo inspirador de Ecovila que tem se destacado mundialmente. Smiers (1990) descreve a organização política e econômica da comunidade, baseada na democracia direta e em um sistema de comércio justo. Ele enfatiza que, apesar de seu tamanho modesto, Damanhur conseguiu estabelecer um sistema econômico funcional, completo com moeda própria e produção e troca de produtos e serviços.

Segundo Smiers (1990), a Ecovila de Damanhur é um exemplo de como uma comunidade pode buscar alternativas ao modelo econômico e social vigente, e seu modelo pode servir de inspiração para outras comunidades que buscam construir uma sociedade mais justa e sustentável. Ele afirma que a comunidade de Damanhur é uma alternativa viável ao capitalismo e que pode ser vista como um modelo socialista, na prática.

Segundo o texto do autor, a Ecovila Damanhur representa uma visão de comunidade baseada em uma economia de subsistência e um conjunto comum de valores. Ele enfatiza o papel da espiritualidade na comunidade, vista como um componente crítico na criação de uma vida coletiva pacífica. Além disso, ele enfatiza que a Ecovila é um exemplo de como uma comunidade pode ser construída a partir da colaboração e solidariedade de seus membros.

Outro exemplo é a Ecovila de Findhorn é um exemplo de comunidade sustentável que se destaca pela sua produção de alimentos orgânicos e pela utilização de fontes de energia renovável. Segundo Prado (2018), a comunidade de Findhorn é um exemplo de sucesso do movimento de Ecovilas. Ele relata a história da comunidade, desde sua criação na década de 1960 até seu desenvolvimento atual, enfatizando métodos sustentáveis, governo participativo e a busca da vida comunitária pacífica.

A abordagem holística de Findhorn para agricultura e conexão com a natureza é uma de suas práticas mais notáveis. Segundo Prado, “a fazenda Findhorn é um modelo de agricultura orgânica e biodinâmica, onde se valoriza o trabalho braçal, o uso de técnicas ancestrais e o cuidado com o solo, as plantas e os animais” (Prado, 2018, p. 72).

Também, Prado destaca a importância da educação e do desenvolvimento pessoal na comunidade. Ele cita: “A comunidade de Findhorn tem a educação como um de seus principais pilares, oferecendo cursos e capacitações em diversas áreas, como ecologia, espiritualidade, permacultura, entre outras” (Prado, 2018, p. 74).

Uma das principais características de Findhorn é a sua técnica de cultivo de alimentos orgânicos, que utiliza a compostagem e o uso de ervas e plantas para melhorar a qualidade do solo. Além disso, a comunidade também utiliza fontes de energia renovável, como turbinas eólicas e painéis solares, para produzir sua própria energia elétrica.

Outro destaque de Findhorn é o seu centro de formação em sustentabilidade ecológica, que oferece cursos e workshops sobre agricultura orgânica, permacultura, bioconstrução, entre outros temas relacionados à sustentabilidade. A Ecovila também recebe visitantes de todo o mundo, que vêm aprender com suas práticas sustentáveis e experimentar um estilo de vida mais harmonioso com a natureza.

6.3 BENEFÍCIOS E DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO MAIS SUSTENTÁVEL

As Ecovilas também oferecem benefícios significativos para o bem-estar social e a saúde mental de seus membros. De acordo com Agyeman (2005), as comunidades sustentáveis destinam-se a promover a conexão humana, que pode ser uma fonte significativa de bem-estar social. Ele afirma que, ao oferecer um ambiente

mais saudável e menos estressante, as comunidades sustentáveis também podem beneficiar a saúde mental de seus membros.

Em suas palavras:

Comunidades sustentáveis oferecem oportunidades para conexão social significativa, um senso de comunidade e identidade compartilhada, oportunidades de engajamento cívico e uma infraestrutura que apoia estilos de vida saudáveis. Em geral, as comunidades sustentáveis podem ser projetadas para serem menos estressantes, com menos poluição e tráfego, e mais verdes e acessíveis. Essas características podem ter impactos positivos significativos sobre a saúde mental e o bem-estar dos membros da comunidade. (Agyeman, 2005, p. 181).

Segundo a obra de Barton (2000), uma comunidade sustentável pode promover a saúde mental, promovendo relacionamentos sociais significativos, um sentimento de propósito compartilhado e um relacionamento saudável com a natureza. Construir relacionamentos sociais fortes e um sentimento de comunidade pode ajudar na redução da solidão e do isolamento social, que podem ter um impacto negativo na saúde mental. Um senso de propósito compartilhado também pode criar uma sensação de realização e significado na vida, o que é importante para a saúde mental.

Barton (2000, p. 47) observa que:

Os residentes das comunidades sustentáveis são provavelmente mais atentos ao ambiente natural que os rodeia, e mais conscientes das suas interconexões ecológicas. Como resultado, eles estão mais propensos a tirar benefícios terapêuticos do ambiente natural, tais como ar fresco, um ambiente calmo e paisagens atraentes.

Além disso, tais comunidades também oferecem benefícios econômicos. Ao adotar práticas de sustentabilidade, as Ecovilas podem reduzir seus custos de vida e de produção, além de gerar renda através da venda de produtos orgânicos e outros serviços. O oferecimento de uma alternativa sustentável e saudável ao estilo de vida urbano e ao modelo de desenvolvimento econômico atual é a missão das Ecovilas. Ao promover a sustentabilidade ambiental, o bem-estar social e a saúde mental, as Ecovilas têm o potencial de transformar como vivemos e nos relacionamos com o meio ambiente.

Apesar dos pesares, existem desafios para uma comunidade divergente da homogeneidade, como qualquer iniciativa que visa a transformação social, as Ecovilas enfrentam diversos desafios que dificultam sua consolidação e disseminação.

Uma das questões-chave identificadas por Bruno Gonçalves das Neves (2016) em seu trabalho sobre gestão de Ecovilas é a necessidade de equilibrar os objetivos e ideais da permacultura com as realidades práticas de administração dessas comunidades. A permacultura, segundo o autor, é uma filosofia que desenvolverá sistemas sustentáveis de produção e consumo baseados em princípios como a diversidade, a interconectividade e o uso intencional dos recursos naturais. Para colocar esses ideais em prática, no entanto, é necessária uma gestão eficiente e participativa, com todos os membros da comunidade envolvidos na tomada de decisões e na implementação do projeto.

Outra dificuldade significativa enfrentada pelas Ecovilas é a necessidade de construir sistemas de governança eficazes e justos sem sucumbir a paradigmas autoritários ou burocráticos. Neves (2016) enfatiza a necessidade de democracia participativa e transparência nas tomadas de decisão, além de valorizar a variedade e incorporar muitas visões e perspectivas na gestão comunitária.

Assim, as Ecovilas enfrentam dificuldades em termos de viabilidade financeira e econômica. Neves enfatiza a importância de desenvolver modelos de negócios consistentes com os valores e objetivos das comunidades, garantindo sua sobrevivência e independência financeira. Isso requer um exame minucioso da relação produção-consumo, bem como estratégias para integrar as Ecovilas nas economias local e global.

Apesar dos desafios, as Ecovilas são importantes iniciativas que podem contribuir para a construção de um mundo mais sustentável e justo. Para superar os obstáculos e potencializar seus benefícios, é preciso uma maior valorização e apoio por parte da sociedade e dos governos, reconhecendo o papel das Ecovilas como agentes de transformação social e ambiental.

A pandemia da COVID-19 teve impactos significativos na vida das pessoas em todo o mundo, e as Ecovilas não foram exceções. No Brasil, as Ecovilas enfrentaram vários desafios durante a pandemia, incluindo restrições de mobilidade, interrupção do turismo sustentável e redução de recursos financeiros. Além disso, muitas Ecovilas tiveram que adaptar suas práticas e protocolos para garantir a segurança e saúde de seus membros.

Um artigo intitulado "Bem Viver: repensando a criação de novos modos de vida na era pós-Covid-19" de Carlos Alberto Cioce Sampaio, Liliane Cristine Schlemer Alcantara e Paulo Henrique Freire Vieira (2022), examina as preocupações da

pandemia da COVID-19 com comunidades sustentáveis e como o conceito de Bem Viver pode ser usado como uma opção para lidar com esta crise. Segundo os autores, “a pandemia de Covid-19 pôs em evidência a crise civilizatória que se aprofunda em todo o mundo, e revisitou a necessidade de repensar como nos relacionamos com a natureza e uns com os outros” (p. 1). Também ressaltam que, ao longo da pandemia, as comunidades sustentáveis enfrentaram obstáculos especiais, como a necessidade de modificar seus modos de vida e estabelecer interações comunitárias.

Além disso, os autores acreditam que comunidades sustentáveis podem ajudar a desenvolver um futuro mais justo e sustentável. Segundo eles, comunidades sustentáveis podem ser compreendidas como experiências concretas de construção do Bem Viver, que visam à superação da lógica do capitalismo e do desenvolvimento predatório” (p. 2). Como resultado, as comunidades sustentáveis podem ser vistas como modelos para o desenvolvimento de novos modos de vida na era pós-COVID-19.

Apesar dos desafios, as Ecovilas brasileiras também tiveram oportunidades durante a pandemia para fortalecer suas práticas sustentáveis e promover a resiliência comunitária. Em suma, as Ecovilas representam um importante movimento social que visa enfrentar os desafios socioambientais que a humanidade enfrenta atualmente. De acordo com Litfin (2014), as Ecovilas são uma resposta ao fracasso do modelo de desenvolvimento dominante, que resultou em problemas ambientais, sociais e econômicos. Ela enfatiza que as Ecovilas fornecem uma alternativa viável e sustentável a esse modelo e podem servir de modelo para uma sociedade mais equitativa e ambientalmente consciente.

Ademais, a autora destaca que as Ecovilas são uma forma de resistência aos modelos hegemônicos de desenvolvimento que priorizam a expansão econômica sobre o bem-estar social e ambiental. Eles são uma alternativa viável e prática para um estilo de vida mais sustentável e equilibrado que pode ser duplicado em outras comunidades em todo o mundo.

As Ecovilas têm se mostrado uma solução viável e prática para uma vida mais sustentável e equilibrada em tempos de crise socioambiental. Essas comunidades intencionais se esforçam para viver em harmonia com o meio ambiente, ao mesmo tempo, em que promovem interações sociais justas e colaborativas. No entanto, para que as Ecovilas tenham um impacto substancial no desenvolvimento de uma

sociedade mais equitativa e sustentável, as políticas governamentais devem oferecer mais incentivos.

É fundamental que os governos implementem políticas que incentivem o crescimento das Ecovilas, como incentivos fiscais, assistência financeira e jurídica e outras medidas que possam ajudar essas comunidades a começar. As Ecovilas devem ser reconhecidas pelos governos como uma alternativa viável e um complemento aos padrões tradicionais de desenvolvimento.

Além disso, espaços de debate e reflexão entre comunidades, acadêmicos e governantes são necessários para que soluções colaborativas e integradas para as atuais preocupações socioambientais da humanidade possam ser desenvolvidas. Esses espaços de diálogo e reflexão devem ser estabelecidos para que as Ecovilas possam compartilhar suas experiências e aprendizados, trocar experiências e aumentar sua capacidade de influenciar políticas públicas.

Como resultado, constata-se que a criação de Ecovilas é uma alternativa importante para a construção de uma sociedade mais equitativa e sustentável. No entanto, são necessários incentivos adicionais de políticas públicas, bem como espaços de diálogo e reflexão para que as Ecovilas possam contribuir de forma mais significativa para essa transição.

7 A JORNADA DE DESCOBERTAS NA ECOVILA ARCA VERDE

Nesse capítulo irá ser detalhado como funcionam as práticas na ecovila Arca Verde, sua estrutura, atividades, e curiosidades a respeito do espaço

7.1 ESPAÇO E ESTRUTURA

“A Arca é o lugar onde se guardam os tesouros”. Assim é feita a caracterização do Instituto Arca Verde em seu website, localizado no município gaúcho de São Francisco de Paula, na região dos Campos de Cima da Serra, ponto frio e alto do estado definido por beleza singular em qualquer época do ano. Sua história percorre localidades e pessoas, o sonho de um ambiente socialmente sustentável nasce em 2005. Segundo dados do website¹, foi-se pensado sua localidade no município de São José dos Ausentes – RS, que através de um mutirão de cerca de 50 pessoas o nomeado “Gralha Azul”, celebrou-se a chegada de novas vidas a localidade, onde iria ser gerado frutos de boas energias à comunidade alocada no ambiente. Posteriormente, o coletivo começou a realizar bioconstruções e atividades, como uma pipa de 100 mil litros, o qual caracterizou o símbolo inicial da Ecovila, além de construções básicas como banheiro seco, alojamento, lavanderia, tenda-refeitório, entre outros.

Figura 2 - Primeiros moradores em São José dos Ausentes



¹ O website não está mais no ar, porém, todas as informações foram coletadas antes. Acessado dia 03/02/2023.

Fonte: Site Arca Verde (2023).

Os 4 anos de existência da Ecovila em São José dos Ausentes, proporcionou uma experiência inicial entre os envolvidos, transformações e experiências as quais novas decisões precisavam ser realizadas, uma mudança de localidade. Em meados de 2009 houve a migração para um local diferente da serra gaúcha, o qual o clima e a localização geográfica haviam mais pontos positivos, assim, surge a Ecovila Arca Verde, que conta com os valores e visões do Instituto Arca Verde (Associação e ONG proprietária do novo terreno)

Conforme a missão do Instituto Arca Verde, a comunidade possui o intuito de “criar um terreno fértil” em que possa haver uma relação saudável entre os moradores no contexto espiritual e pessoal, além de ideias ecológicas entre o todo.

Aprender uns com os outros e com os sistemas naturais, trabalhar com arte, amar com liberdade, dedicar nossas vidas à divulgação da permacultura e dos valores da ecologia profunda são as bandeiras da nossa Arca. Agindo localmente, temos como objetivo o cuidado com a terra bem como trabalhar pela sensibilização ambiental e expandir para outras pessoas e espaços as práticas e perspectivas nas quais acreditamos e vemos bons resultados. Estamos desfrutando de um processo de desenvolvimento comunitário do qual faz parte um grupo de membros moradores que forma uma Comunidade Intencional: possui Objetivos comuns, uma Missão, Valores e uma Visão, que nos une e nos fortalece enquanto comunidade, através de acordos e políticas de convivência.

Segundo dados coletados do site da Arca Verde², pode-se ver algumas informações sobre como é operada às atividades na Ecovila. Com valores do grupo dedicados a ecologia, harmonia, amor, prosperidade, confiança, cooperação, empoderamento, saúde, vida, exemplo, alegria, diversidade, organização, gentileza, humildade, autoconhecimento e economia solidária, a comunidade se estabelece para fortalecer seus laços de atividades e práticas enquanto desenvolvimento comunitário.

O estilo de vida sustentável é prezado pelos moradores da Arca Verde, uma vez que essa característica é relacionada a uma melhor qualidade de vida e apresentar uma rotina de tarefas e atividades em grande grupo é o que os torna uma Ecovila unida. Sob um aspecto social, o grupo de moradores realiza suas tomadas de decisões em conjunto, mediante uma divisão de poder e responsabilidade, por círculos denominados de comunicação, econômicos e agrícolas. Há uma distribuição de tarefas realizada semanalmente para os moradores, e uma reunião interna a qual

² Instituto Arca Verde. (2022). Sobre nós. Recuperado em 04 de março de 2023, de <https://institutoarcaverde.org.br/sobre-nos/>.

decisões são tomadas. Ainda, a comunidade utiliza de ferramentas sociocratas³ e de comunicação não-violenta⁴ para conviver de maneira que todos sejam respeitados e tenham suas vozes validadas, gerando uma sustentabilidade entre as relações sociais.

Em relação da comunidade com a natureza e a ecologia, a Ecovila trabalha com obras de design e permacultura, utilizando de seus princípios além de se alimentarem com alimentos biorregionais, apresentando um menor índice de pegada ecológica e um circuito curto viabilizando o impacto ambiental. A água utilizada pelos moradores é captada de nascentes e possui um manejo de baixo impacto ecológico para utilização, reutilizar e preservar são primordiais para uma cadeia sustentável.

Também, suas relações com a agricultura são caracterizadas por um cultivo que reproduz padrões e mecanismos do sistema natural e de regeneração de áreas degradadas adaptadas para o sistema agroflorestal.

O viés econômico da Arca Verde é baseado na economia solidária em muitos aspectos, além de empreendimentos comunitários que beneficia todos os moradores. A comunidade conjuntamente oferece atividades econômicas como hospedagem, cursos dos princípios permaculturais, além de cestas mensais de alimentos de produção própria, turismo local com visitas ao jardim botânico e tour por toda localidade do instituto. Também, atividades econômicas realizadas individualmente são permitidas, como consultorias de bioconstrução, produção teatral, cultivo de cogumelos, produção de cosméticos naturais, terapias alternativas, entre outros.

Além disso, o Instituto Arca Verde oferece cursos e capacitações para a comunidade local, visando promover a conscientização e a participação da população nas ações de preservação ambiental. A organização também mantém a Reserva

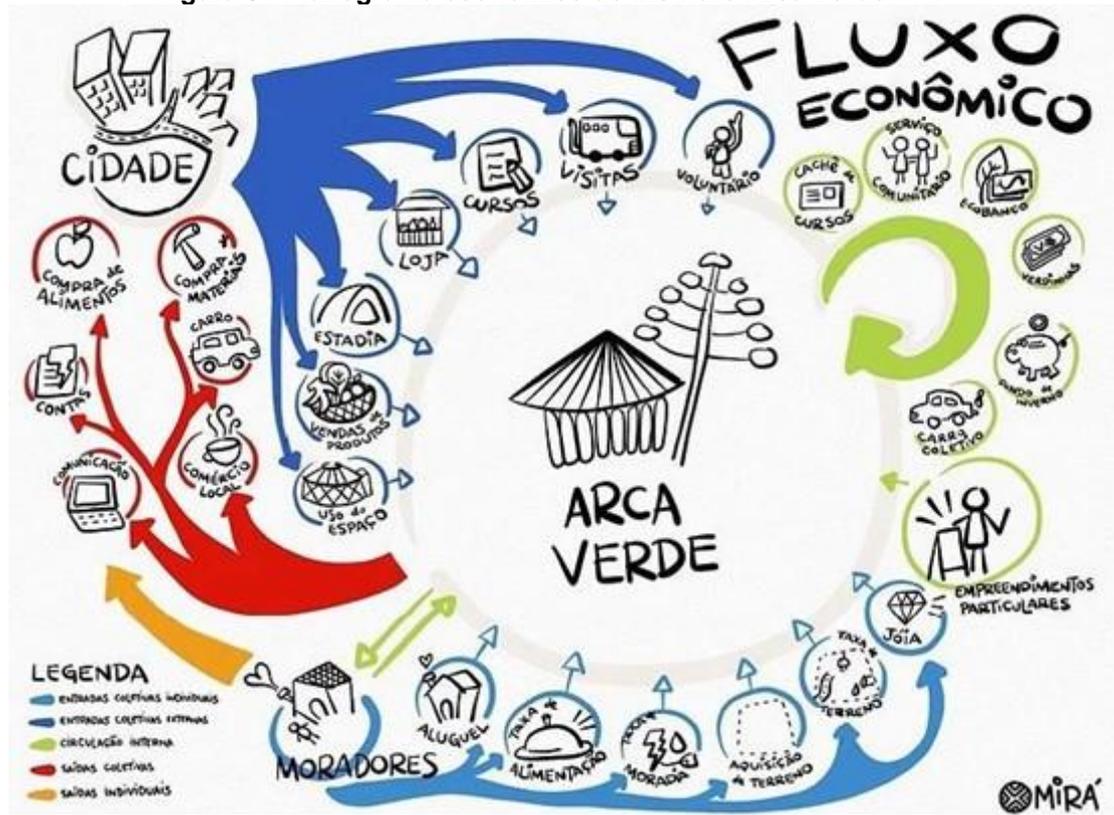
³ "Sociocratas" é o termo utilizado para descrever indivíduos que seguem a metodologia sociocrática, uma abordagem de tomada de decisão baseada em consenso que busca a participação e a igualdade entre os membros de uma organização ou comunidade. Desenvolvida pelo holandês Gerard Endenburg na década de 1970, a Sociocracia é uma teoria e prática de governança que busca aplicar princípios democráticos em todos os níveis de uma organização ou grupo, envolvendo todos os membros na tomada de decisões. Os princípios fundamentais da Sociocracia são equivalência, transparência e eficácia, que buscam garantir a igualdade de voz e poder de decisão entre os membros, a compartilhamento de informações relevantes e a implementação eficiente das decisões tomadas.

⁴ Comunicação Não-Violenta (CNV) é um processo de comunicação desenvolvido por Marshall Rosenberg, psicólogo clínico e fundador do Centro de Comunicação Não-Violenta, que busca estabelecer conexão com o outro através de uma comunicação empática, autêntica e sem julgamentos. A CNV se baseia em quatro pilares: observação, sentimento, necessidade e pedido, e tem como objetivo a construção de relações mais saudáveis e compassivas.

Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Arca Verde, uma área de aproximadamente 62 hectares que abriga uma grande diversidade de fauna e flora nativas.

O trabalho desenvolvido pelo Instituto Arca Verde é fundamental para a conservação do meio ambiente na região de São Francisco de Paula, contribuindo para a preservação da biodiversidade e para a promoção da sustentabilidade.

Figura 3 - Fluxograma econômico do Instituto Arca Verde



Fonte: Site Arca Verde (2023).

Ademais, de maneira pessoal, o meu embarque na Arca foi em uma noite extremamente fria, e logo na rodoviária onde desembarquei na cidade de São Francisco de Paula, um dos moradores (Carlos) já estava me esperando para irmos até a Ecovila. Sob uma estrada de chão esburacada, eu já comecei me apresentando para o Felipe e durante o caminho íamos conversando sobre astrologia e de como as estrelas são bonitas quando não há urbanização em volta.

Depois de alguns minutos chegamos no destino sob o breu da noite e apenas a iluminação que havia era das casas e da Lua Crescente. Fui alocada no alojamento da Arca – local onde os voluntários ficam e pessoas que vão para fazer outros tipos de imersões. Quando abri a porta do quarto no qual fiquei, a primeira coisa que senti

foi o cheiro da casa da minha avó materna, aquela sensação me trouxe uma nostalgia a qual não sentia há muito tempo. Depois que Carlos me apresentou todo o alojamento cordialmente, e de confirmar se havia cobertas necessárias para eu pernoitar no quarto que era construído de pedra, pude descansar e me preparar para o dia seguinte de pesquisa. Ao deitar e fechar os olhos, meu corpo flutuou para o quarto da casa da chácara da minha avó, tal qual um sinal de que eu estava pronta para enfrentar os percalços que a pesquisa poderia trazer, de coração aberto e mente serena.

8 A FALA DOS MORADORES

As entrevistas dos moradores da Ecovila Vila Arca Verde, foram gravadas e transcritas detalhadamente. A seguir, será feita a narração das falas dos participantes, assim como a análise do discurso de tais, baseado nas teorias desenvolvidas acima.

8.1 CARLOS

O carismático Carlos foi meu primeiro entrevistado, e cedeu sua casa para a conversa. Nossa entrevista foi longa e gerou vários insights para esse trabalho.

Carlos é fascinado pela região desde o final dos anos 1980, quando foi acampar com os amigos em São Chico e Cambará. Se sentiu compelido a morar na região devido a sua beleza e charme. Ele havia compartilhado com os amigos o desejo de infância de morar no campo, mas reconhecia que a vida no campo poderia ser difícil para ele. Sentia, no entanto, que a vida em comunidade, com esforço mútuo e apoio de vizinhos e familiares, tornaria a jornada mais agradável, próspera e feliz. Assim, surgiu em seu pensamento a ideia de ingressar em uma Ecovila, uma comunidade de pessoas que compartilhavam seus objetivos e visão de um modo de vida mais sustentável.

Carlos também teve sérias discussões com o pai, que desejava voltar à vida no campo nos últimos anos. Embora as perspectivas de Carlos e de seu pai diferissem de várias maneiras, ambos acreditavam que viver em comunidade e trabalhar juntos pode levar a uma maior realização. Esta crença foi reforçada pela sua participação na iniciativa "Luz para Todos", que lhe permitiu percorrer vários assentamentos da reforma agrária. Ele observou que as comunidades mais ricas e felizes eram aquelas onde as pessoas se reuniam em organizações, cooperativas e associações para construir uma rede de apoio e colaboração.

Como resultado de suas experiências e reflexões, Carlos decidiu seguir uma nova vida na Ecovila Arca Verde. O primeiro encantamento da região, os medos expressos com amigos e familiares e as lições de assentamentos rurais bem-sucedidos e felizes moldaram seu conceito de comunidade e sustentabilidade. Esses fatores levaram Carlos a buscar uma existência mais natural, em uníssono com os demais moradores da Ecovila, em busca de uma vida mais profunda e feliz.

Carlos descreve sua afeição pela vida rural e seu desejo de viver no campo, enfatizando a necessidade de ajuda mútua e colaboração nas comunidades. Essa busca pela vida comunitária e cooperativa é consistente com os valores da contracultura, que desafiam e buscam alternativas aos padrões convencionais da sociedade dominante e estilo de vida individualista.

A decisão de Carlos de se mudar para Arca Verde é influenciada por uma série de circunstâncias. Ele se lembra de ter descoberto a Ecovila pela internet e feito um curso lá, o que despertou seu interesse pela comunidade. Além disso, ele enfatiza sua experiência anterior em um sítio e sua crença de que a vida metropolitana é dura, mas a proximidade com a natureza e o compartilhamento de recursos são apreciados na Ecovila.

Com base em sua experiência pessoal e valorizando o acesso à natureza e a tranquilidade, Carlos enfatiza o valor de morar em um local diferenciado do restante da cidade. Sua voz exhibe uma visão crítica da vida da cidade grande, que ele considera antinatural, marcada pelo trânsito intenso, poluição e uma certa paranoia.

“A vida urbana em uma cidade grande é mais desumana, então as pessoas vão se afastando, se fechando em suas vidas, desenvolvendo medos, uma certa paranoia, eu tô generalizando mas é muito o que eu vejo, e aqui acho que a principal questão é a proximidade com a natureza, e também o que é muito importante pra mim é somar e fazer trabalhos com outras pessoas, compartilhar planos, ideias, ferramentas, recursos isso é uma coisa que pra mim tem um valor bem grande” (Carlos, 57 anos).

Ao optar por morar em uma Ecovila, busca uma experiência alternativa que fuja dos padrões da cultura urbana. A proximidade com a natureza e a convivência com outros habitantes permite que ele compartilhe planos, ideias, ferramentas e recursos, que ele valoriza e considera essenciais para uma vida mais humana.

Carlos destaca a necessidade de se reconectar com a natureza e a busca por relacionamentos mais colaborativos e significativos, enfatizando a importância desses valores, combatendo assim a alienação e o individualismo predominante na vida metropolitana atual.

Ao mencionar suas pesquisas online e experiências anteriores, Carlos demonstra sua familiaridade com a ideia de permacultura. O objetivo da permacultura, uma abordagem holística, é desenvolver sistemas sustentáveis que equilibrem as necessidades humanas com as necessidades do mundo natural. Carlos está alinhado

com os princípios da permacultura e das Ecovilas em sua compreensão da importância de viver em harmonia com o mundo natural e usar menos energia.

“No meu entendimento a humanidade precisa achar uma forma de vida que se aproxime mais da natureza e que use menos recursos energéticos de alto impacto, acho que isso é inviável o modo urbano de grandes urbanizações” (Carlos, 57 anos)

Carlos revela uma fala repleta de ideias sobre a busca de uma forma de viver diferente, mais em sintonia com a natureza e mais ecológica. Sua fala enfatiza o valor da paz, da proximidade com a natureza e critica a vida urbana por seus traços inumanos. Esses estilos de discurso estão alinhados com os princípios das Ecovilas e com o desejo de promover mudanças sociais e ambientais.

Também, é enfatizado a importância da colaboração, compartilhamento e interação interpessoal, enfatizando como o discurso pode ser usado para fortalecer valores como solidariedade e cooperação. Os princípios da Ecovila, que visa criar relações mais horizontais e igualitárias entre seus membros, vão ao encontro dessas práticas discursivas.

Além disso, ele enfatiza a importância da cooperação, compartilhamento e interação com os outros, enfatizando o uso do discurso para construir uma identidade comunitária e reforçar valores como solidariedade e colaboração. Essas práticas discursivas estão conforme os princípios da ecovila, que visam promover relações mais igualitárias e horizontais entre seus membros.

Carlos, por sua vez, expressa um discurso crítico em relação ao estado atual da Ecovila Arca Verde. Ele menciona um processo de desintegração e falta de vontade de rever e buscar soluções para os problemas da comunidade. Essa crítica é expressa por meio do uso do discurso, revelando uma preocupação com a coesão interna e a necessidade de reenergizar o grupo.

A noção de convivência é um aspecto fundamental de qualquer comunidade, e Arca Verde não é exceção. No entanto, como aponta, há desafios para manter essa convivência. A percepção de desintegração pode ser uma ameaça real ao bem-estar da comunidade e requer um esforço conjunto para lidar com isso.

8.2 MATHEUS

Minha conversa do meio da tarde foi com o psicólogo morador da Arca Verde Matheus, sua entrevista foi na cozinha principal da Ecovila, regada de xícaras de café e pão caseiro.

O morador de 39 anos, é psicólogo clínico e mora na Ecovila Instituto Arca Verde. A vida de Matheus foi marcada por várias experiências e locais de moradia antes de se instalar na Ecovila.

Nasceu em Rio Paranaíba, uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, cercada por uma rica biodiversidade. Nesse período de sua vida, foi para o campo, caçando pássaros e colhendo frutas do cerrado. Essas atividades foram uma parte importante e agradável de sua infância.

A trajetória de Matheus demonstra uma sede de conhecimento e uma preocupação crescente com o meio ambiente. Sua formação em psicologia clínica e experiência em Ecovilas podem ter influenciado sua visão de mundo e atuação profissional, capacitando-o a aplicar princípios e abordagens sustentáveis em seu trabalho e relacionamentos.

Matheus começa contando a história de sua criação em uma cidade do interior de Minas Gerais, destacando a grande biodiversidade da região e sua afinidade com o ar livre. Seu interesse pela ecologia foi motivado por este evento. Mais tarde, sua experiência trabalhando na construção civil nos Estados Unidos despertou seu interesse pela ecologia e o inspirou a considerar fazer faculdade nessa área. Ele finalmente decidiu voltar para o Brasil devido às mensalidades caras e à má qualidade das universidades americanas.

Descobriu a Arca Verde durante uma viagem turística ao Uruguai em 2015. Ele escolheu visitar a Ecovila porque estava curioso sobre o modo de vida "daqueles hippies que abraçam árvores". O que começou como uma visita de rotina, porém, despertou em Matheus profundos impulsos pessoais, levando-o a escolher Arca Verde como sua residência permanente. O primeiro fator impulsionador foi um investimento significativo em ferramentas sociais.

“Aqui existe um real investimento da energia humana em tentar conviver melhor, então as pessoas tentam trabalhar a própria comunicação, tomadas de decisão de maneira mais coletiva, distribuição da voz, tomadas de distribuição mais horizontais, um tratamento com as crianças sem autoritarismo de não desmerecer as falas e muito pelo contrário aqui tem uma

busca de valorizar as falas das crianças, de negociar com as crianças, aqui elas têm suas vozes ouvidas, de maneira central essa é a principal riqueza desse espaço na minha opinião e é o principal motivo.” (Matheus, 39 anos).

O psicólogo indicou hesitação, incerteza e dúvida antes de realizar sua transição. Essa resposta é típica de processos de mudança e transição, principalmente ao escolher um estilo de vida diferente do padrão. Mas ele destaca as vantagens da proximidade com a natureza e a percepção dos problemas das grandes cidades, como a poluição luminosa e sonora, que podem passar despercebidos por quem vive imerso nesse ambiente diariamente.

“Hoje eu chego em Porto Alegre e eu me sinto incomodado com a poluição luminosa, as pessoas que moram lá ,nem se tocam disso porque já estão inseridos naquele campo, o tempo inteiro então na cidade grande sujeitos a poluição sonora, do ar, luminosa e a tanto tempo e com tanta intensidade que a gente não percebe, então um tempo fora da cidade ajuda a perceber esses elementos, então não é bem por ser cidade, porque há cidades saudáveis de se viver também, mas devido a má construção e divulgação da maioria das cidades quase todas do nosso país, eu acho que é mais saudável viver um pouco mais imerso ao verde, falando de maneira sucinta.” (Matheus, 39 anos)

Sua morada na Arca Verde o expôs à permacultura e foi um exemplo de como o dia a dia é cooperativo e respeitoso. Sua percepção de que muitos dos conceitos teóricos da psicologia não eram aplicados em outros contextos da vida diária foi inspirada por essas experiências reais. A vida na cidade o levou a considerar vários aspectos da vida comunitária e das relações interpessoais, o que o inspirou a pesquisar e buscar maneiras mais eficazes de se comunicar.

O senso de cooperação e apoio mútuo que permeia a comunidade foi um dos principais aprendizados de Matheus ao viver na ecovila. Ele enfatiza a importância desse sentimento de pertencimento para a saúde e o bem-estar dos habitantes. A comunidade passa por um período crucial de estagnação e precisa recuperar sua identidade, por isso ele também observa a necessidade de reavaliar os acordos e princípios da Arca Verde.

A pandemia de Covid-19 teve um impacto significativo na Arca Verde, tanto emocionalmente como econômico. Rodrigo discute os desafios que a comunidade enfrenta ao lidar com as diversas preocupações e pontos de vista sobre a pandemia. Ele aponta que a falta de consenso e a diversidade de pontos de vista na comunidade dificultam a tomada de decisões e a implementação de medidas de prevenção. Além

disso, a economia enfrentou desafios econômicos em decorrência da queda do turismo e da necessidade de modificar as atividades.

“Eu vi o movimento da covid aqui primeiro em níveis diferentes, todo mundo vivenciou e expressou cada um de seu jeito certos medos, fizemos exaustivos e exaustivos em termos de números reuniões pra rever acordos do covid, rever questões de quem vai sair e como vai sair, vamos receber alguém, se vai ter quarentena enfim, e eu estive manejando a comunicação nesse período e, ao mesmo tempo cuidando da permanência permacultural, que é de lidar com as pessoas que estão aqui vindo passar um tempo e tal, e foi em termos de afetos e acordos a coisa mais desafiadora que vi uma comunidade passar na minha vida, porque a gente tinha desde pessoas tomadas completamente pelo medo e querendo se fechar em suas casas, a pessoas completamente negacionistas achando que pensar positivo era a solução, e daí como chegar em acordos com essas pessoas para que elas compartilhem o espaço?” (Matheus, 39 anos).

O psicólogo destaca a importância de reconsiderar e fortalecer os ideais e princípios da comunidade diante dessa difícil situação. Ele enfatiza a necessidade de promover uma atmosfera de conversa respeitosa onde pontos de vista opostos possam ser ouvidos e considerados. Além disso, destaca a importância de buscar soluções inovadoras e flexíveis para os problemas com foco na sustentabilidade e no bem-estar geral.

A teoria de Fairclough (2013) sobre a conexão entre discurso e mudança social também se reflete na experiência de Matheus na Arca Verde. Ele se envolve em atividades discursivas que visam alterar as estruturas sociais atuais por fazer parte de um grupo que respeita a sustentabilidade e a cooperação. Discussões sobre a catástrofe ecológica, a necessidade de reformas no sistema econômico e a criação de modelos alternativos de governo e organização social são alguns exemplos dessas práticas.

É crucial entender que a sociedade mais ampla na qual Matheus e os outros moradores da Ecovila estão inseridos limita a influência de suas práticas discursivas. As crenças e forças dominantes existentes continuam a ter impacto nas oportunidades de mudança e na vida diária. Como resultado, a comunicação e o discurso dentro da Arca Verde podem ser vistos como um meio de resistência e desenvolvimento de alternativas, bem como uma complexa interação com instituições sociais e discursivas já existentes.

8.3 MAURÍCIO

Maurício foi meu penúltimo entrevistado, ele possui 36 anos nascido em Porto Alegre, mas havia morado recentemente em Londres na época. Frequentou escolas particulares a vida toda e teve a chance de fazer um intercâmbio nos Estados Unidos ainda no ensino médio. Após terminar o colegial, se matriculou em um programa de Publicidade e Propaganda, mas depois o abandonou para seguir outros interesses.

A primeira viagem o levou de volta a Londres, onde teve a oportunidade de trabalhar e vivenciar coisas novas. Voltou ao Brasil para terminar o curso, mas voltou a Londres mais algumas vezes porque queria conhecer mais o mundo. Na última vez que o visitou, decidiu seguir a carreira de cozinheiro. Maurício concluiu um curso técnico em panificação e confeitaria como parte de seus estudos de gastronomia. Ele trabalhou nesta indústria por um período considerável de tempo e também desenvolveu suas habilidades em hotelaria de luxo.

Maurício sentia-se desgastado pela rotina e pela busca por uma carreira lucrativa e começou a se perguntar qual era o seu propósito na vida. Ele tomou a decisão de fazer o Caminho de Santiago de Compostela, uma peregrinação conhecida por mudar a vida das pessoas, durante este tempo. Essa jornada despertou algo dentro dele, levando-o a considerar seus objetivos e valores. Assim, tomou a decisão de se mudar e buscar uma vida mais em sintonia com a natureza naquele momento. Percebendo que a cidade não era saudável para ele, sentiu a necessidade de deixar Londres. Ele não sabia, porém, que possuir uma fazenda exigia ser abastado, aposentado e possuir uma quantia considerável para comprar terras e nomear um zelador.

Posteriormente descobriu a permacultura e as ecovilas por meio de suas pesquisas. Essas ideias despertaram seu interesse e se tornaram seu próximo passo. Foi assim que ele conheceu Arca Verde, uma ecovila que parecia o lugar ideal para viver em harmonia com a natureza. Maurício decidiu ingressar na Arca Verde há cerca de 5 anos para iniciar um novo capítulo em sua vida, explorando a permacultura e contribuindo para a criação de um estilo de vida sustentável e consciente.

Para melhor compreender os contextos sociais e históricos onde os discursos são criados, Foucault propôs uma arqueologia do conhecimento. No caso de Maurício, é fundamental considerar suas inspirações culturais e históricas, bem como os costumes sociais e sistemas de crenças que permeiam sua escrita. Nas palavras de

Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo pelo qual se luta, o poder que se quer apoderar” (Foucault, 2012, p. 17). Devemos, portanto, investigar como as relações de poder são expressas na linguagem de Maurício quando analisamos as entrevistas.

Além disso, de acordo com Foucault, o poder é distribuído mediante práticas discursivas e sociais ao invés de ser centralizado. Podemos investigar como as dinâmicas de poder afetam o discurso de Maurício e como ele lida com elas na ecovila. Segundo Foucault, “o poder atua não apenas como uma força que reprime, mas também como uma instância que possibilita, que possibilita, que produz” (Foucault, 2012, p. 20). Dessa forma, podemos examinar as maneiras pelas quais as restrições dos sistemas de poder e o potencial de resistência e mudança se refletem no discurso de Maurício.

Podemos examinar como o entrevistado estabelece sua subjetividade por meio de sua fala, como ele se identifica como morador da ecovila e como suas experiências de vida moldam sua visão de mundo. De acordo com Foucault, “o indivíduo não é a origem do sentido e do valor, ele é um efeito do sentido e do valor” (Foucault, 2012, p. 34). Nesse sentido, o tempo que Maurício está na ecovila seja um meio de criar uma nova subjetividade, na qual ele se dissocia das normas vigentes e se reinventa como membro de um tipo diferente de sociedade.

O raciocínio do morador para decidir viver na ecovila também é liminar. Transmite a tensão da vida na cidade e o desejo de fazer parte de algo novo e talvez transformador. Maurício enfatiza o valor de fazer parte de uma comunidade com pessoas que pensam da mesma forma e de não depender apenas de si em sua citação: “A crença de que sozinhos não podemos alcançar muito”. Dessa forma, busca o sentimento de pertencimento e o trabalho em equipe para enfrentar os problemas da vida na Ecovila.

A fala de Maurício demonstra o impacto da liminaridade em sua percepção do mundo e sua função no renascimento do planeta. Como ele mesmo diz, “Fazer parte de um grupo, com o propósito de regenerar que traz uma ideia de alento” estar em uma Ecovila dá a ele um senso de propósito e a sensação de fazer mais do que quando estava sozinho. Ele descobre uma nova relação com o meio ambiente ao residir na Ecovila, buscando uma conexão mais profunda e ação em grupo em prol da sustentabilidade.

Pode-se perceber também como Maurício interage com as estruturas sociais da Ecovila ao mesmo tempo, em que tenta reavaliar sua própria identidade e curso de ação. Ele enfatiza o valor de coabitar e cooperar com os outros na vizinhança, demonstrando como as escolhas e interações de cada pessoa com os outros influenciam a vida da Ecovila.

Giddens (1984) afirma ainda que as práticas sociais são dirigidas por regras e recursos. Os recursos são as ferramentas à disposição para a ação, enquanto as regras são vistas como padrões e práticas aceitas. Na experiência de Maurício, ele aprende a lidar com as leis e costumes da vida comunitária, como chegar a acordos e resolver disputas.

O conceito de dualidade da estrutura, segundo o qual os sistemas sociais são ao mesmo tempo, limitantes e capacitadores, também é abordado pela teoria da estruturação de Giddens (1984). Isso significa que os sistemas sociais estabelecem limites e abrem opções para o comportamento pessoal. No relato de sua própria experiência, Maurício fala de suas preocupações financeiras e preconceitos contra outras culturas. Essas preocupações são reflexo das limitações e restrições impostas pelos sistemas sociais, mas a Ecovila também oferece a oportunidade de viver de forma mais sustentável e ser membro de uma comunidade com um objetivo comum.

8.4 HELENA

Helena foi a minha última entrevistada, e como uma gentileza me ofereceu um jantar, e enquanto eu a entrevistava fazia minha refeição (esfomeada)

Helena, tem 29 anos, tendo sido formada em Gestão Ambiental com ênfase em Agroecologia. Residia em Parobé, próximo ao município de São Francisco de Paula, antes de se mudar para a Ecovila Arca. A família é de Gramado, mas ela passou a maioria da vida em Parobé, onde conheceu a indústria calçadista e percebeu seus aspectos negativos.

A gestora ambiental sempre teve um grande interesse pela natureza e desde criança frequenta ambientes naturais como praias e montanhas. Ela e sua família visitavam com frequência a região de São José dos Ausentes, o que contribuiu para seu amor pela natureza. Além disso, Helena se destacou como aluna e, ao concluir o ensino médio, enfrentou a difícil tarefa de escolher uma carreira profissional entre

diversas opções. Prestou vestibular para cursos de diversas universidades, entre eles Engenharia Ambiental e Gestão Ambiental.

A escolha foi São Francisco de Paula para cursar Gestão Ambiental por ser próxima da família. Esteve envolvida em projetos de iniciação científica durante a graduação e teve a oportunidade de trabalhar em um laboratório de gestão ambiental e negociação de conflitos. Essa experiência despertou seu interesse não apenas pela proteção ambiental, mas também pela relação homem-natureza.

Apesar de seu envolvimento com a faculdade e atividades profissionais, Helena estava insatisfeita com como sua formação foi realizada. Nesse momento, um ex-companheiro dela os convidou para conhecer a Ecovila de Arca. A gestora ambiental se interessou pelo Arca a partir desse convite e das recomendações de uma professora, e decidiu visitá-lo em 2014. A experiência foi tão marcante que ela decidiu se mudar para lá definitivamente em 2016.

Deixou o emprego na prefeitura, onde trabalhava com educação ambiental, quando decidiu se mudar para Arca. Seu objetivo inicial era conhecer e participar das atividades da comunidade, mas acabou se apaixonando por diversas áreas, inclusive agrofloresta e resolução de conflitos. Helena revela que seus pais e amigos não tinham uma ligação tão forte com a natureza, mas sempre a incentivaram, o que contribuiu para seu interesse pelo meio ambiente e vontade de aprender mais sobre o assunto.

Helena está na Arca há 6 anos, dedicando-se ao trabalho em agrofloresta e mediação de conflitos, com foco na harmonia social e ambiental. Sua história reflete seu amor de infância pela natureza, sua busca pelo conhecimento ambiental e seu envolvimento com a Ecovila, onde descobriu sua paixão e propósito de vida.

Detalhes importantes sobre a experiência de vida de Helena e os motivos pelos quais ela escolheu viver nesse contexto comunitário são revelados por meio da análise de sua fala.

Em primeiro lugar, podemos identificar a liminaridade em sua narração no relato de sua vida antes de vir para Arca Verde, Helena menciona a origem da família em Gramado e também a passagem por Parobé, onde teve contato com a natureza e se interessou pelas questões ambientais. Este momento em sua vida seja um estágio liminar, durante o qual ela explorou muitas opções e determinou sua carreira e objetivos pessoais.

Helena tem afinidade com as crenças da contracultura, que desafiam os valores e práticas vigentes na sociedade, quando discute sua decisão de estudar Gestão Ambiental e, eventualmente, focar na agroecologia. Seus questionamentos contra a faculdade e a busca por uma relação mais harmoniosa entre as pessoas e a natureza são reflexos do efeito da contracultura em sua vida.

A entrevistada conta que seu interesse inicial pela Ecovila foi despertado por um professor de botânica que anunciava cursos de agrofloresta em parceria com a Arca Verde. Ela ficou intrigada com a Ecovila após esse encontro casual e a visitou. Lá, ela se apaixonou pela vida em comunidade e pelas oportunidades que ela oferecia para colocar seus conhecimentos e ideias em realidade. Dessa forma, ela escolheu morar em uma Ecovila porque queria fazer parte de um grupo, trocar experiências e colocar seus sonhos em prática.

Uma das preocupações de Helena ao decidir se mudar para a Ecovila é a questão da renda. Essa preocupação destaca a dificuldade enfrentada por muitos moradores de Ecovilas que buscam formas alternativas de subsistência e organização econômica, afastando-se das estruturas tradicionais do mercado de trabalho. Essa dinâmica tem ligação direta com a contracultura e o questionamento da ordem estabelecida.

Torna-se importante citar o trabalho de Fairclough (2013) que destaca a importância da análise crítica do discurso, que envolve revelar ideologias subjacentes, relações de poder e as formas pelas quais a fala influencia e molda a atividade social. Assim, o relato da entrevistada sobre si mesma exemplifica sua própria compreensão crítica e reflexiva das normas sociais e estruturas de poder. A escolha de viver na Ecovila demonstra que eles estão pressionando e duvidando da sabedoria convencional em um esforço para encontrar respostas mais morais e duradouras.

A análise de Helena no contexto de "Discurso e Mudança Social" de Norman Fairclough enfatiza seu envolvimento com vários discursos, sua oposição à ideologia predominante e sua busca pela mudança social por meio da adoção de práticas alternativas e sustentáveis na Ecovila. Sua história ilustra como o discurso moldou sua trajetória e como ela conseguiu analisar criticamente crenças e ideais preexistentes para encontrar estilos de vida mais conscientes e conscientes do meio ambiente.

É enfatizado, também, o valor da negociação e da discussão em grupo na tomada de decisões. Como a Ecovila é um lugar de experimentação e transição onde

novas estruturas organizacionais são investigadas e estruturas de poder estabelecidas são questionadas, essa dinâmica ilustra o impacto da liminaridade. Helena fala sobre os efeitos da pandemia da Covid-19 na Arca Verde, destacando o fechamento da comunidade e os cuidados para resguardar seus moradores. A controvérsia sobre a vacinação destaca a importância da saúde da comunidade e do cuidado com o bem-estar de todos. Essa estratégia ilustra a preocupação com o meio ambiente e a dedicação à sustentabilidade encontrada nas Ecovilas.

“Todos entraram em consenso, mas foi bem difícil até porque o meu companheiro estava na Indonésia e ficou trancado lá, e aí eu tava tipo “o Jair vai poder vir pra Arca depois?” e a decisão era que não, então ficamos bem fechados mesmo e as pessoas em vários níveis de entendimento do que estava acontecendo de medos diferentes, nos organizamos muito em questão de 1 pessoa na semana vai na cidade e compra tudo pra todos, quando começou o processo de vacinação não houve muitas discussões internas sobre vamos todos nos vacinar ou não vamos, mas a grande maioria se vacinou, teve um fluxo que achou que precisava, bem poucas pessoas não se vacinaram na Arca, acho que duas.”(Helena, 29 anos).

A jornada de sua vida mostra um desejo por um modo de vida mais ambientalmente consciente, um respeito pelo grupo e um ceticismo sobre as instituições sociais predominantes. Tomar a decisão de morar em uma Ecovila é uma espécie de experimentação e mudança que examina novas possibilidades de organização social e econômica.

9 COM A FALA OS EX-MORADORES¹

As entrevistas com ex-moradores da Ecovila foram conduzidas por meio de reuniões realizadas via Google Meet, registradas em áudio e posteriormente transcritas.

9.1 JOANA

A análise do discurso de Joana, ex-moradora do Instituto Arca Verde, revela uma série de aspectos importantes ao longo da entrevista, ela compartilha sua jornada da chegada e saída da Arca Verde. Seus aprendizados e desafios na convivência em uma grande comunidade, a escolha da Ecovila e o ambiente como moldador de identidade, seu conhecimento e relação com a permacultura, os sentimentos provocados pela vivência na Arca Verde e sua decisão de sair da comunidade. Um dos pontos centrais da entrevista de Joana é a importância das relações interpessoais e da convivência na Ecovila. Essa vivência intensa proporcionou momentos maravilhosos, mas também trouxe desafios, já que diferentes perspectivas e prioridades muitas vezes entravam em conflito.

Essa dinâmica de convivência pode ser relacionada com as teorias de liminaridade de Victor Turner. O autor (1969) argumenta que os indivíduos em comunidades alternativas, como as Ecovilas, passam por um período de liminaridade, no qual eles estão em uma posição de transição e experimentam uma desconstrução de suas identidades anteriores.

Nesse contexto, eles têm a oportunidade de reconstruir suas identidades coletivamente, estabelecendo novas normas e valores compartilhados. A vivência de Joana na Arca Verde reflete essa dinâmica de transformação e reconstrução identitária, evidenciando a importância das relações interpessoais nesse processo.

Além disso, a escolha de Joana pela Arca Verde não se deu apenas pelo fato de ser uma Ecovila, mas também pela conexão que ela sentiu com o lugar e com a proposta de vida sustentável. Essa escolha baseada em afinidade e conexão pode ser relacionada com o conceito de contracultura. A contracultura refere-se a movimentos sociais e grupos que buscam romper com as normas e valores

¹ Os nomes dos entrevistados são nomes fantasia para proteger suas identidades.

dominantes da sociedade, propondo alternativas e estilos de vida diferentes. A escolha da entrevistada pela Ecovila, motivada por sua busca por mudanças em sua vida e por sua afinidade com a natureza, reflete essa contracultura e a busca por um estilo de vida alternativo.

Outro aspecto relevante é a relação de Joana com a permacultura. Ela relata ter conhecido a permacultura anteriormente e ter se aprofundado no assunto durante sua estadia na Arca Verde. A experiência de Joana na Ecovila proporcionou a ela a oportunidade de vivenciar práticas permaculturais e compreender melhor os conceitos relacionados. Esse conhecimento adquirido contribuiu para sua compreensão sobre a permacultura e ampliou sua visão sobre formas alternativas de viver em harmonia com o meio ambiente.

Ao longo de sua experiência na Arca Verde, ela descreve uma gama variada e intensa de sentimentos, desde gratidão, amor e pertencimento até raiva e impaciência devido aos conflitos interpessoais. Esses sentimentos contraditórios refletem a complexidade das relações humanas em qualquer comunidade, seja ela uma Ecovila ou não.

A convivência requer equilíbrio, respeito mútuo e compreensão das diferentes perspectivas, conforme destacado pela entrevistada. Essa dinâmica emocional na Ecovila pode ser compreendida à luz das teorias da liminaridade de Turner, que enfatizam a desconstrução das identidades e a reconstrução coletiva como parte da experiência de transição em comunidades alternativas.

Sua decisão em sair da Arca Verde foi motivada por diferentes fatores, como o desejo de vivenciar novas experiências, buscar outros horizontes em sua vida, dificuldades financeiras e o término de um relacionamento. Apesar de não residir mais na Ecovila, Joana mantém um vínculo afetivo e de gratidão com o lugar, demonstrando a importância e o impacto que a vivência na Arca Verde teve em sua vida.

9.2 TEODORO

A teoria da liminaridade desenvolvida por Victor Turner é utilizada para interpretar a experiência de Teodoro como um período de transição e transformação, como os demais participantes da entrevista. O ex-morador da Ecovila passou por uma passagem de valores e significados após deixar sua vida anterior e adotar uma nova identidade como membro da Arca Verde. Essa mudança é examinada no contexto de

práticas comunitárias como Dragon Dreaming, sociocracia e comunicação não violentas, que representaram uma ruptura com o passado e a descoberta de novas formas de viver e se relacionar.

Outra perspectiva teórica utilizada para entender a escolha de Teodoro pela Arca Verde é o movimento de contracultura. Ele aspirava a viver de forma mais sustentável e em harmonia com a natureza, rejeitando as normas sociais dominantes e adotando práticas e valores alternativos. A decisão de Teodoro de viver em uma Ecovila é interpretada como uma expressão de seu desejo de se alinhar com seus valores ecológicos e experimentar práticas contra culturais como a bioconstrução.

A análise da fala de Teodoro revela suas experiências e visões de mundo enquanto esteve na Arca Verde. Ele descreve a comunidade como aquela em que se sentia profundamente conectado à natureza e conseguiu perseguir seus interesses no cultivo de fungos e práticas sustentáveis. Sua mudança para Arca Verde foi motivada por uma mudança em sua perspectiva de carreira e pelo desejo de viver uma vida mais alinhada com suas crenças.

No entanto, Teodoro também menciona desentendimentos e desafios da comunidade. Essas cismas podem ser interpretadas como conflitos comunitários que surgem no contexto da tomada de decisão compartilhada. A abordagem dele a esses desafios pode ter influenciado sua mudança de opinião sobre a comunidade.

Além disso, durante sua estada na Arca Verde, Teodoro enfatiza a importância de práticas pessoais como meditação, Aikido e comunicação não violenta. Essas práticas são apontadas como elementos centrais em sua vida comunitária e podem ter desempenhado um papel significativo em sua transformação pessoal.

É possível entender a busca de Teodoro por transformação pessoal, conexão com a natureza e adesão a valores e práticas alternativas por meio dessa análise de discurso. Sua experiência em Arca Verde pode ser interpretada através das lentes da liminaridade, da contracultura e das Ecovilas, permitindo uma compreensão mais aprofundada da vida em comunidades alternativas.

Deve-se notar, no entanto, que a análise do discurso do ex-morador é baseada em suas próprias narrativas e perspectivas. Como em qualquer estudo de análise de discurso, lembre-se de que essas narrativas são subjetivas e podem não refletir a experiência ou a visão completa de todos os membros da Arca Verde, ou de outras Ecovilas. Como resultado, ao interpretar os resultados da análise, é fundamental adotar uma abordagem crítica e considerar várias perspectivas.

9.3 FABIANA

Ao analisar o discurso de Fabiana, ex-moradora de Arca Verde, pode-se estabelecer uma análise crítica que inclui não apenas as teorias da liminaridade e das Ecovilas de Victor Turner, mas também a teoria da análise do discurso de Michel Foucault. A teoria da liminaridade de Victor Turner, que descreve um estado de transição e transformação, pode ser usada para entender melhor a jornada de Fabiana a bordo da Arca Verde. Ela fez uma transição significativa de sua vida anterior para um estilo de vida mais orgânico e sustentável na ecovila. Fabiana se viu em um estado liminar durante esse processo, deixando para trás sua identidade social anterior e abrindo-se para novos significados e valores fornecidos pela comunidade. Simultaneamente, a teoria da análise do discurso de Foucault fornece uma perspectiva crítica sobre.

Segundo Foucault, o discurso não é apenas uma forma de expressão individual, mas também uma construção social que reflete e molda as relações de poder e saber. Nesse sentido, é possível identificar os discursos dominantes presentes em Arca Verde por meio da análise do discurso da ex-moradora, que pode influenciar suas próprias crenças e práticas. Fabiana, por exemplo, pode reproduzir discursos e valores estabelecidos pela comunidade, como a importância da permacultura e da sustentabilidade, sem questionar os sistemas de poder subjacentes a essas ideias. A análise do discurso de Foucault permite uma reflexão crítica sobre como as estruturas de poder operam dentro da Ecovila e como essas estruturas moldam as experiências e perspectivas individuais.

A Arca Verde, como espaço liminar, permite a Fabiana experimentar novos modos de vida e relacionamentos, desafiando as normas e convenções sociais dominantes. Ao mesmo tempo, essa experiência liminar é influenciada pelas dinâmicas de poder na comunidade, que moldam os discursos e as práticas dos moradores. Assim, ao analisar a fala de Fabiana, é fundamental considerar a dinâmica de poder, as relações de saber e as normas da Ecovila. A teoria da liminaridade de Turner e a análise do discurso de Foucault fornecem uma estrutura conceitual para investigar essas dinâmicas, enfatizando a importância de considerar não apenas as narrativas individuais, mas também os sistemas de poder e as relações sociais que as moldam.

As teorias fornecem ferramentas conceituais para entender a transição de Fabiana, a dinâmica de poder na comunidade e a dinâmica discursiva que influencia suas experiências e perspectivas.

9.4 ALICE

A teoria da liminaridade de Victor Turner é importante para entender a experiência de Rebeca em Arca Verde. Ela descreve sua transição da cidade grande para o meio rural como um período de liminaridade, marcado pela ruptura com as estruturas sociais tradicionais e pela busca de um modo de vida diferente. Essa transição é evidenciada pela adoção de princípios permaculturais e participação em práticas agroflorestais, que demonstram o desejo de uma conexão mais próxima com a natureza e um modo de vida mais sustentável. A análise do discurso de Alice pode se beneficiar da aplicação da teoria da contracultura. Ela expressa o desejo de se afastar da cultura dominante da sociedade urbana e entrar em uma comunidade que valoriza princípios e práticas alternativas. Alice aderiu ao movimento das Ecovilas ao optar por morar em uma.

A análise do discurso de Alice pode se beneficiar da aplicação da teoria da contracultura. Ela expressa o desejo de se afastar da cultura dominante da sociedade urbana e entrar em uma comunidade que valoriza princípios e práticas alternativas. A decisão da ex-moradora de habitar em uma Ecovila a coloca na companhia de uma contracultura que busca novas formas de organização social e relações humanas baseadas na sustentabilidade e no coletivismo.

A teoria da Ecovila é fundamental para entender a decisão de Alice de viver em um ambiente comunitário. Ela enfatiza a importância da convivência diária com outras pessoas na Ecovila, bem como o valor das interações e conexões humanas. A ecovila permite o aprofundamento dos vínculos e a troca de experiências, proporcionando um sentimento de pertencimento e colaboração que muitas vezes falta na vida urbana. A dimensão comunitária da Ecovila é coerente com os princípios da contracultura e da busca por um estilo de vida alternativo.

Além disso, a análise do discurso de Michel Foucault pode ser utilizada para investigar os mecanismos de poder presentes no discurso de Alice, bem como as dinâmicas de interação em Arca Verde. Ela menciona um morador que ocupava um cargo de poder na comunidade, atuando como "dono". Essa hierarquia gerou atritos

e longos processos de compartilhamento comunitário, demonstrando a presença de estruturas de poder e relações de dominação na Ecovila. A análise do discurso possibilita a reflexão crítica sobre esses mecanismos de poder, questionando formas hierárquicas de convivência e defendendo relações mais horizontais e igualitárias.

Em suma, a análise do discurso de Alice revela sua experiência de liminaridade quando ela escolheu viver em uma Ecovila e se afastar da cultura dominante. A experiência na Arca Verde enfatiza a importância da convivência comunitária e a busca por um modo de vida mais alternativo e sustentável. No entanto, desafios e conflitos relacionados às estruturas de poder e relações hierárquicas da Ecovila também são destacados. A aplicação das teorias da liminaridade, da contracultura, das Ecovilas e da análise do discurso contribui para uma compreensão crítica e aprofundada do discurso de Alice e da dinâmica social em Arca Verde.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse estudo, é crucial reformular os objetivos que foram estabelecidos e os resultados que foram desenhados. Investigamos em profundidade o uso dos princípios de permacultura pela Ecovila Arca Verde durante a viagem de estudo. Depois de analisar os dados recolhidos, pude concluir que os princípios da permacultura são parte integrante das operações diárias da comunidade e ajudam a construir uma existência pacífica e sustentável que equilibra as necessidades da natureza e dos seres humanos.

Além disso, observamos as diversas abordagens utilizadas na Ecovila, enfatizando sua capacidade de inovar e se ajustar dentro da pandemia de COVID-19. Isso ilustra a resiliência da comunidade, bem como o valor da sustentabilidade e do trabalho em equipe durante os tempos difíceis.

Descobrir diferentes pontos de vista sobre como os habitantes presentes e passados da Ecovila, e como veem a vida comunitária foi um dos principais objetivos do estudo. As entrevistas aumentaram a compreensão da vida como um todo, iluminando as complexidades e complexidades particulares nas experiências de cada pessoa.

Inspirado pela teoria da liminaridade de Turner, este estudo lança luz sobre os processos de transformação que ocorrem ao longo da transição para a vida comunitária, sublinhando a importância da permacultura como uma base para a sustentabilidade e bem-estar humano.

Por fim, o estudo trouxe à luz a complexidade da vida comunitária e a importância de apreciar e compreender os muitos pontos de vista dos indivíduos envolvidos. Uma excelente ilustração de como as ideias de permacultura podem ser colocadas em realidade e como a vida comunitária pode beneficiar indivíduos e grupos.

Como pesquisadora, apesar dos desafios lançados no meio da jornada, sou grata pela oportunidade de investigar essas questões e ver em primeira mão as dificuldades e realizações que os membros desta comunidade enfrentam. Se for viável, espero que nosso estudo inspire outros a procurar alternativas para um modo de vida mais cooperativo e sustentável, apreciando a diversidade de pontos de vista que informam nossas tentativas de criar um futuro melhor. Além disso, este trabalho identifica novas dimensões que não foram completamente investigadas devido a

restrições de tempo e escopo, indicando direções potenciais para um estudo mais aprofundado nesta área extremamente interessante.

Porque ainda há tempo, espero que esse estudo possa motivar outros a buscar caminhos alternativos para uma vida mais sustentável e colaborativa, reconhecendo a riqueza de várias perspectivas que definem nossas tentativas de construir um futuro melhor, se assim for possível.

REFERÊNCIAS

- ABU- LUGHOD, Lila; FOX, Richard G. **Recapturing anthropology: working in the present**. Santa Fe, 1991. p. 137-162.
- AGYEMAN, Julian. **Sustainable communities and the challenge of environmental justice**. New York: NYU Press, 2005.
- AUROVILLE. **About Auroville**. 2023. Disponível em: <https://www.auroville.org/>. Acesso em: 01 mar. 2023.
- BANG, Jan Martin. **Ecovillages: a practical guide to sustainable communities**. [S.l.]: NewSociety Publishers, 2005.
- BARTON, Hugh. **Sustainable communities: the potential for eco-neighbourhoods**. London: LEarthscan, 2000.
- BELL, Daniel. **The coming of post-industrial society**. In: BELL, Daniel. *Social Stratification*. [S.l.]: Routledge, 2018. p. 1066-1077.
- BERKES, F. **Sacred Ecology: Traditional Ecological Knowledge and Resource Management**. London: Taylor & Francis, 1999.
- BISSOLOTTI, Paula Miyuki Aoki et al. **Ecovilas: um método de avaliação de desempenho da sustentabilidade**. 2004. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.
- BOON, James A. **Other tribes, other scribes: symbolic anthropology in the comparative study of cultures, histories, religions and texts**. San Francisco: CUP Archive, 1982.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. [S.l.]: Editora Pensamento, 2008.
- CATTON, W. R. **Overshoot: the Ecological Basis of Revolutionary Change**. Reino Unido: University of Illinois Press, 1982.
- CHRISTIAN, Diana Leafe. **Creating a life together: Practical tools to grow ecovillages and intentional communities**. [S.l.]: New Society Publishers, 2003.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro**. São Paulo: Rocco, 1987.
- DESPRET, V. O Anonimato em Pesquisa e as Oficinas de Sensibilização. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 157-172, 2011.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia: Saberes e Práticas. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008. DOI: 10.22456/1984-1191.9301. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301>. Acesso em: 13 nov.

2023.

ENDENBURG, G. **Sociocracia**: a organização da tomada de decisão. [S.l.]: Eburon. [Jitgeverij BV, 1998.

ESTES, Nick. **Our history is the future**: Standing Rock versus the Dakota Access Pipeline, and the long tradition of Indigenous resistance. [S.l.]: Verso Books, 2019.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. [S.l.]: Basic books, 1973.

GIDDENS, Anthony. **Constituição da sociedade**: esboço da teoria da estruturação. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

HALL, Stuart. Cultural studies : two paradigms. *In*: STOREY, John (org.). **What is Cultural Studies?** a reader, London: Arnold, 1980. p. 31-48.

HEMENWAY, Toby. **Gaia's garden**: a guide to home-scale permaculture. Chelsea Green Publishing, 2009.

HOLMGREN, D. **Permaculture**: Principles and Pathways Beyond Sustainability. [S.l.]: Holmgren Design Services, 2013.

JACKSON, Tim et al. Motivating sustainable consumption: A review of evidence on consumer behaviour and behavioural change. **Sustainable development research network**, v. 29, n. 1, p. 30-40, 2005.

KROKER, Arthur; COOK, David. **The postmodern scene**: Excremental culture and hyper-aesthetics. [S.l.]: New World Perspectives, 1987.

LITFIN, Karen T. **Ecovillages**: Lessons for sustainable community. London: John Wiley & Sons, 2014.

LOTFI, I. The Clareando Ecovillage: A Sustainable Community in Brazil. **Journal of Environmental Education**, v. 50, n. 2, p. 129-138, 2019.

MACHADO, Helena; SANTOS, Filipe. Introdução. *In*: MACHADO, Helena; SANTOS, Filipe (Org.). **Justiça, ambientes mediáticos e ordem social**, Ribeirão: Humus, 2010. p. 7-12, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

MARCUSE, H. **Ensaio sobre a libertação**. São Paulo: Editora Zahar, 2009.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Memórias de minhas putas tristes**. Rio de Janeiro:

Record, 2021.

MARSHALL, R. B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo Social**, USP, S. Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-8, maio de 1998.

MOLLISON, Bill et al. **Permaculture**: a designer's manual.. [S.I.]: Ten Speed, 1988.

MOLLISON, Bill; SLAY, Reny Mia. **Introdução à permacultura**. Tradução André Luis Jaeger Soares. Brasília, 1998.

NEVES, Bruno Gonçalves das. **Gestão de ecovilas**: valores da permacultura, governança e seus desafios. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

PATEL, R.; Moore, J.W. **A history of the world in seven cheap things**: a guide to capitalism, nature, and the future of the planet. California. University of California Press. 2017.

PRADO, Gustavo Íbis Gonçalves. **Ecovilas**: história, práticas e a busca por uma 'nova' economia. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades. **Espaço e Cultura**, p. 67-79, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2008.6135>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ROSZAK, T. **A contracultura**: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e sua oposição juvenil. São Paulo. Editora Vozes, 1972.

SALINGER, Jerome David. **O apanhador no campo de centeio**. São Paulo: Todavia, 2020.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce; ALCANTARA, Liliane Cristine Schlemmer; VIEIRA, Paulo Henrique Freire. Bem Viver: repensando a criação de novos modos de vida na era pós-Covid-19. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 59, p. 162-181, 2022.

SHEPARD, M. **Restoration Agriculture**: Real-World Permaculture for Farmers. [S.I.]: Acres USA. 2013.

SHIVA, V. **Staying alive**: women, ecology, and development. London: ZedBooks. 1988.

SMIERS, J. **Living Damanhurian Socialism: Myth or Model? In The Dialectic of Socialism**: Ideology and Social Change in Dialectical Perspective. [S.I.]: Brill, 1990. p. 347-362.

TURNER, V. **O processo ritual: Estrutura e antiestrutura**. São paulo: Vozes, 1969.

TURNER, V. **Dramas, campos e metáforas: Ação simbólica na sociedade humana**. Nova York. Cornell University Press, 1974.

TURNER, V. **A floresta de símbolos**: Aspectos do ritual Ndembu. Nova York: CornellUniversity Press, 1987.

WODAK, Ruth; MEYER, Michael. **Métodos de análise crítica do discurso**. *In*: VAN DIJK, Teun A. (Org.). Discourse studies: A multidisciplinary introduction. 2. ed. Londres: Sage, 2009. p. 144-161.

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS AOS MORADORES DA ECOVILA

1 Perguntas básicas para moradores da Ecovila (múltipla escolha)

- I. Nome:
- II. Sexo:
- III. Idade:
- IV. Profissão:
- V. Cidade de nascimento:
- VI. Tem uma alimentação vegetariana ou vegana?
- VII. Há quanto tempo mora na Ecovila?
- VIII. Mora sozinho?
- IX. Possui alguma função fixa de trabalho na Arca Verde?

2 Perguntas dissertativas (parte pessoal do morador)

- X. Me conta um pouco da sua história antes de vir morar aqui na ecovila:
- XI. Como você veio parar na Arca Verde? Por quais motivos você veio morar em uma Ecovila, e porque escolheu essa?
- XII. Você teve alguma hesitação antes de vir para cá? Alguma dúvida ou algo do gênero?

Qual é o maior aprendizado em morar em uma grande comunidade? e qual é o maior desafio?

APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS AOS EX-MORADORES DA ECOVILA

1 Perguntas básicas para ex-moradores da ecovila

- I. Nome:
- II. Idade:
- III. Profissão:
- IV. Cidade onde morou antes da Arca
- V. Tem uma alimentação vegetariana ou vegana?
- VI. Por quanto tempo morou na Arca?

2 Perguntas dissertativas (parte pessoal do morador)

- VII. Me conta um pouco da sua história antes de ir morar aqui na Arca
- VIII. Como você foi parar na Arca Verde? Por quais motivos você foi morar em uma ecovila, e porque escolheu essa no interior do Rio Grande do Sul?
- IX. Qual foi o maior aprendizado em morar em uma grande comunidade? e qual foi o maior desafio?
- X. Por que você achou necessário viver em um lugar diferente do restante da comunidade? Porque uma Ecovila?
- XI. Como conheceu a Permacultura?
- XII. Que sentimento a Arca te provocou durante sua morada?
- XIII. Por que você decidiu sair da Arca Verde?

APÊNDICE C – ENTREVISTA TRANSCRITAS

MORADOR 1

Maurício

Idade: 36 anos

Residência anterior: Londres/Porto Alegre

Formação profissional: Curso de Publicidade e Propaganda (incompleto); curso de técnico em panificação

Tempo de vivência na Arca: 5 anos

Sua história antes de vir morar aqui na ecovila:

Nasci em Porto Alegre, estudei a vida inteira em colégio particular, fiz intercâmbio para os Estados Unidos no ensino médio, terminei o colégio e comecei faculdade de publicidade e propaganda, daí fui à Londres pela primeira vez trabalhar e ver coisas diferentes, depois voltei pra concluir a faculdade e voltei pra Londres e fiz isso umas três vezes, até que a última vez eu fui com o intuito de trabalhar em cozinha, estudar gastronomia até fiz curso técnico de panificação e confeitaria, trabalhei bastante tempo com isso, também com hotelaria de luxo e logo me deu uma estafa de que vida é essa que eu tô indo atrás? E nesse meio tempo fiz o caminho de Santiago de Compostela que é uma peregrinação e a partir dali virou algumas chaves em mim, e pensei “agora eu quero morar em sítio” tenho que sair de Londres, porque não está salubre pra mim, e eu não tinha essa idéia de se eu for morar em um sítio eu teria que ser rico, aposentado, comprar uma terra de milhares de reais e ter um caseiro pra morar lá, então não tinha essa possibilidade na minha cabeça, até que então eu vi alguma coisa sobre Permacultura e comecei a procurar o termo e ecovilas também e foi esse o caminho mais ou menos, descobri a Arca Verde

Como você veio parar na Arca Verde? Por quais motivos você veio morar em uma ecovila, e porque escolheu essa?

Primeiro foi pela estafa da cidade grande não me fazia bem e eu acabei comprando um sítio, fui morar no sítio e é muito mais a crença de que sozinho a gente não consegue muita coisa e também de estar fazendo parte de algo diferente que tenha

um potencial de mudança, que é uma das coisas que faz pra eu estar aqui, porque às vezes se você coloca questões práticas na frente é muito melhor tu estar sozinho eu acho, tu ter um sítio e financeiras e enfim, mas você está vivendo em comunidade tem outras questões de trabalho de tu estar aprendendo a lidar com a convivência se tornando menos tirano, várias coisas nesse âmbito de auto melhoramento e também tem a questão do meio ambiente de pensar que estamos destruindo nossa casa, o planeta e quando a gente tá sozinho parece que estamos fazendo muito pouco, então estar fazendo parte de um grupo que tem o propósito de regenerar isso traz uma ideia de alento

Você teve alguma hesitação antes de vir para cá? Alguma dúvida ou algo do gênero?

Medo acho que não, as questões que me preocupavam eram financeiras, de como que tu vai te manter nesse lugar, mas também isso se resolve com organização, método e disciplina assim conseguimos resolver, e também tinha alguns preconceitos assim como algumas comunidades que eram religiosas ou muito espiritualistas ou que tinham uma liderança muito forte, eram mais essas minhas preocupações mas medo não

Por que viver em um lugar diferente do restante da cidade?

Eu tento não apontar dedos, né? Para estilos de vida, porque cada um tem o seu, cada um sabe o que é melhor pra si, né? Mas eu tenho muito forte em mim de que vida em cidade grande ela não é salubre pra ninguém. Tem gente que se adapta melhor, tem gente que consegue comer, mas algum dano pra saúde está tendo ali, seja saúde mental. A gente precisa estar habitando as cidades, a gente vive num sistema que a gente está precisando produzir coisas, enfim mas vivamos com consciência de que lá não é tão bom pra minha saúde quanto seria se eu tivesse em uma cidade menor ou estivesse em meio a natureza assim.

Qual teu maior aprendizado em morar em uma ecovila?

A convivência é muito difícil, ela exige muita energia de si, dependendo do grupo ou das pessoas que tem ela é mais difícil ainda. Ou seja, se tem uma pessoa que é problema ela vai trazer problema pra todas as pessoas, vai ter que tá lidando com aquilo, o aprendizado eu acho que é isso, é um grande laboratório de convivência para mim, tu é obrigado a conviver, tipo um condomínio tu não precisa conviver, tu pode dar oi e tchau para seus vizinhos ou não dar oi nem tchau, tu leva a tua vida e ele a dele, assim é fácil. Mas em uma comunidade não, tu é obrigado a conviver. Tem como tu se isolar um pouquinho mas não dura, tu é obrigado a conviver, então alí podem gerar conflitos, não importa o quão alinhado essas pessoas estão, o conflito está ali. É como tu navegar em águas de tipo, “eu moro com essas pessoas, tem que gostar delas, tem que conviver, tem que tomar decisões com elas, sem pegar ranço e é isso aí, daí respiro e penso eu amo essas pessoas mesmo quando elas não são amáveis porque tu também não é tão fácil assim”.

Qual o sentimento atual que a Arca Verde te provoca?

O atualmente está bem difícil, estamos vivendo um momento bem particular, o que é uma pena que tu esteja aqui nesse momento, porque a Arca quando eu vinha ela tava viva, tinha criança, tinha idoso, tinha vida acontecendo. Agora não tem, tem alguns indivíduos que estão cada um remando pra manter esse barco ainda sobre a água, mas eu ainda acredito fielmente que é uma crise e crises vem para o bem e iremos sair bem dessa eventualmente, eu tenho o sentimento de esperança e aceitação, de aceitar que estamos vivendo isso que não por causa da pandemia ou fulano que é pirepaqueado, é pelo momento que estamos e temos que ter discernimento e sabedoria pra olhar pra ver por que está assim e quais caminhos iremos decidir pra tomar e sair desse momento com maior sabedoria, com mais prosperidade.

Como o Covid afetou a Arca?

Eu tomei duas doses da vacina, a Arca se dividiu, se polarizou entre quem estava mais tranquilo e quem estava mais “nós vamos deter esse vírus” e isso me trouxe bastante incômodo, como aqui se formou um grupo de pessoas que queria tolir a

liberdade dos outros, mesmo sendo um momento de cuidado, eu percebi um controle de “preciso saber onde tu vai” não bastava saber que você iria tomar cuidado, então o que mais me pegou foi isso de como é fácil em momentos de grande medo mesmo nesse microcosmo que vivemos, nossas liberdades serem tomadas e a gente não perceber e isso se tornar algo do tipo, quando tu for em algum lugar tu vai ter que dizer. Tiveram pessoas que tiveram muito medo e outras que estavam flexíveis, então gerou conflitos durante essa época.

MORADOR 2

Nome: Helena

Idade: 29 anos

Residência anterior: Parobé - São Francisco de Paula

Formação profissional: Gestão Ambiental e Especialização em Agroecologia

Tempo de vivência na Arca: 6 anos e 9 meses

Sua história antes de vir morar aqui na ecovila:

Minha família é de Gramado, mas vivi ao longo da vida em Parobé, minha família é do setor calçadista e isso me deu um olhar pra parte trash da indústria mas eu também sempre tive muito contato com a natureza então isso sempre me chamava muito, então eu cresci gostando muito de estar em ambientes naturais, muito na praia, muito na montanha, íamos muito pra região de Ausentes. Sempre também fui muito boa aluna, e no final pensei o que vou fazer, depois do ensino médio, o que eu quero fazer, e foi difícil pra mim escolher porque eu gostava de muita coisa e aí eu prestei para vários lugares também pra engenharia ambiental, gestão ambiental e no fim passei em várias e escolhi São Chico porque estava perto da minha família, e logo já entrei na faculdade e engatei na iniciação científica, aí fui conhecendo muita gente, de muitos movimentos, fiquei bastante tempo na iniciação científica depois eu fui pra um laboratório de gestão ambiental e negociação de conflitos, então eu me apaixonei não só pela parte ambiental mas também pelo eixo humano/natureza, e eu tava meio revoltada com a faculdade não sabendo se ia acabar porque não tava sendo legal para mim e aí tinha um amigo do meu ex-companheiro que morava na Arca e ele nos convidou pra conhecer, até um professor meu estava falando aí eu vim e me apaixonei muito, vim em 2014 e aí em 2016 foi tipo é isso o que eu quero fazer. E como eu

estava na uergs na graduação, resolvi continuar a faculdade e consegui estar aqui e na faculdade. Quando eu decidi estar na Arca eu saí do emprego que eu estava na cidade, que eu estava trabalhando com educação ambiental na prefeitura, e daí fiquei aqui na Arca. Foi bem me apaixonando pelas coisas, a priori era estar morando em comunidade mas estar conhecendo tudo, então me apaixonei muito pela agrofloresta que é uma das coisas que eu gosto muito de trabalhar hoje, muito pela parte social, então negociação de conflito também. Meus pais e meus amigos não tinham muito a conexão com a natureza, mas eles promoviam bastante disso, então foi bem do meu eu estar na área ambiental e ir descobrindo as coisas.

Como você veio parar na Arca Verde? Por quais motivos você veio morar em uma ecovila, e porque escolheu essa?

Eu tinha um professor de botânica que dava alguns cursos de agrofloresta em parceria com a Arca, então quando eu estava na função de não saber o que fazer e de não querer terminar a faculdade ele me influenciou a conhecer a galera da Arca, só que isso ficou no submundo da cabeça, daí quando eu tava pensando em o que fazer tinha esse amigo do meu ex-companheiro que estava morando aqui e nos convidou a conhecer

Por quais motivos pessoais você escolheu morar em uma ecovila?

Eu acho que me conectei muito com essa questão de fazer as coisas junto, sempre tive bastante dificuldade de fazer as coisas sozinha, de gostar de fazer várias coisas mas sempre em grupo, tipo eu morei em república, trabalhei em um laboratório que também tinha muita gente trabalhando junto, então pra mim era muito de estar acessando o coletivo, e também de estar fazendo o que eu via na faculdade de estar materializando, o que era uma coisa muito importante pra mim, de ver que eu estava fazendo alguma coisa com as minhas mãos.

Você teve alguma hesitação, dúvida ou medo antes de se mudar?

Eu acho que o medo maior quando eu mudei foi muito assim, eu vim para o voluntariado e normalmente o processo de integração é tu vir pra Arca e passa um

tempo, daí eu estava aqui já com o pensamento de “eu vou ficar” então na questão de escolha não tive medo, acho que o medo maior pra mim no começo foi a fonte de renda, de como eu iria me organizar agora em outra estrutura econômica de uma coisa que estávamos muito na economia circular de fazer as coisas darem certo, de sair de uma proposta que era de fazer várias coisas diferentes mais era a proposta de dar isso e receber isso, então era uma coisa muito organizada, então esse foi o como eu iria fazer isso.

Por que viver em um lugar diferente do restante da cidade?

Então, quando outras pessoas perguntam isso pra mim nem parece uma coisa tão excepcionalmente diferente, temos a forma de como nos organizamos, tem a nossa ideia, nossa economia, mas pra mim é bem básico, são pessoas querendo viver melhor, então pra mim quando tem esse lance de por que é minimamente buscar uma vida mais digna, porque pra mim é isso estamos engatinhando em várias coisas, não estamos em uma super utopia econômica ou ecológica, então pra mim esse diferente é saber que queremos alguma coisa melhor e como vamos trabalhar pra fazer isso né.

Qual é o maior aprendizado em morar em uma ecovila? e o maior desafio?

Acho que pra mim foi o tempo das coisas, porque não é só meu tempo, do tipo “eu quero ter uma geladeira nova super high tech e pronto” é o tipo todo mundo quer investir dinheiro em uma geladeira high tech ou “ah eu gostaria de tomar uma cerveja quando eu chego do trabalho” mas todo mundo quer?. Então é isso da estrutura de tempo, e essa decisão não é só minha, e eu não tô tipo presa, que eu não consigo tomar nenhuma decisão, mas as coisas mais profundas tem mais um tempo e o lance da conversa, de como podemos resolver, da estrutura do do eu para mim eu poderia virar as costas e encerrar mas tudo o que eu vou fazer que tange o coletivo não é mais do meu jeito e como eu quero né, ele envolve mais pessoas, também esse alargamento de pensar em outras pessoas.

Tu já conhecia a Permacultura?

Sim, o meu professor de botânica ele já fazia alguns desses estudos, então ele falava muito dessas outras formas de ver as coisas, então eu sabia quem tinha fundado esse termo, e tal, mas o na prática o que são as pessoas fazendo e vivendo permacultura foi na Arca, quando eu vim visitar a primeira vez, quando eu comecei a vir mais vezes pra ficar aqui com a galera, então também foi bem diferente entender isso é permacultura e ver as pessoas fazendo.

Qual o sentimento que a Arca te provoca atualmente?

Eu estava conversando com alguns amigos meus e vi que a Arca tava em um momento como o Brasil, uma coisa do tipo louca, muita coisa acontecendo foi bem caótico e organizado a pandemia, então pra mim hoje o sentimento da Arca é de estar querendo resetando alguma coisa, é muito especial tudo o que rola aqui, é muito lindo, a gente consegue acessar muita coisa incrível mas parece que está em um stand by que a gente não sabe quando vai voltar né, então hoje eu consigo entender e ver que todo mundo quer estar aqui e gosta mas acho que foi tão louco e tão intenso de várias formas a pandemia, que ainda estamos tateando, vendo novamente o que é a Arca, o que estamos fazendo no mundo, é um sentimento de parece que tem algo estruturado mas estamos em um reativar nesse lugar.

Como o Covid afetou a Arca?

Então, ficamos bem fechados, quando deu o ápice geral de estamos em uma pandemia, nos reunimos e fechamos. Todos entraram em consenso mas foi bem difícil até porque o meu companheiro estava na Indonésia e ficou trancado lá, e aí eu tava tipo “o Arthur vai poder vir pra Arca depois?” e a decisão era que não, então ficamos bem fechados mesmo e as pessoas em vários níveis de entendimento do que estava acontecendo de medos diferentes, nos organizamos muito em questão de 1 pessoa na semana vai na cidade e compra tudo pra todos, quando começou o processo de vacinação não houve muitas discussões internas sobre vamos todos nos vacinar ou não vamos, mas a grande maioria se vacinou, teve um fluxo que achou que precisava, bem poucas pessoas não se vacinaram na Arca, acho que duas. A gente conversou sobre “tá todo mundo vacinado se a gente quiser receber pessoas que também estão vacinadas como a gente vai organizar as pessoas que não quiseram se vacinar pra

não passar doença para as outras né, mas não chegou a ser um super big deal de o que estamos fazendo porque a maioria das pessoas se vacinaram e estávamos de boas aqui também, foi bem uma bolha porque no meio da pandemia estava todo mundo pirando e a gente tava fazendo festa junina, festa de aniversário, então foi uma bolha de pessoas que estavam vacinadas.

MORADOR 3

Nome: Matheus

Idade: 39 anos

Residência anterior: Uberlândia (Minas Gerais)

Formação profissional: Psicólogo Clínico

Tempo de vivência na Arca: 5 anos e meio

Sua história antes de vir morar aqui na ecovila:

Nasci em uma cidade pequena do interior de Minas Gerais chamada Rio Paranaíba, uma cidade que enquanto eu vivi lá por volta de 14 anos, era uma cidade muito rica em biodiversidade, então minha infância foi marcada por sair pro mato, caçar passarinho, caçar fruta do cerrado etc, foi uma parte boa da minha infância esse elemento. Aos 14 me mudei para uma cidade vizinha um pouquinho maior, aos 17 fui para os Estados Unidos onde eu fiquei 8 anos trabalhando em construção lá, como instalador de piso principalmente e aí lá, eu comecei a ler alguns materiais de ecologia e me interessar, e comecei a calcular as possibilidades de fazer faculdade lá, mas lá além de ser caro era péssima a qualidade das faculdades as que eu conseguiria ter acesso seria caro demais e qualidade inferior, e estava (o BR) em um levante de governo de esquerda no país nesse processo de aumentar o acesso a universidade e eu voltei pra cá com o objetivo de estudar, tive sorte de passar muito rápido com pouco tempo de cursinho, fiz psicologia em Uberlândia e em uma viagem de turismo até o Uruguai, conheci o Instituto Arca Verde e eu e minha ex-companheira passamos por aqui, gostamos muito daqui, especialmente do jeito a qual as pessoas convivem e fomos estreitando laços, se aproximando, logo me formei e fiquei em Uberlândia mais um tempo enquanto eu esperava ela se formar, ela se formou e viemos e pedimos integração e isso foi há 5 anos e desde então eu estou aqui e ela há uns 6 meses

passou em um concurso em uma cidade vizinha aqui em taquara e se mudou pra lá, e nós não somos mais companheiros.

Como você veio parar na Arca Verde? Por quais motivos você veio morar em uma ecovila, e porque escolheu essa?

Conheci por uma viagem turística pro Uruguai onde passamos aqui pra ver como viviam esses “tais hippies abraçadores de árvores”, isso foi em 2015. Os motivos pessoais, o primeiro desparadamente são os investimentos em ferramentas sociais, de uma maneira mais técnica, aqui existe um real investimento da energia humana em tentar conviver melhor, então as pessoas tentam trabalhar a própria comunicação, tomadas de decisão de maneira mais coletiva, distribuição da voz, tomadas de distribuição mais horizontais, um tratamento com as crianças sem autoritarismo de não desmerecer as falas e muito pelo contrário aqui tem uma busca de valorizar as falas das crianças, de negociar com as crianças, aqui elas tem suas vozes ouvidas, de maneira central essa é a principal riqueza desse espaço na minha opinião e é o principal motivo.

Você teve alguma hesitação, dúvida ou medo antes de se mudar?

Com certeza, tive.

Por que viver em um lugar diferente do restante da cidade?

Vários motivos, por exemplo se a Arca se mudasse pra cidade eu não faria objeção ou pelo menos não objeção absoluta, porque pra mim é mais o modo de convivência do que o lugar, entretanto, a vida pra mim no meio do mato adicionou muita qualidade de vida à minha vida, por exemplo, hoje eu chego em Porto Alegre e eu me sinto incomodado com a poluição luminosa, as pessoas que moram lá que eu convivo nem se tocam disso porque já estão inseridos naquele campo o tempo inteiro então na cidade grande estamos sujeitados a poluição sonora, do ar, luminosa e a tanto tempo e com tanta intensidade que a gente não percebe, então um tempo fora da cidade ajuda a perceber esses elementos, então não é bem por ser cidade, porque há cidades saudáveis de se viver também, mas devido a má construção e divulgação da maioria

das cidades quase todas do nosso país, eu acho que é mais saudável viver um pouco mais imerso ao verde, falando de maneira sucinta. Aqui não é tão longe da cidade também, e quando eu tô sentindo eu vou mais ou menos uma vez por mês pra Porto Alegre pra me alimentar de vivências culturais, vivências de teatro, cinema de música, de muvuca de gente, de farra de bebedeira etc, coisas que esse espaço não oferece tanto e tudo bem, é mais interessante pra mim estar aqui e ir pra lá de vez em quando do que a ideia de estar lá e vir pra cá de vez em quando.

Tu já conhecia a Permacultura?

Conheci a Permacultura aqui. A sua pergunta me fez lembrar de duas cenas, a primeira é de quando eu estava aqui visitando e eu estava no yurt lendo um livro a tarde, e chegaram crianças e as crianças começaram a brincar de corrida lá dentro, jogar almofadas e arrastar as almofadas no chão e uma gritaria e uma bagunça etc, e eu vi a sombra de um adulto chegando né, vindo da minha história de vida da minha criação eu pensei o adulto vai chegar e colocar ordem na situação, o adulto chegou viu a situação e puxou uma caixa de som, ligou a caixa em um microfone e começou a narrar a brincadeira como se fosse uma corrida de fórmula 1 e aí começou a chegar mais adultos pra ver o que estava acontecendo e a brincadeira foi aumentando e daqui a pouco virou uma guerra de almofadas envolvendo crianças e adultos e isso foi pra mim uma expressão cabal dos valores que estão por trás da permacultura de transformação das atividades cotidianas em coisas que são bonitas de se vivenciar de uma convivência que faz o possível para ver o outro, pra ver um melhor jeito de existir. A outra cena foi um dia na cozinha, o almoço estava sendo produzido e o almoço era coletivo, inclusive naquela época tinha mais gente do que tem agora, e tinha uma mãe sentada no chão brincando com uma criança, no meio da cozinha, e ao invés de falar pra eles saírem do caminho, as pessoas que estavam cozinhando davam a volta neles, respeitando aquele momento alí . Eu tive um click de que tinha muita coisa que eu via na teoria da psicologia, mas nas casas, nas empresas, eu não via isso sendo praticado, aqui eu via menos teoria mas vi coisas sendo praticadas em um nível muito ampliado nesse campo, e isso foi inspirador e interessante, poético até. Quanto a idealização, existe um narração do processo de entrada da pessoa em uma comunidade né, período de lua de mel, frustrações que essas mesmas são projetadas a outras ou para si mesmo, ou é o fulano que é culpado ou sou eu que não

consigo me encaixar e havendo perseverança vai desconstruindo a idealização e a realidade vai se assentando, e uma coisa interessante é que assim, pessoas que já passaram por aqui normalmente uma coisa que aparece muito é que a vivência ela ergue o sarrafo no sentido da minha exigência do que eu quero como vivência humana, e a pessoa começa a perceber problemas de convivência em situações que era trivial pra ela, aquilo era o cotidiano dela, só que ela começa a perceber “nossa eu e meu pai estamos tendo uma comunicação violenta, pra que isso, vamos tentar viver melhor” enfim, isso também é um ponto interessante desse jogo de idealização e desidealização. A convivência aqui gera certas exigências que outros ambientes talvez não consigam pagar, mas não estão erradas, o certo é brigar pelos mesmo e acreditar no processo.

Qual o maior aprendizado em morar em uma grande comunidade?

Eu não sei se é o maior, mas o que vem na minha cabeça agora é que o senso de cooperação que existe aqui, é um baita produtor de saúde. Aqui existe uma sensação de que os outros estão por mim também, isso traz saúde, trás segurança, bem estar e qualidade de vida, então o senso de comunidade. Fica impossível também (fazer um adendo político) as pessoas querem manipular ordenando essa necessidade nossa, nos transformando em massa de manobra por ter isso por questões reais e existenciais.

Qual o sentimento que a Arca Verde te provoca atualmente?

Misto de sentimentos, esperança, sensação de fragilidade como um todo, a Arca está em um momento crítico, eu sinto uma certa estagnação, o projeto Arca Verde em uma momento de estagnação, além de alguns valores em jogo, uma sensação também de que é necessário suspender e discutir alguns valores, acordos etc e reencontrar o que é a Arca. A população da Arca é mais dinâmica do que os acordos, as leis aqui dentro, então eu sinto que a gente pode se dá muito bem se pararmos um tempo pra rever nossos acordos, sonhos, e ver o que foi trazido até aqui foi maravilhoso e deve ser mantido e o que pode ser abolido

Como a Covid-19 afetou a Arca?

Eu vou começar esclarecendo de onde eu falo, eu sou pró-vacina, eu acredito na ciência, acredito na capacidade das vacinas salvarem vidas etc. Falando desse lugar né, eu vi o movimento da covid aqui primeiro em níveis diferentes todo mundo vivenciou e expressou cada um de seu jeito certos medos, fizemos exaustivos e exaustivos em termos de números reuniões para rever acordos do covid, rever questões de quem vai sair e como vai sair, vamos receber alguém, se vai ter quarentena enfim, e eu estive manejando a comunicação nesse período e ao mesmo tempo cuidando da permanência permacultural que é de lidar com as pessoas que estão aqui vindo passar um tempo e tal, e foi em termos de afetos e acordos a coisa mais desafiadora que eu vi uma comunidade passar na minha vida, porque a gente tinha desde pessoas tomadas completamente pelo medo e querendo se fechar em suas casas, a pessoas completamente negacionistas achando que pensar positivo era a solução, e daí como chegar em acordos com essas pessoas pra que elas compartilhem o espaço? Surgiu muito ataque, muita crítica, muita briga, muita tensão também, desgaste energético, além de estar lidando com um baque econômico violento porque as principais fontes da Arca eram cursos e vivências e isso foi fechado por muito tempo, então a gente teve que fazer um acordo econômico de uma moeda social que ajudou em vários sentidos, mas que também mal administrada acaba como sendo um cartão de crédito que vai gerando dívidas. E disso tudo eu estive no epicentro e foi muito estressante, acho que envelheci 10 anos em 2 anos, foi muito desgastante e difícil. Uma das coisas que me ajudou a navegar nisso foi que as minhas preocupações, medos e etc sempre foram bem tranquilos mesmo no auge da pandemia, o medo não falava por mim e me ajudava a navegar nessas situações. Foi desgastante pros vínculos, afetos, comunidade, para o psiquismo das pessoas foi um grande baque. Mas ainda foi mais privilegiado do que passar a quarentena na cidade fechada em casa, aqui conseguimos viver e circular entre nós.

MORADOR 4

Nome: Carlos

Idade: 57 anos

Residência anterior: Candiota, em um sítio por 2 anos

Formação profissional: Trabalho em indústria, Técnico em eletromecânica

Tempo de vivência na Arca: 3 anos

Sua história antes de vir morar aqui na ecovila:

Eu conheci em essa região em 1988 ou 1989, que eu vim fazer um acampamento com meus amigos e eu conheci essa região aqui de São Chico, Cambará, e eu simplesmente me encantei e aí eu fiquei pensando “um dia eu quero morar lá”. Tem algumas coisas que eu conversava com alguns amigos na minha juventude, alguns amigos a gente tinha a ideia de morar no interior quando fosse possível e essa ideia veio deles no primeiro momento de morar em um grupo, porque eu entendo que a vida rural para uma família sozinha assim é bem difícil, não é fácil, a maioria das famílias que vivem no interior elas acabam se articulando com parentes, com vizinhos e tal, onde existe essa ajuda mútua de colaboração, essa rede, a vida se torna mais leve, mais próspera, mais feliz assim de um modo geral, então eu também tinha essa ideia de talvez criar, ou fazer parte de um grupo em uma “ecovila”. Junto à isso tinha algumas coisas que eu conversava com meu pai, que ele tinha uma vontade muito grande de voltar pra uma vida rural, depois de uma certa idade ele começou a falar nisso, a ideia dele era bem diferente, era muito mais convencional e tradicional e depois também, no trabalho que fiz no programa “luz para todos” eu conheci vários assentamentos da reforma agrária e aí eu vi que os assentamentos onde o pessoal era mais próspero e mais feliz, era onde eles conseguiam se reunir em grupos e cooperativas, associações e tal, isso me chamou atenção também. Então esse conjunto de coisas.

Como você veio parar na Arca Verde? Por quais motivos você veio morar em uma ecovila, e porque escolheu essa?

A Arca Verde eu conheci pela internet muito tempo antes de vir pra cá, já acompanhava algumas coisas deles pela internet, não conhecia pessoalmente ninguém e também não tinha ido lá. A Arca Verde nasceu em São José dos Ausentes há uns 16 anos eu acho, e em 2015 eu vim fazer um curso aqui, de extração de óleos essenciais, aí eu conheci a Arca Verde fiquei um final de semana aqui e achei muito interessante. Por uma junção de fatores que escolhi aqui, em 2015 quando vim fazer o curso eu morava em Porto Alegre, aumentou minha vontade de vir para essa região

e aumentou a minha vontade de morar e ter uma experiência em uma comunidade, de viver em um grupo né. Quando eu me mudei pra São Chico, logo que me aposentei, eu não vim morar na Arca, eu vim morar no sítio do meu amigo, como eles não poderiam estar ali acho que nesse período que estive lá, contribui para vários sentidos assim, de cuidar a casa, de ter alguém morando, depois de começar algumas coisas lá, de melhorias de fazer uma horta, mas, o que acabou me chamando pra Arca (porque eu estando morando ali no sítio do meu amigo eu me aproximei mais da Arca, aí com frequência eu estava aqui, participando das coisas que iam acontecendo e tal, fui me entrosando com as pessoas, tinha alguns moradores aqui com quem eu me entrosei bastante, e são justamente as pessoas que se mudaram daqui, mas não só eles, também outros como o Maurício e Matheus. E a partir disso eu vi a oportunidade de ter essa experiência, de um tipo de vida que eu idealizava.

Você teve alguma hesitação, dúvida ou medo antes de se mudar?

Não, foi fluindo. Eu não tive nenhuma hesitação em vir morar aqui. Logo quando cheguei, morei no alojamento (na casa do lago, depois aqui, nessa casa morava uma família que construíram essa casa aqui, era a Carol o Igor e os dois filhos, e eu já tava a quase um ano aqui, e eles passaram em um concurso e conversaram comigo, (eles passaram em um concurso e foram pra floripa, logo aluguei a casa), aí foi bem diferente, muito mais tranquilo, porque na verdade eu sinto e percebi que é importante pra mim eu ter minha privacidade e isso é bem importante pra mim.

Por que viver em um lugar diferente do restante da cidade?

Bom, eu acho que uma coisa muito importante aqui é, eu ia dizer a proximidade com a natureza mas a gente tá morando dentro dela, e isso é uma coisa bem importante pra mim, eu já tive a oportunidade de morar dois anos no Rio de Janeiro e eu valorizo muito a natureza e o sossego, e eu percebo hoje mais claramente, porque quando eu tenho que ir à Porto Alegre eventualmente, eu fico muito dois dias bem, já no terceiro dia eu já não tenho mais disposição para tanto trânsito, tanta poluição e paranóia eu acho que a vida aqui é muito mais humana, e a vida urbana em uma cidade grande é mais desumana, então as pessoas vão se afastando, se fechando em suas vidas, desenvolvendo medos uma certa paranóia, eu tô generalizando mas é muito o que eu

vejo, e aqui acho que a principal questão é a proximidade com a natureza, e também o que é muito importante pra mim é somar e fazer trabalhos com outras pessoas, compartilhar planos, ideias, ferramentas, recursos isso é uma coisa que pra mim tem um valor bem grande.

Tu já conhecia a Permacultura?

Eu conheci basicamente da internet, mas também quando eu morei em Bagé em 2005, 2006, eu conheci o ipep, que é o instituto da permacultura do pampa (hoje rama permacultura), então lá que eu conheci mais de perto, vi as construções, conheci um pouco dos métodos de produção de alimentos, a filosofia também. No meu entendimento a humanidade precisa achar uma forma de vida que se aproxime mais da natureza e que use menos recursos energéticos de alto impacto, acho que isso é inviável o modo urbano de grandes urbanizações.

Qual é o maior aprendizado em morar em uma ecovila? e o maior desafio?

O maior aprendizado é o aprendizado das relações humanas, de como a gente se comunica, de como a gente identifica objetivos comuns, acho isso muito importante em uma comunidade. Isso foi uma das coisas que eu vi logo que eu cheguei aqui, isso eu via bem, bastante aqui, e me parece que isso a partir de um certo momento começou a se desintegrar, ou isso já estava se desintegrando e eu acho que isso é o mais importante, a questão de ter um objetivo ou alguns objetivos em comum e bem claros, e eu vejo a necessidade de periodicamente trazer alguém de fora que possa ajudar nessa revisão periódica desses objetivos desse alinhamento, desses propósitos e dessas alinhações.

Qual o sentimento que a Arca te provoca atualmente?

Atualmente, eu percebo um processo de desintegração bem grande acontecendo aqui, então também me parece assim que uma grande parte das pessoas percebem essa dificuldade presente, e me parece também que a maioria das pessoas não tem disposição pra rever, revisar, procurar ajuda pra consertar isso sabe. Hoje eu me vejo,

estou em um momento muito interessado em procurar uma terra, um sítio, algum lugar pra mim particular ou compor talvez um outro grupo em outro lugar. Mesmo que seja mais viável nesse momento ter um lugar particular, uma terra eu ainda continuo na ideia e objetivo de compartilhar um lugar com outras pessoas mais adiante em outro momento. E pra mim é muito importante também, que essa comunidade/esse grupo interage e troque com o entorno, com o município, é importante que esse lugar preste um serviço. Não vejo a Arca nesse momento com disposição e energia pra fazer isso, e tenho a impressão que isso poderia ser uma coisa muito legal pra dar uma renovada na energia do grupo.

APÊNDICE D – DISCURSO DOS EX-MORADORES

EX- MORADORA 1

Nome: Alice

Idade: 33 anos

Cidade de origem: Rio de Janeiro

Formação: Turismóloga e agrofloresteira

Tempo na Arca: Chegou em 2012 e morou 2 anos, se mudou em em 2016 e ficou por mais 5 anos

História antes de ir para Arca Verde

Morei toda a vida no Rio de Janeiro até ir morar no mato em 2010, fiquei nessa experiência por 1 ano, mas vi que precisava aprender mais sobre a vida rural. Foi aí que conheci a Permacultura e fiz meu primeiro PDC em 2012 no Mato Grosso do Sul. Ali ouvi pela primeira vez sobre a Arca Verde. Ao terminar a faculdade no mesmo ano, comecei uma viagem para fazer voluntariados em fazendas e sítios orgânicos e/ou permaculturais. Comecei essa viagem pela Arca e dali fiquei... me apaixonei pela vida comunitária, em viver perto diariamente de outras pessoas...fui cada dia valorizando mais os processos que precisamos mergulhar para estarmos dispostos aos encontros com o outro. Lá tive meu primeiro filho, num parto sereno em casa junto à minha vizinha parteira e minhas comadres e companheiro. A Arca na época tinha uma organização do dia a dia que funcionava, uma economia bem estruturada e muita possibilidade de aprendizados. A primeira vez que fui embora, decidimos ir morar no centro budista (cebb), pelas nossas práticas e por ter uma escola lá. Infelizmente senti falta da vivência comunitária e decidi procurar outra comunidade... pelas idas e vindas voltei pra Arca e nesse período tive minha segunda filha e me sentia muito conectada com aquele momento comunitário: pessoas construindo suas casas e ocupando os terrenos particulares, cursos bem sucedidos, o início do projeto da escola... tudo conspirava para amar estar naquele lugar, materializar meus projetos. Entrei numa formação em Pedagogia Waldorf pelo meu amor às crianças e necessidade de aprofundamento nessa temática... comecei a sentir dificuldade no não "crescimento" estrutural e até na pouca manutenção da estrutura física e isso julgo que também tinha a ver com diversas divergências entre as pessoas que moravam ali.

Como você foi parar na Arca Verde? Por quais motivos você foi morar em uma ecovila, e porque escolheu essa no interior do Rio Grande do Sul? / Por que você achou necessário viver em um lugar diferente do restante da cidade? Porque uma ecovila?

A decisão de não morar mais em uma cidade grande e mudar o contexto pra um ambiente rural é pelo amor à natureza, poder estar mais pertinho dos seus ciclos e fluxos, pela prática de realmente ver um salto na minha qualidade de vida e na qualidade das minhas relações com outros humanos

Qual foi o maior aprendizado em morar em uma grande comunidade? e qual foi o maior desafio?

Com certeza foi o desenvolvimento desse amor humano, porque eu acho que cada um morando na sua casa, na sua vida e não ter essa experiência de estar sempre tocando outras realidades né, estar sempre interagindo com outros seres humanos intensamente como é na Arca, porque não é toda comunidade que tem essa vida tão forte e tão viva, então estimulada mesmo, até pela rotina da semana mais dividida ali, então acho que meu maior aprendizado foi essa super convivência e esse desenvolvimento do amor humano porque depois disso com certeza o meu objetivo é estar morando perto e próximo de outras pessoas, tendo essa vivência comunitária no meu dia a dia é muito rico e é aquilo da gente não se sentir sozinho, da gente se sentir parte de uma aldeia. E o maior desafio também foi estar convivendo com outras pessoas, porque não é só a coisa de eu gosto dela ou não gosto dele, mas é o quão desafiante é também colocar os nossos limites né, a partir dessa vivência muito intensa, a gente colocar limites do tipo “eu me conecto com você, eu interajo com todos, mas eu também tenho minhas preferências de troca né”, então acho que isso foi uma grande questão até pela coisa da hierarquia, eu senti que apesar de ser uma associação de ser uma coisa que tenta a horizontalidade, tinha uma pessoa né, que enchia o saco, que era chata, que estava sempre boicotando os processos da comunidade, era quase uma pessoa aparte do que eu via como comunidade, só que aí é difícil estar na comunidade e estar excluindo porque a outra pessoa quer tomar conta e quer falar a última palavra como se fosse “pai da família tradicional brasileira”,

então é como se a Arca tinha um dono, um pai e isso era um saco, muito chato, não era um incômodo pessoal meu, era um incômodo quase geral, então era mais chato ainda porque todo mundo estava naquela triangulação e muitas vezes falando na cara também e vários conflitos.

Que sentimento a Arca te provocou durante sua morada?

Eu acho que foi esse amor humano mesmo, de desenvolver isso de apesar de eu ter divergências, talvez muitas pessoas que estavam ali não seriam minha rede de amigos mas por a gente estar ali, acabava que era e isso é muito rico né, do tipo não estou escolhendo viver com você mas estamos vivendo juntos então era como “vamos ver o que a gente tem em comum, o que a gente tem pra enriquecer um ao outro mesmo se estivéssemos em outro contexto” então isso foi rico

Por que você decidiu sair da Arca Verde?

Eu senti falta de um maior poder de decisão em alguns pontos, esse foi um dos motivos que me levaram a criar o movimento de sair da Arca. O frio extremo é algo que sempre me fez sofrer muito (poxa sou carioca que ama praia e calor) e o ritmo de crescimento das plantas (comecei a trabalhar com agrofloresta com foco em plantas medicinais e aromáticas. E também a minha indisposição de aceitar formas hierarquizadas de um morador que sempre manteve a postura de "dono" da Arca... inúmeras vezes gerando atritos, processos longuíssimos de partilhas comunitárias, e teve um dia que eu decidi: não quero mais dividir minha vida com essa pessoa. E conspirou de aparecer um sítio e fomos minha família e eu morar no litoral de SC.

EX-MORADORA 2

Nome: Joana

Idade: 27 anos

Cidade de origem: Carlos Barbosa

Formação: Gestora Ambiental, atualmente trabalha em uma loja, auxiliar administrativa

Tempo de entrada na Arca: 2 anos

História antes de ir para Arca Verde:

Muitas pessoas já tinham me falado da Arca, do tipo “vai lá, vai curtir que é tua cara”, e eu demorei pra conseguir ir, até que eu vi que teve um momento que eles anunciaram curso de agrofloresta e voluntariado, e eu pensei por que não né? Vou me inscrever e super achando que não ia rolar, e no fim rolou, na época eu trabalhava, então foi toda uma função pra eu conseguir ter essa experiência na Arca, e quando eu cheguei lá me encantei, me apaixonei, foi uma experiência bem intensa, dessas de virar a chavinha mesmo. Eu já tinha feito outros cursos de bioconstrução, que estavam relacionados com a permacultura e eu sou formada em gestão ambiental então tem um certo contexto, mas antes de ir pra Arca eu estava em um momento mais estável, eu estava trabalhando a muito tempo no mesmo lugar eu também estava em um relacionamento de vários anos e também estava estudando, tudo junto, e eu tava com aquela coisa de estar sufocada queria mudar de vida, e eu acho que esse curso e o voluntariado que fiz foi a chave pra pegar e mudar, porque eu vi que tinha outras formas de levar a vida né, há outras formas, é aquela história, não é só pagar contas e fazer mais nada, era sobre ter algum propósito e aí foi isso, depois que eu fiz esse curso, logo na sequência eu fui visitar de novo e depois depois da segunda visita já fui pra morar porque a pandemia já tinha começado né e aí foi meio que vai ou racha, eu já sabia que eu ia morar lá porque já estava sendo encaminhado esse processo de moradia, só que com a pandemia fez eu correr mais rápido né, pra chegar logo.

Como você foi parar na Arca Verde? Por quais motivos você foi morar em uma ecovila, e porque escolheu essa no interior do Rio Grande do Sul?

Eu escolhi a Arca pela experiência, eu já tinha pessoas conhecidas em São Chico, e era mais próximo de onde eu estava, então não foi algo pensado digamos de “vou morar em uma ecovila, vou escolher uma aqui”, foi amor a primeira vista, conheci e era algo que me movia muito, que me mexia muito, fazia sentido, e eu só fui, na verdade o processo de integração foi bem rápido porque sempre foi mais longo, então foi bem rápido e bem fluído.

Qual foi o maior aprendizado em morar em uma grande comunidade? e qual foi o maior desafio?

Certamente pra mim tá relacionado na convivência com as pessoas, porque quando me mudei era pandemia e o fortalecimento que a gente teve, que eu senti estando ali, com as pessoas que estavam lá naquele momento foi surreal, porque enquanto estava todo mundo recluso e fechado nós na Arca estávamos podendo se abraçar, tipo, teve aulas de teatro com a Bel. Acho que o desenvolvimento das relações sabe, das comunicações, de como tu se apresenta pra outra pessoa, de como tu se posiciona, pra mim foi um aprendizado muito importante, que até hoje olhando pra trás eu vejo como consegui desenvolver isso lá, porque as mesmo tempo que tu compartilha momentos maravilhosos, tem as relações de conflito também, e eu por questões minhas da vida, eu tinha e ainda tenho uma certa dificuldade às vezes de estar lidando com várias pessoas, então isso pra mim foi um aprendizado de muito valor e de tu perceber que realmente tu não está sozinho, quanto mais unidos mais fortes somos, é um aprendizado muito claro estando lá, e o maior desafio se relaciona a isso também, porque tu tem que ter um jogo de cintura para as coisas acontecerem, as vezes o que é importante pra mim, não é importante pra outra pessoa, então ver como tu bota isso na balança então esse é o grande desafio, de realmente lidar com as pessoas, tanto que depois eu tive experiências em outras comunidades, eu fui morar/passar um tempo em uma comunidade na Bahia e agora eu moro em uma comunidade urbana e eu percebo o quanto é latente essa questão, muda o cenário mas as questões são as mesmas sabe, por mais que era uma em São Chico, outra na Bahia outra aqui no centro de Porto Alegre, eu vejo que tudo é atrelado a como as situações de repetem né, então comunidades são mini cidades, pra ti gerir isso tem o desafio de prosseguir em equilíbrio levando todos em consideração, vendo o que faz sentido ou não , vendo qual é o propósito, qual que a cola que une essas pessoas.

Por que você achou necessário viver em um lugar diferente do restante da cidade? Porque uma ecovila?

Isso foi uma coisa que me veio depois, quando eu já morava na Arca e que até pra uma outra pessoa que tava estudando comunidades eu acabei falando essa mesma

coisa, de que como o ambiente molda a gente né, isso fica muito nítido estando na Arca por exemplo, e agora eu estando em Porto Alegre, os nossos hábitos, de como nós somos moldados por isso,então acabou que fez todo o sentido né, eu estava precisando mudar de vida, seu sempre fui conectada com a natureza, calmaria, então pra mim foi perfeito né e pra mim tem a questão de que eu fui quando era pandemia também, então por exemplo, eu acho que a vivência que eu tive é diferente de quem já vive lá a mais tempo, que viveu a Arca antes da pandemia, então isso já muda bastante, ao mesmo tempo que foi uma escolha que fazia total sentido pra mim porque eu queria mudar de vida, vi que lá eu teria uma oportunidade de comprovar “vamos viver esse outro lado da moeda né” me senti segura e na verdade foi isso né, não foi por ser uma ecovila ou não, foi mais pelo o que senti lá, o que reverberou, o que fez sentido pra mim.

Como conheceu a Permacultura?

Alguns anos antes de ir pra Arca acho que foi em 2016 eu já havia feito um curso de bioconstrução e a partir disso eu comecei a ler mais, fui pesquisando, fui lendo, na própria Arca acabei estudando mais, ele é um assunto que acaba tendo um leque muito grande, então as vezes tu tá estudando tu tá tendo uma visão permacultural das coisas e só não tem noção de que isso é permacultura.

Que sentimento a Arca te provocou durante sua morada?

Os mais variados possíveis e intensos, porque não é só morar na Arca né, é o convívio das pessoas enquanto eu estava lá na Arca também, enquanto eu estava lá acabei entrando em um relacionamento, então bastante coisa estavam acontecendo naquele período, mas com certeza pode até parecer clichê mas é o sentimento de muita gratidão, os aprendizados que tive alí foram únicos, uma experiência única de vida eu percebo, e de muito amor de pertencimento, e também me provocou sentimentos desafiadores né, pelo convívio com as pessoas às vezes eu tinha raiva, eu tinha impaciência, então vai de 8 à 80 às vezes, mas no geral são sentimentos mais positivos do que negativos, entre amigos que fiz na arca a gente comenta que a Arca é um organismo vivo e as pessoas que fazem parte de lá, fazem parte de fazer as coisas acontecerem pra fazer funcionar e não morrer né, então a Arca é como se

tivesse sua vida própria, tem sua alma, vejo tudo com muito respeito e por isso muita gratidão, é uma experiência incrível estar lá.

Por que você decidiu sair da Arca Verde?

Bom, é uma experiência incrível estar lá e ter estado lá, eu não moro mais lá mas mantenho um vínculo é muito estar lá, é bem nostálgico, eu sai pouco tempo na verdade, foi esse ano, e eu decidi sair porque novamente eu estava naquele momento de buscar novos horizontes, tanto é que a Arca está passando por um momento difícil, é aquilo né, chegou a pandemia daí acabou tendo uma quebra alí né, na rotina de como acontecia de como era sustentável lá né, com os cursos, os voluntariados as visitas e enfim. Aí pra mim também teve a questão financeira né, teve um momento que como eu não tinha um trabalho online eu precisava fazer outras coisas, precisava juntar dinheiro também, então uniu essas coisas, de eu precisar de dinheiro, eu querer vivenciar outras coisas na vida que eu não estaria em condição estando em São Chico e também o fim de um relacionamento, foi uma junção de coisas pra eu sair.

EX-MORADOR 3

Nome: Teodoro

Idade: 40 anos

Cidade de origem: Porto Alegre

Formação: Fungicultura

Tempo de entrada na Arca: 2017

Saída da Arca: 2021 - janeiro

História antes de ir pra Arca:

Sempre morei em Porto Alegre, nasci e me criei em uma família com certos privilégios, tive aquela coisa que chamam de boa educação né, estudei administração apesar de não ter me formado, me dediquei a yoga, já fui professor de yoga, desenvolvi uma carreira com marketing meio corporativa e agencia de marketing internacional. A partir

de um ponto isso acabou não fazendo mais sentido, e aí eu comecei a me conectar com coisas diferentes, comecei a me conectar com o dragon dreaming, sociocracia, círculos de construções de paz, comunicação não-violenta, e a partir disso eu conheci a Arca Verde, mudou minha vida. Eu costumo brincar que na minha vida antiga eu tinha uma carreira de marketing, e aí fui na zona rural e eu vi que era um desejo, e eu tinha um vínculo afetivo de contexto rural de passar as férias na casa dos avós no interior, o cheirinho de fogão à lenha, aquela coisa que é muito boa e até hoje quase faz aquele fogo e vem aquele cheiro defumado vem essas memórias afetivas. Fui fazendo amizades na Arca, me aproximando e fui morar lá. Devido as ferramentas de estudos sociais se abriu um campo de estudo que é uma paixão hoje e levo comigo que é o universo funghi. Lá eu comecei a fazer o cultivo de cogumelos e também estudar cogumelos silvestres, hoje majoritariamente eu trabalho com cogumelos silvestres, é o que me dá prazer é é minha maior geração de renda, foi um processo né de sair daqueles moldes de segunda à sexta das 8 às 18:00 e até de se libertar internamente, hoje meu trabalho é muito diferente, propicia a criação de espaços de trabalho e de ósseo ou de atividades que não tem o fim de uma remuneração bem diversificada e ampla ,também me dedico muito ao estudo e prática do Aikido há alguns anos, meditação e enfim, e em algum momento começou a não fazer mais sentido morar na Arca, é muito lindo o experimento a investigação o espelho do outro e a possibilidade das potências do coletivo, mas também o dreno do coletivo, e então em algum momento começou a não fazer mais sentido isso, fazer uma reunião pra ver se a cerca era dois metros mais pra direito ou dois metros mais pra esquerda, nesse meio tempo acabei me conectando com uma outra moradora lá na Arca a gente teve uma filha e a gente saiu de lá juntos, aí viemos pra um sítio aqui em Paulo Lopes-SC, pra desenvolver nossas atividades e nós tendo mais autonomia né, um lugar próximo de onde já tínhamos amigos e tal, também parte da minha família mora em Garopaba, no meio do caminho a gente desfez nossa parceria e hoje em dia eu moro aqui, desenvolvo esse lugar. Em relação à ter uma paternidade tão intensa, pela idade da minha filha, a cada dois meses ela fica comigo e pra mim é bem difícil estar desenvolvendo a atividade de cultivos de cogumelos, então eu fico bem focado no projeto mesmo, de cogumelos silvestres que são projetos pontuais né, aí eu consigo desenvolver essa atividade.

Como você foi parar na Arca Verde? Por quais motivos você foi morar em uma ecovila, e porque escolheu essa no interior do Rio Grande do Sul?

Eu descobri a Arca Verde em um momento onde eu estava bem estafado já no meu trabalho de marketing, eu estava em uma excelente posição na empresa com o caminho todo aberto na parte gerencial e tava com o caminho pra diretoria aberto, tava ganhando bem mas também estava de saco cheio, a posição gerencial é bem desgastante, de um lado tu tem uma equipe pra gerenciar anseios e desejos dessa equipe, e por outro lado tu tem a diretoria os anseios e desejos deles, esse elo, e eu já não queria trabalhar pra fortalecer trabalhos e dados de comércio, eu já tava lendo sobre bioconstrução. E eu pensava “nossa como eu vou sair disso não tá mais sustentável, vou aproveitar que estou ganhando bem e fazer alguns cursos que eu nem sei direito o que são pra abrir conexões aqui e ter perspectivas e aí vai sair algo interessante” daí eu fui parar na Arca, eu tava pesquisando sobre Bioconstrução, daí veio o site da Arca Verde e no primeiro acesso li todo o site, todo conteúdo e vi que tinha a divulgação de um curso de dragon dreaming, me increvi e fui né, e foi algo que fez tanto sentido e preencheu um aspecto que estava sem solução internamente, que após o curso eu pedi demissão (haha), vi a Arca em três dias vi todas as possibilidades e pedi demissão, e a partir disso já fui buscar aprofundamento nessa abordagem de dragon dreaming, me desliguei da empresa fui buscar outras ferramentas, outras formações nessa área assim de questão de projetos colaborativos e colaboração em si, e fui me aproximando da Arca, seja pelos projetos de dragon dreaming que haviam lá com a ecovila, fazendo amizades e foi assim que conheci a Arca.

Qual foi o maior aprendizado em morar em uma grande comunidade? e qual foi o maior desafio?

São muitos aprendizados né, é difícil elencar o maior, mas eu acho que é respeitar o processo do indivíduo, tem a questão do encontro do coletivo e mesmo assim tem o momento de cada pessoa e entender que assim como eu, passo por processos de luz e de sombra, cada pessoa tá passando por isso à cada instante né, e os encontros advêm dessa sincronicidade ou descompasso né, a qualidade dos encontros, então

acho que isso é um grande aprendizado de buscar acolher o momento de cada pessoa e sua jornada, aceitar isso né, não forçar a barra em relação à isso né, e não forçar a barra comigo mesmo, é um grande aprendizado que da mesma forma é um grande desafio, porque não só em mim, eu pude ver em outras pessoas no início que pode parecer uma grande lua de mel, “aí tem as dificuldades e não sei o que, depois tem o não aceito se não for desse jeito eu não pilho a fazer” aí ou morre e renasce outras coisas ou afunda totalmente, ou nasce um sentimento de comunidade verdadeira, mas acho que o maior desafio é acolher as sombras de outros indivíduos dependendo de como estão se manifestando é muito desafiador, tem que ter vontade mesmo de aguentar e fritar junto, aquilo que pra mim muitas vezes é um dreno mesmo, que faz da vivência comunitária uma terapia de si, então é bom desromatizar assim, é fabuloso um experimento incrível de vanguarda mesmo mas recriar comunidade né, uma ferida de nosso tempo.

Por que você achou necessário viver em um lugar diferente do restante da cidade? Porque uma ecovila?

Hoje em dia eu moro em um sítio porque pensei “chega de ecovila”, mas hoje em dia eu vejo que é importante estar em comunidade estar perto das pessoas às quais tu tem possibilidade de estar aprofundando, navegando certas temáticas. Eu acho que toda generalização é perniciosa né, mas acho que tem a tendencia de ser muito grande no centro urbano, seja a iluminação pública à noite que ofusca a luz do luar, e isso não é só a questão do romantismo, tem relação à processos químicos de pineal, produções de serotonina e outras coisas e uma temática complexa assim, uma conexão com os alimentos também, os alimentos chegam nas bancas das feiras e supermercados sempre bonitas, saíram do pé ou saíram de uma câmara fria né. Então há uma desconexão com os ciclos da natureza, tem um termo que se usa no ciclonário da paz, da galera que estuda o calendário maia é a tecnosfera que é o ser humano conectado a um ritmo artificial, enquanto a biosfera é a camada da vida com seu ritmo natural, seus ciclos, então acho que ir para a zona rural convida a uma reconexão, e essa reconexão externa provoca uma conexão interna e facilita, cria um ambiente mais fértil pra isso, quando você tá em um sítio isso pode muito bem acontecer, como estando em uma ecovila pode ter um elemento de apoio mútuo, as pessoas lá estão buscando um propósito, um sentido disso.

Que sentimento a Arca te provocou durante sua morada?

Nossa, um tubilhão de sentimentos, alegria, completude, satisfação por estar vivendo uma coisa que é tão esnobado pela cidade ou em alguns encontros humanos, mas também raiva, um certo ódio de alguns comportamentos e tive a maior alegria do mundo, nossa filha nasceu na nossa cama, tivemos o parto em casa, acho que a maior alegria do mundo eu vivi lá. Mas é isso é um misto de sentimentos de coisas.

Por que você decidiu sair da Arca Verde?

Acho que eu já respondi um pouco mas posso trazer de novo, foi pelo dreno energético de alguns moradores confundindo um processo comunitário, de um projeto alí, com questões pessoais e foi muita sombra, acho que teve um momento que assim, acho que dependendo do tamanho que a sombra tá ela precisa procurar um terapeuta ao invés de sair bagunçando o processo comunitário, ainda mais quando a pessoa é uma moradora muito antiga, a moradora mais antiga do projeto, então isso, busca de autonomia. O período da Arca foi muito importante pra eu fazer essa reconexão, a partir disso estabelecido a reconexão acho que sair da Arca também foi aceitar que eu posso continuar vivendo essa conexão sem necessariamente estar dentro de um projeto que não fazia mais sentido, os ultimos dois anos com o advento da pandemia bem no meio do caminho acentuou bem grande e um nível de entropia bem grande que eu conhecia de início. Então é isso, vontade de ter algumas clarezas e não encontrar muitas conversas, as minhas ideias e aquilo que não estava acontecendo e não acontecia.

EX-MORADOR 4

Nome: Fabiana

Idade: 39 anos

Cidade de origem: Vale do Sol

Formação: Superior incompleto (história)

Ano de entrada na Arca: 2014

Saída da Arca: 2021 - Durante a pandemia

História antes de entrar na Arca:

Em cresci na zona rural, meus pais são agricultores, minha família tanto paterna quanto materna é de colonização alemã, de agricultores até a minha geração, ainda continua, meus irmãos também são, são agricultores convencionais, aderiram a revolução verde e eu não tinha perspectiva de viver no interior, então eu saí bem jovem, fui pra cidade grande, fui morar em Porto Alegre, na região metropolitana e aspirando também em fazer uma faculdade, porém os trabalhos me exigiam muito, me desgastaram muito, então eu não consegui levar as duas coisas juntas e acabei optando pela manutenção da minha sobrevivência, precisava trabalhar pra pagar minhas contas e era um ciclo o qual eu não conseguia sair, não me trazia perspectiva no mesmo tempo eu nunca comprei essa proposta mercadológica e nunca me inspirei ou desejei promoções que me tiravam mais tempo, me tirassem mais tempo, mais energia e acabei ficando em depressão, sem perspectiva de futuro, e em dado momento acabei entrando em contato com a galera da agroecologia que me trouxe outra perspectiva em relação à terra, ao meio ambiente, entrei em contato com algumas filosofias espiritualistas, com a meditação, então comecei a fazer um movimento de retorno, uma vida mais orgânica e mais natural, com menos pressões e menos cobranças, então eu comecei a fazer esse movimento de retorno, indo a Viamão que já tinha essa prática de estar lidando com a terra, com a agricultura, com a agroecologia, entrei em contato com a xamanismo e a ayuasca, muita gente começou assim eu acredito, e através dessas buscas, foi fazendo mais sentido esse movimento de retorno assim, e por curiosidade fiz um voluntariado na Arca, e em algum momento despretensiosamente em uma visita acabei ficando mais, me identificando mais, pra mim foi fazendo muito sentido a visão da permacultura, porque é uma visão que integra todos os seres, integra o ser humano em diversas formas de estar no mundo, então estar em grupo que tinha essa visão. tinha essa visão ecológica, estar buscando práticas ecológicas a vida cotidiana fez muito sentido, porque me machucava muito estar adepta ao sistema, estar consumindo os bens, que tudo vem com muito lixo, em uma lógica de exploração, escravização, que traz abundância e riqueza pra poucas pessoas e a maioria das pessoas que fazem prática dos ciclos de consumo estão pobres, então isso me trazia sofrimento, e estar na Arca foi entrar em uma bolha onde as pessoas estavam propostas a viver uma vida diferente, não totalmente fora, mas buscando, vivendo outras alternativas, e uma coisa

muito legal e empoderadora foi participar do processo econômico da Arca, a questão da gente tá criando conteúdo, da gente trabalhar educação ambiental, e tá vendo um modo de vida daquela comunidade pra outras pessoas que estavam comprando terra, porque muita gente da Arca são neorurais também, na estão sair da cidade comprar um sítio e tal, e então eu fui me identificando com isso né, a questão de que o trabalho de todo mundo vale igual, quem da ula, quem limpa banheiro, quem limpa cozinha, ganha o mesmo valor, um dia eu tô fazendo uma oficina, um dia eu tô limpando o banheiro, outro estou cozinhando e assim por diante. E todas as pessoas participando nessas tomadas de decisões, então é uma coisa mais horizontal né, que é algo que faz muito mais sentido pra mim, então foi isso que me atraiu pra Arca.

Qual foi o maior aprendizado em morar em uma grande comunidade? e qual foi o maior desafio?

O maior aprendizado é que é possível se a gente quiser, viver em cooperação de uma forma em que todas as pessoas possam se beneficiar e se alguém não se beneficia de alguma decisão, ter essa oportunidade de olhar pra essa pessoa, ou de ser ouvido, e de dar visibilidade pra esse processo, porque normalmente não é assim que acontece né, e então pra mim é mais essa cooperação, essa participação mais conciente de uma comunidade, acho que esse foi um grande aprendizado, também outro foi o autoconhecimento que como no caso da Arca, as pessoas conviviam bastante juntas, então também surgiam grandes desafios, então o maior aprendizado veio pela convivência e os maiores desafios vieram pela convivência, então a convivência ela mostra com o tempo muitas coisas, e o aprendizado foi buscar diluir essas diferenças e estar sempre buscando o que nos une, o que temos em comum, eu não diria que a maior parte do tempo o coletivo teve sucesso nessas diferenças, porque elas surgem com muita frequência né, então a gente aprende a lidar, quando a gente está incomodado, chateado com alguém, a gente tende a se isolar né, e quando tu está em uma comunidade, isso não é opção, então tu precisa continuar convivendo com a pessoa pra ter parcerias. É o aprendizado da convivência de lidar com a diferença e o maior desafio também veio da própria convivência.

Por que você achou necessário viver em um lugar diferente do restante da cidade? Porque uma ecovila?

Bom, em primeiro lugar eu penso que uma comunidade intencional ela é uma opção, uma solução, que não é possível, não é acessível pra todos e acredito que não vai ser uma solução pra todo mundo, mas eu acho que é uma realidade possível né, uma alternativa possível, que tem as experiências desse coletivo que são muito pequenas em relação ao todo que existe né, são experiências válidas, profundas. Eu não diria que é necessário, eu diria que uma possibilidade e eu acho que estar retirado da cidade é uma forma também de tu perceber o quão tóxico estão as aglomerações urbanas, então eu até digo que é uma questão de saúde muitas vezes, pra muitas pessoas, poluição visual, poluição sonora, um ar muito sujo, pessoas que não se olham nos olhos, é uma demanda muito grande né, o ambiente natural te dá a possibilidade de sair disso, muitas pessoas buscam essa realidade pra tratar questões de saúde mental e física também né, e a ecovila eu acho muito interessante porque tu não fica isolado né, a gente precisa uns dos outros e em uma ecovila a gente tem essa possibilidade de aumentar essa interdependência né, porque eu penso que a autosuficiência ela pode ser uma enganação né, porque ninguém é suficiente sozinho, a gente continua precisando dos outros, mas a gente precisa continuar precisando uns dos outros em uma lógica mais saudável também.

Qual o sentimento que a Arca te provocou durante sua morada?

Muitos, eu vivi bastante deslubrimento, encantamento, acessei novos potenciais, do tipo “eu posso fazer várias coisas diferentes, e também coisas do tipo, isso ajuda também a vida das pessoas” e isso é muito legal, porque tu pensa que tu tem que fazer uma jornada de herói pra fazer algo de relevante nesse mundo, e na verdade a gente pode fazer diferença, e mudar a vida das pessoas em coisas muito pequenas e uma das coisas que eu mais gosto assim, de estar em comunidade é da prática de cuidado com o outro, que é um dos pilares da permacultura, o aspecto do cuidar me trouxe bastante realização e ao mesmo tempo bastante angústia, porque as pessoas continuam tendo suas questões existenciais né, ninguém fica pleno e realizado porque chegou em uma meta específica né, então eu acessei muitos momentos de incerteza de despertamento, de revolta, todas as coisas que a gente vivencia assim acontecem em uma ecovila, mas eu acredito que com mais autenticidade sabe, menos opressão e mais liberdade de pensamento.

Por que você decidiu sair da Arca Verde?

Foi um processo longo, uma das coisas de quando começamos uma comunidade intencional a gente não sabe exatamente no que ela vai virar né, tem coisas que a gente pode controlar, “essa é a nossa visão, o que queremos, como podemos trabalhar pra que isso aconteça” mas tem coisas que tu não pode controlar, dependendo das pessoas que chegam e da demanda que surge e da urgência dessas demandas, as prioridades podem mudar, se tem uma construção coletiva, se tem um consentimento em relação a essa relação de prioridade, então as vezes algumas coisas podem comprometer teu pertencimento, tua relação de pertencimento, a forma de como uma comunidade, de uma integração por exemplo tá sendo feita, várias coisas, então tu pode chegar se sentindo super estar se sentindo estar naquele lugar e daqui 10 anos, 15 anos coisas que eram super importantes pra ti, não fazem mais sentido e não faz mais sentido tu estar ali. Vou te dar um pequeno exemplo de pessoas que se identificam muito com o veganismo ou vegetarianismo, daqui a pouco a comunidade vai assumindo uma postura que vai flexibilizando certos valores, não estou entrando em certo e errado, mas que pra daqui a pouco aquilo é muito importante pra pessoa e de repente não faz mais sentido estar ali. No meu caso a maternidade foi algo que foi possível de sonhar graças a Arca mas ao mesmo tempo, depois que eu me tornei mãe no contexto de pandemia pra mim, não tinha espaço pra mim e pra minha filha nas nossas demandas, nós estávamos em uma situação vulnerável e frágil, precisando de bastante acolhimento e assim, os protocolos pandêmicos não estavam sendo humanos, numa realidade de uma mãe solo puerpéria, precisando de ajuda, precisando de apoio, precisando se deslocar de ônibus em um contexto onde isolamento social era imperativo, então a comunidade começou a fazer exigências a qual eu tive como ancorar sabe, por exemplo, como pra mim mãe solo era muito importante ficar um tempo na casa da minha mãe e um tempo na comunidade, as duas possibilidades eram incompletas mas ambas se complementavam e no momento que chegou a pandemia, eu não pude mais escolher transitar em minhas redes de apoio na minha condição de deslocamento, então pra mim não era realista estar fazendo 14 dias de isolamento em um quarto sem ter acesso a espaços coletivos com uma criança de dois anos que não tem condição de entender que ela não pode tocar nas coisas e nas pessoas nos espaços coletivos, e

o coletivo não estava fortalecido, cinete de que estava precisando abraçar uma pessoa em uma condição vulnerável e se posicionar ou ao menos se sujeitar , correr alguns riscos pra viabilizar a permanência dessa pessoa que no caso era eu e minha filha, então isso foi me trazendo muita decepção com o coletivo e foi um luto bem profundo, tocou em coisas bem profundas minhas, mas também entendo que esse não foi um processo intencional e exclusão das pessoas, as pessoas como o coletivo estavam e ainda estão vulnerabilizadas e com dificuldades em se articular e se posicionar com posições delicadas e eu decidi sair da comunidade como associada, não foi um fator isolado mas tem outros fatores que eu não tenho como te trazer aqui, mas isso foi o empurraozinho.